

REVISTA EDIÇÃO Nº 104 | FEVEREIRO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA

PORC... LIVROS

DICAS PARA LEITURA
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
POEMAS, CONTOS
E MUITO MAIS...

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM

Lucas Pedrosa

AUTOR DO LIVRO *AURORA*, VENCEDOR DO
1º PRÊMIO LITERÁRIO REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ÍNDICE

CONTEÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Entrevista com Lucas Pedrosa, vencedor do 1º Prêmio Literário Revista Conexão Literatura, pág. 06**
- Resenha: Holly, de Stephen King, por Rafael Botter, pág. 13**
- Poema: Silogismo Poético, por Bert Jr., pág. 15**
- Poema: Crianças do Universo, por Sellma Luanny, pág. 16**
- Ausência digital, por Isa Oliveira, pág. 17**
- Poema: Presenças e ausências, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 22**
- Cantorias e pelejas, por Max Moreira, pág. 23**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 30**
- Dicas para leitura, pág. 37**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 38**
- Poema: Soneto triste, por Daniela Bloc, pág. 42**
- Verão 2, por Gianni Maria Carneiro, pág. 43**
- Poema: Pedir demais, por Daniela Onnis, pág. 46**
- Literatura para bebê: prosódia, afeto e memória, por Clarissa Machado, pág. 47**
- Textos de Flavio Joppert, pág. 53**
- Eu não tenho nada, por Marcos Antônio Silva Carneiro, pág. 60**
- Entrevista com Cristiane Henriques, pág. 61**
- Entrevista com Fábio Vinícius Primak, pág. 66**
- Entrevista com Fauno Mendonça, pág. 71**
- Entrevista com Kátia Colares Ribeiro, pág. 76**
- Entrevista com Monica Heinen, pág. 81**
- Entrevista com Renata Marinho, pág. 87**
- Entrevista com Simone Maryam, pág. 91**
- Entrevista com Luxor Kron, pág. 94**
- Entrevista com Silvana Marcussi, pág. 98**
- Citações de grandes autores, pág. 103**
- Conto: Outros, por Bert Jr., pág. 108**
- Conto: Na parada do ônibus, por Iraci J. Marin, pág. 114**
- Conto: A febre do ouro, por Idicampos, pág. 118**
- Conto: O silêncio, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 123**
- Conto: Vermelho tinto, por Roberto Schima, pág. 128**
- Conto: Passos para o cosmos, parte IV, por Sellma Luanny, pág. 137**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 149**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

ANA MIRANDA

“Ler é vagar por dentro de outra pessoa, experimentar o que é ser o outro, e até nos tornarmos o outro, naquele momento.”

JHUMPA LAHIRI

“Essa é a coisa sobre livros. Eles permitem que você viaje sem mover os pés.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA O NOSSO SITE: www.revistaconexaoliteratura.com.br

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit

CONTATO:  ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Nossa edição de nº 104, destaca o escritor Lucas Pedrosa, autor do livro *Aurora* e vencedor do 1º Prêmio Literário Revista Conexão Literatura. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

O leitor também poderá conferir diversos poemas, dicas de livros, entrevistas com escritores, contos e muito mais...

Para saber como participar da nossa edição de março/2024: **clique aqui**.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

EDITOR



Lucas Pedrosa

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

VOL. V

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE
VOL. V

E-BOOK

HISTÓRIAS E POEMAS
DE
TERROR

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui



“

ATUALMENTE, TENHO MAIS DE MIL LIVROS LIDOS NA VIDA. COMECEI A LER ROMANCES HÁ POUCOS ANOS ATRÁS. FIQUEI APAIXONADO PELA FICÇÃO CIENTÍFICA. TAMBÉM, SEMPRE GOSTEI DE ESCREVER

LUCAS PEDROSA



Lucas Pedrosa – Foto divulgação

Lucas Pedrosa nasceu no ano de 1993 no caloroso estado da Bahia. Atualmente reside em Sergipe. É um espírito explorador de realidades alternativas, graduado em geofísica e mestre em economia, ele já foi professor de física e matemática. Seu amor pela leitura foi plantado precocemente, quando devorou a Bíblia inteira aos 13 anos, e desde então consumiu mais de mil livros. Agora, Lucas dá vida a um novo universo, entrelaçando o planeta Terra, o sistema solar e as emoções humanas em uma trama instigante. Entre suas paixões além das estrelas, estão saborear uma cerveja gelada, explorar o mundo em suas viagens, se deliciar com animes e filmes, e se envolver nas batidas envolventes da música eletrônica.

ENTREVISTA

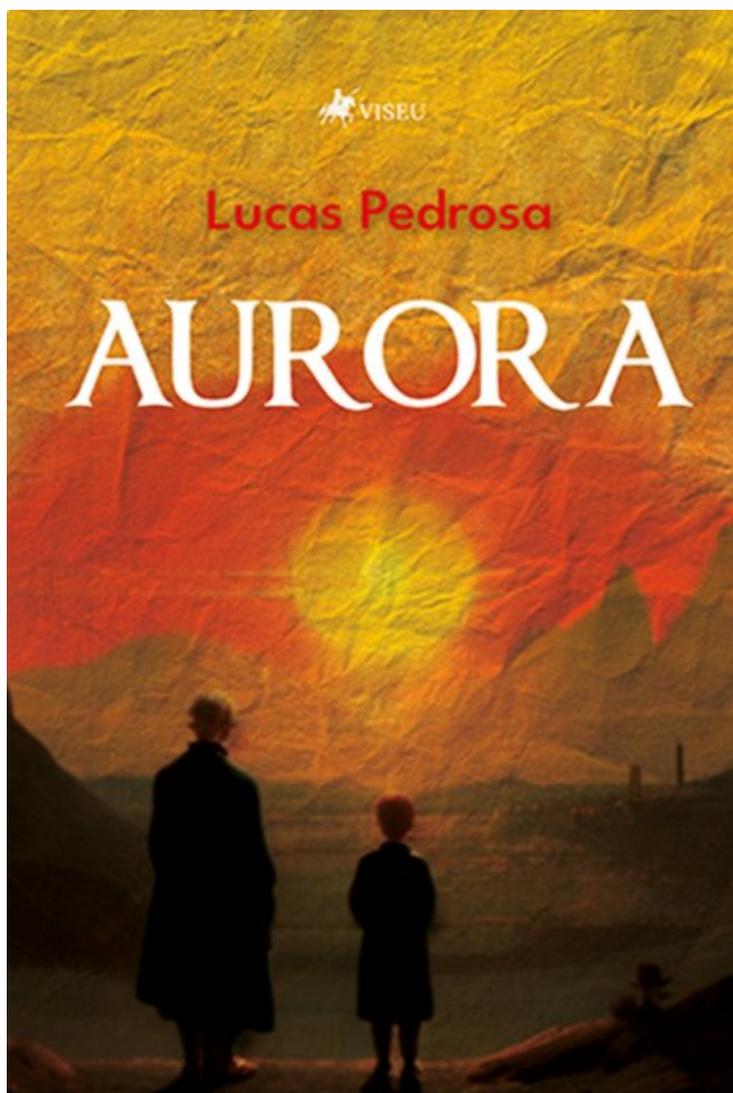
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Lucas Pedrosa: Eu sempre fui um leitor ávido desde criança. Li a Bíblia toda com treze anos de idade. Atualmente, tenho mais de mil livros lidos na vida. Comecei a ler romances há poucos anos atrás. Fiquei apaixonado pela ficção científica. Também, sempre gostei de escrever. Escrevia artigos de opinião em Economia e Políticas Públicas para alguns meios de comunicação. Voltando aos romances, alguns dos que eu lia, sempre chegava a imaginar que poderia ter dado um desfecho a história, ou mesmo um miolo, diferenciado, que fosse mais emocionante. Eu gosto de ler romances para sentir emoções

com a histórica, advindas da ação, do sentimento dos personagens e das reviravoltas. Assim, decidi escrever histórias que eu gostasse de ler, como as emoções que eu queria sentir se lesse essas históricas, com minha marca nelas. Assim, embarco bastante nas minhas histórias e tento nelas colocar os altos e baixos de emoções que adoro sentir quando leio romances.

Conexão Literatura: Entre dezenas de participantes, você foi o vencedor do 1º PRÊMIO LITERÁRIO REVISTA CONEXÃO LITERATURA. Poderia comentar?

Lucas Pedrosa: Foi muito gratificante ser comunicado do resultado. Os demais concorrentes também tinham muita qualidade nas suas obras e fiquei feliz em saber que tinha sido o vencedor. É o meu primeiro prêmio literário e espero realmente que seja o precursor de prêmios futuros que ainda posso vir a ter seguindo nessa carreira de escritor. Agradeço enormemente à Revista Conexão Literatura pela realização do concurso e por empregar esforços para divulgar nossas obras.



Conexão Literatura: Você é autor do livro AURORA. Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Lucas Pedrosa: O caminho pelo qual eu cheguei até o fim desse livro foi cheio de voltas, mas vou tentar resumir. A verdade é que eu já tinha dois ebooks escritos e publicados, mas eram de conteúdo técnico, um deles de Economia. Mas a inspiração para escrever um romance foi diferente. Trabalhei com um chefe que me inspirou bastante em começar a escrever, pois sempre elogiava os textos que eu produzia no trabalho, falando da qualidade de escrita. É interessante, pois sem esses elogios, talvez eu não tivesse a motivação para acreditar que poderia escrever um romance. Então, decidi que iria tentar escrever um romance de ficção científica e as ideias começaram a brotar. Tive inicialmente uma ideia de já escrever uma trilogia e até rascunhei muita coisa: criei enredo,

personagens e histórias. Todavia, pesquisando a história de romancistas de sucesso, percebi que raramente o primeiro livro deles era uma saga. A forma mais eficaz, de

acordo com o que pesquisei, de começar a se inserir nesse mercado e ter o trabalho conhecido, para eventualmente ter as chances de fechar bons contratos de escrita, era através de primeiros romances menores, nos quais os leitores que iriam conhecer o escritor estreante poderiam apostar mais sem preocupações. Assim, ano passado, mudei meu foco: em vez de escrever a trilogia, decidi escrever outro romance, mais curto e com volume único. Então surgiu a ideia de falar algo relacionado ao aquecimento global, que é um tema sempre presente. Minha formação em geofísica ajudou bastante nisso, afinal, apesar de nunca ter trabalhado especificamente na área, estudei muito os processos de aquecimento do planeta na faculdade. Assim, comecei a escrever e as ideias foram surgindo. Eu já sabia como seria o final, mas o miolo da história era desconhecido para mim: ele foi se deslindando na minha mente conforme fui escrevendo. As vezes parecia que os personagens tinham uma vida própria, independente do meu pensamento. A versão inicial do romance mudou bastante da versão final, mas não no que diz respeito ao enredo, que continuou quase intocado, mas na qualidade do texto, da narrativa e dos diálogos. Aprendi muito com todas as cinco revisões que fiz do texto. Deu um trabalho e tanto. Agora que está publicado, ainda sinto que poderia ter feito mais algumas revisões, mas deixaria isso para uma possível segunda edição.

Conexão Literatura: Por que ‘Aurora’?

Lucas Pedrosa: O nome se dá em conta do romance estar relacionado com o ciclo de atividade solar. O Sol é o objeto central e pungente da narrativa. Também, há um plot twist no romance cujo catalisar é o próprio Sol.

Conexão Literatura: Como você definiria a obra?

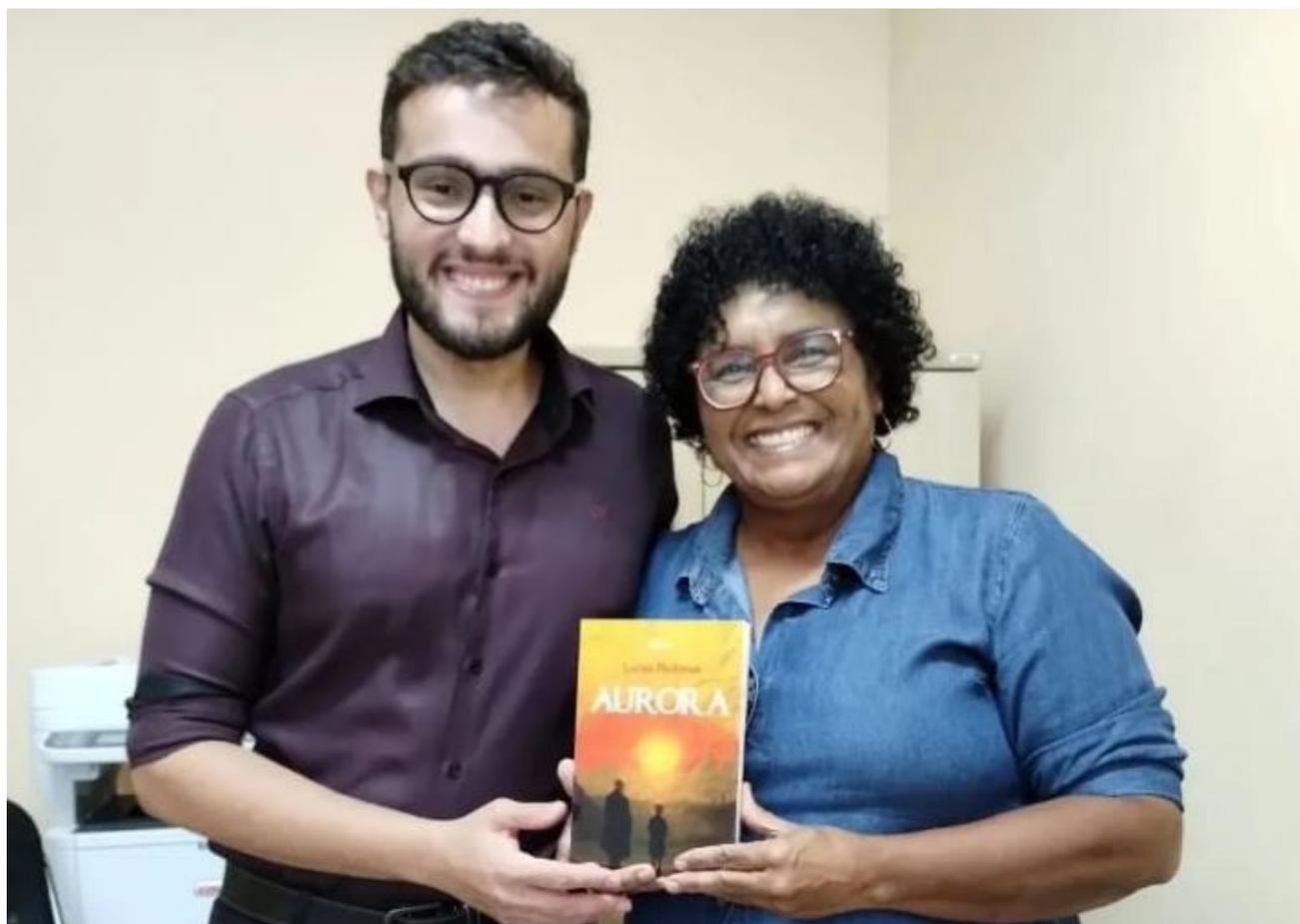
Lucas Pedrosa: A obra pode ser definida como uma ficção científica distópica que mistura elementos de problemas ambientais, avanços tecnológicos, exploração espacial, segredos governamentais e a exploração das complexidades dos sentimentos humanos. Ela parece ser uma história que convida os leitores a refletirem sobre o futuro da humanidade e do planeta Terra.

Conexão Literatura: Você diria que o livro é uma obra de ficção especulativa?

Lucas Pedrosa: Sim, com base na sinopse, o livro “Aurora” pode ser categorizado como uma obra de ficção especulativa, que é tecnicamente um gênero que abarca mais hipóteses que a ficção científica, porém no qual a própria ficção científica está inserida, uma vez que se passa em um futuro imaginário e explora questões relacionadas ao ambiente, à tecnologia e à exploração espacial.

Conexão Literatura: O que te levou a escrever e escolher esse tema para o livro?

Lucas Pedrosa: Os problemas recentes de aquecimento global e preocupações ambientais me foram um indutor para criar um cenário distópico que reflete essas questões. O aumento da temperatura global, o desmatamento desenfreado e as consequências dessas ações humanas são uma fonte de inspiração para abordar o tema no livro.



Lucas Pedrosa presenteando a colega de trabalho com o seu livro *Aurora*

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Lucas Pedrosa: Eu vou destacar o trecho, mas sem gerar spoilers, de uma fala de Quon em que ele finaliza dizendo: “Então, meu caro... a dor tem que ser sentida.” Esse trecho diz muito respeito a forma de tocar as frustrações que temos na vida. Faz muito sentimento para mim – para que a dor seja curada, ela precisa ser sentida.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Lucas Pedrosa: O livro está disponível para compra na Amazon, em versão digital e física. Também, tenho uma página no Instagram - @paginascosmicas – em que tento divulgar o que vem acontecendo na minha carreira literária.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Lucas Pedrosa: O começo de qualquer carreira é sempre difícil. Geralmente as portas vão estar fechadas até que efetivamente o valor da obra seja provado. E isso é um processo demorado. Eu me incluo ainda como um autor no início da carreira. Tenho esse livro que foi lançado a poucos meses, mas que ainda tem um longo caminho a trilhar até

de fato conseguir a repercussão desejada. Assim, acredito que talvez ainda não possa dar muitas dicas além de incentivar que persista no seu objetivo e seja resiliente, acreditando na qualidade do trabalho e que creia que a recompensa um dia virá, afinal, também estou ainda nesse processo. Ainda há um longo caminho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Lucas Pedrosa: Sim, existem. Concluí recentemente um original, em análise em algumas editoras, também de ficção científica hard, que envolve o reminescente da humanidade coloniza um planeta distante em virtude da destruição da Terra e acaba nele conhecendo uma espécie inteligente que modifica completamente o destino da nossa espécie. Também, estou escrevendo atualmente uma outra ficção científica hard com nuances de história fantástica, mais robusta – em palavras e cenas – que Aurora ou que esse segundo original já pronto. Pretendo que esse terceiro original seja o primeiro livro de uma saga.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Problema dos Três Corpos (Cixin Liu)

Um ator ou atriz: Selton Mello

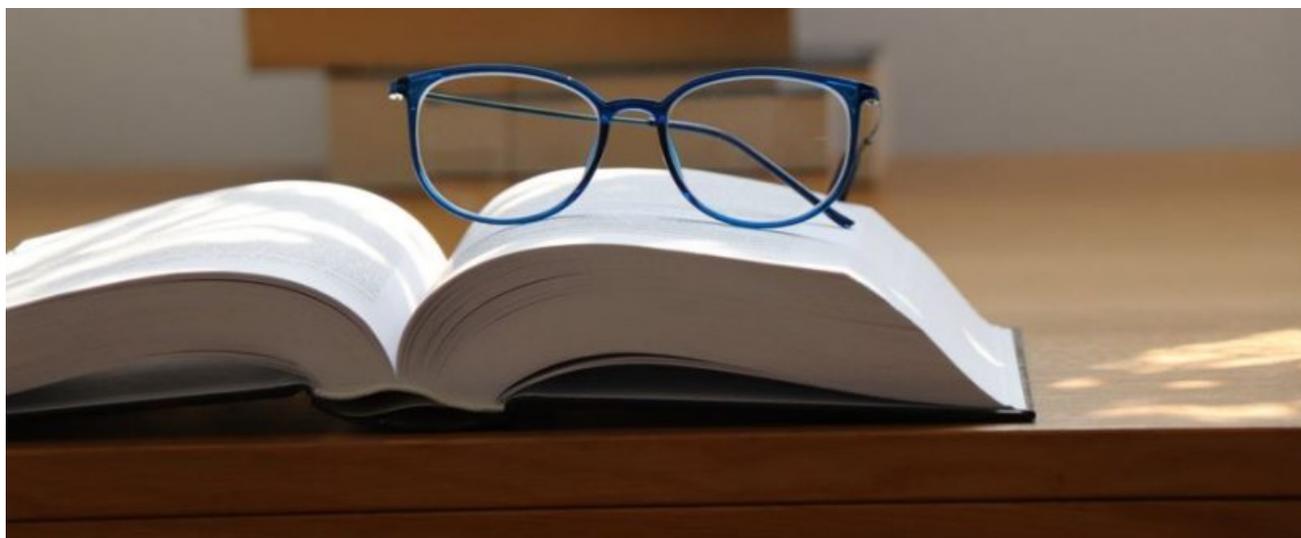
Um filme: O Nevoeiro

Um hobby: Corrida ao ar livre

Um dia especial: 29/09/2022 – o dia da publicação de Aurora

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Lucas Pedrosa: Mais uma vez gostaria de expressar a minha gratidão à Revista Conexão Literatura e parabenizá-la pelo grande trabalho que tem feito para inspirar seres humanos com a escrita e disseminar a paixão pela literatura.



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**





resenha

HOLLY de Stephen
King

POR RAFAEL BOTTER

Holly Gibney está de volta! Um livro pra ser chamado de seu. Stephen King dedicou uma aventura inédita só para ela. Afinal, Holly conquistou uma imensa legião de fãs ao redor do Mundo, desde sua primeira aparição na trilogia "Mr. Mercedes".

Holly Gibney é a protagonista solo em mais uma aventura e repleto de requintes de crueldade, cujo o desaparecimento de uma jovem abre espaço para uma investigação minuciosa da "Agência Achados e Perdidos", óbvio que estamos falando de Holly Gibney e seu poder investigativo para solucionar os casos mais absurdos.

A trama é muito bem construída e amarrada logo nos primeiros capítulos, Stephen King vai deixando claro em cada capítulo escrito sua audácia para prender o leitor até os momentos finais do livro. Todo o desenrolar vai sendo sutilmente revelado por Holly, uma espécie de quebra cabeça macabro envolvendo canibalismo e rapto de pessoas "selecionadas" para tais fins de pesquisas.

Os acontecimentos vão seguindo e surgindo de forma gradual, deixando uma trama dinâmica e intuitiva, levando o leitor para dentro da história, fazendo parte de toda investigação ao lado de Holly.

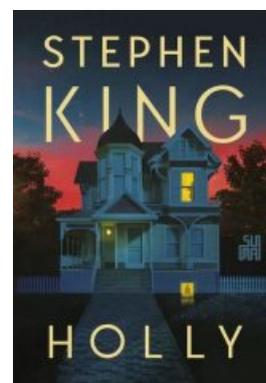
Stephen King amplia toda sua história inserindo um dos acontecimentos mais marcantes dos últimos tempos, a pandemia do COVID-19 fazendo parte do universo King e juntando com os personagens e situações de toda a trama. É nítido uma referência aos negacionistas. Stephen King faz essa "crítica" de forma extraordinária e extremamente ácida.

O leitor pode até estranhar o fato de conhecermos os vilões logo de cara, porém! Stephen King vai preparando todo o terreno para colocar a cereja no bolo e ter um gran finale.

Holly Gibney entrega tudo e mais um pouco, uma história envolvente em busca da verdade e os reais motivos para o desaparecimento de algumas pessoas, vão pôr em jogo toda capacidade de investigação da "Achados e Perdidos".

Holly já ganhou os corações dos leitores mais fiéis de Stephen King.

Título Original: Holly
 Autor: Stephen King
 Editora: Suma
 Páginas: 448
 Ano Lançamento: 2023



Rafael Botter, nascido pelos idos das décadas de 80 e 90. Nerd e cinéfilo, não perde um bom papo geek na companhia de um café, ou pizza, suas maiores paixões. Criador do Portal Stephen King, pelo qual é fã nº 01 do autor. Nas horas vagas sempre acaba pedindo uma pizza de Margherita.

SILOGISMO POÉTICO

Por Bert Jr.

O que perdemos ao fim
de dias compridos
depois de expedientes cumpridos
não encontramos num breve passeio
numa volta pela praça
nem no céu das avenidas
nos rastros de lã de um carneiro
que se foi entre anil e nanquim
grisalho apesar de eterno.

O que perdemos não se acha
porque não se sabe o que seja
se acaso é a notícia fresca
uma hora de ginástica
talvez um instante em silêncio
sentados na relva de um parque
ou mesmo o brilho ofuscante
da tarde no espelho de um carro.

O caracol que tromba no muro
racha e se esmigalha sem barulho
compõe o elenco infundável
das cenas que jamais veremos.
No entanto tudo somado
ainda não é o que perdemos.

Talvez o melhor seja mesmo
seguir o carneiro
e
deixar-se tentar
eludir o tempo.

N.A.: O poema faz parte do livro *Eu canto o ípsilon E mais* (ed. Labrador, 2021).

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays* e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um segundo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. Em 2023, publicou *Vi&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas, e *Sem pé com cabeça*, uma antologia de crônicas humorísticas. Vem colaborando com as edições mensais da revista eletrônica *Conexão Literatura*. Em 2024, tenciona lançar seu primeiro romance.

Instagram: @_bertjunior. - Facebook: Bert Jr.
Site: www.bertjr.com.br.



Crianças do Universo

Por Sellma Luanny

E na imparável escala de tempo
e no incompreensível expandir
do espaço... a pequenez do homem...
numa permanente infantilidade.

Da curiosa criança... no investigar
e tentar compreender... o procurar.
Mas a impedir a progressão e sempre
aquém do desconhecido... a imaturidade.

Na enormidade e complexidade
do universo... no inimaginável...
no nunca visto... o que nem
pensamento lá chega... obscuridade!

A velocidade do todo... sempre além
de nós e dos que foram e dos que
porventura, virão... numa corrida onde
ainda não tem chances, esta infância.

Enorme... o salto a ser dado...
E enorme... o trabalho a ser feito.
E amadurecer... fundamental.
Distância e obstáculos, então remidos.

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel: "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

ausência

digital

Por Isa Oliveira



Quando eu tinha seis anos, ganhei o meu primeiro livro, a história ilustrada de um ursinho que compra uma cadeira de balanço, mas vem um bicho mais pesado, senta na cadeirinha dele e a quebra. Eu fiquei tão enternecida com essa história que até chorei.

Tínhamos também uma porção de livrinhos bem velhos de literatura de cordel – que conservo comigo até hoje – e minha mãe, mesmo semianalfabeta, com muita dificuldade, lia para mim. Eu me encantava com aquilo. (O livro do ursinho, infelizmente emprestei para uma menina que se mudou da cidade e nunca mais me devolveu...).

Ao entrar na escola, aprendi a ler e a minha vida se encheu de encantos. Eu lia de tudo, até bula de remédio e os livros de contabilidade do meu irmão, que estudava na Escola de Comércio. Eu achava fascinante que houvesse pessoas que inventavam histórias tão bonitas e interessantes, que me levavam a viajar por lugares tão distantes e realidades tão diferentes da minha.

Então, a magia se completou: eu aprendi a escrever e percebi que tinha nascido com o dom de contar histórias e, a partir daí, comecei a escrever em todos os papéis que achava. Infelizmente, sobrou apenas um desses escritos, os outros se perderam por aí.

Um novo mundo se descortinou diante de mim e eu compreendi que era isso que eu queria ser na vida: escritora. Porém, a coisa não é tão simples. Escrever é fácil, publicar já é mais difícil e, conseguir que as pessoas se interessem em ler as suas histórias, sem ser famoso e conhecido por origem, berço ou qualquer outro motivo, também é um desafio.

Engravidei aos 18 anos, justamente na época em que tinha começado a escrever para o jornal da minha cidade, o *Imparcial* e estava procurando uma editora para o meu primeiro livro, de poesias, “Tatuagem” (que não publiquei até hoje).

Então, precisei fazer uma escolha: ou continuar sonhando com a carreira literária ou arrumar um emprego concreto para poder criar o meu filho de pai ausente (quando a criança não cresce na barriga da gente, é mais fácil achar que o problema não é nosso...). Tive um apoio enorme dos donos do jornal, e, de uma hora para outra, estava trabalhando como repórter.

Foram anos nessa labuta: repórter, redatora, editora. O salário, porém, não favorecia muito e precisei arrumar outros empregos para complementar. Trabalhei ao mesmo tempo no *Imparcial*, de Monte Alto, no jornal *A União*, de Santa Adélia, para onde viajava todos os fins de semana, e no jornal da Diocese de Jaboticabal. Então, percebi que não estava conseguindo ter tempo para ficar com o meu filho, pois todas as minhas horas eram ocupadas com trabalho.

Prestei concurso para a Nossa Caixa – que nem existe mais – e passei. Fiquei apenas com o banco e o *Imparcial*, até que resolvi partir em busca de novos horizontes. Em São Paulo, trabalhei dois anos no *Estadão*, tempo suficiente para me desencantar do jornalismo. Eu era uma escritora, não uma repórter. O repórter relata os acontecimentos, o escritor os inventa. Essa era a minha praia.

Do *Estadão*, fui para o Metrô; do Metrô, para a Caixa Federal. Lancei dois livros nesse período, sempre acalentando o sonho do dia em que poderia viver apenas para a literatura. Os anos se passaram, o filho cresceu, seguiu o seu caminho, deixou de depender de mim, e a aposentadoria chegou. Era, enfim, o meu momento.



Mas, aí, aconteceu o fenômeno da revolução digital. E, quando eu, finalmente, estava madura e preparada para escrever e viver exclusivamente para a tão sonhada e amada literatura, descobri que, para fazer com que as pessoas se interessassem em ler os meus livros, precisaria ter uma presença digital forte...

Abre uma conta no Instagram. Abrir a conta não basta, tem que publicar com frequência. E precisa curtir o que outras pessoas publicam, entrar em outras páginas, se relacionar, que é para sensibilizar o algoritmo e conseguir seguidores. Mas, tem que tomar cuidado com o que escreve, para evitar os *haters* e não ser cancelada. Precisa fazer vídeos, porque as pessoas não gostam de textos, ainda mais textos longos.

Ah, agora precisa ir para o Tik Tok – esse território de ninguém onde se vê o que até Deus duvida. Já tem uma conta no Twitter? Ah, não, agora não é mais Twitter, é X, mas, precisa aparecer por lá. Tem que aumentar a presença digital, melhorar a qualidade dos vídeos, usar maquiagem, melhorar a iluminação, fazer cursos. Agora o algoritmo mudou, precisa se atualizar.

Para! E eu vou escrever quando? De que adianta as pessoas me conhecerem se não escrevo? Ah, então escreve, mas, segue a tendência do momento, vai na linha do que está bombando: literatura *hot* (uma mistura de Júlia, Sabrina e pornografia para mulheres), não vou escrever isso! Então, escreve suspense. Suspense não, terror! Pega a onda do Halloween, isso vende muito. Histórias de vampiros também, sempre estão em voga. Mistura história policial com zumbi, vai bombar. E tenha pelo menos 20% de personagens LGBTQIA+. E não enfia valores morais na literatura que isso não agrada, e nem pense em escrever sobre religião. Literatura laica. Bem, se for alguma história das religiões afro, vai bem.

Com uma tremenda dor no coração, me senti completamente identificada com o Fernando Pessoa. Comprei um grande baú e dentro dele guardarei todos os meus escritos, porque vou escrever sobre o que eu quiser, sobre o que me der vontade, sem tendências, modinhas, ideologias e temas do momento. E vou deixar lá, porque, assim como aconteceu com Pessoa, quem sabe algum dia alguém encontre o baú... Mesmo sendo um dos maiores escritores que pisou nesse planeta, ele não conseguiu publicar nenhum livro em vida, nem dele nem de seus heterônimos, (exceto com exemplares como prêmio de consolação em um concurso literário que ele não venceu, com o livro *Mensagem*).

No fim, acho que essa foi a minha melhor decisão dos últimos tempos: há dois meses, comecei a construir a minha ausência digital. Afinal, ninguém precisa saber para onde viajo, que flores crescem no meu jardim, qual é o comportamento dos meus cães, e o que eu comi no café da manhã. Agora sou uma mulher livre, sem Instagram, sem Tik Tok, sem X, sem Y, sem Z. Apenas papel, caneta e o notebook.

Minha vida é real, e é sobre essa vida real e maravilhosa que continuarei escrevendo, mesmo que não publique, mesmo que ninguém leia. Não serei eu quem estará perdendo, pois a literatura está em mim como uma segunda respiração. Perderá quem não puder chegar a ela apenas porque eu me recusei a me mudar para o mundo virtual.



Manterei o meu e-mail (isaoliveiraescritora@gmail.com) para algum necessário contato e, além do baú, colocarei meus textos na Amazon. Apenas isso. E me recolherei. E escreverei, porque sou uma escritora e não uma digital influencer. Se eu não for fiel aos meus sonhos e aos meus princípios, quem será?



Isa Oliveira é escritora, roteirista e ghost writer. Tem 59 anos. Nasceu em Monte Alto/SP, Seu nome de batismo é Izilda, oriundo de uma santa não canonizada, Menina Izildinha. É graduada em Letras pela USP e pós-graduada em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac/SP. É funcionária aposentada da Caixa Federal. Começou a trabalhar aos 10 anos, como empregada doméstica. Escreve desde criança. É autora dos livros: *Elogio à loucura*, *O chapéu de Alberto*, *Tatuagem*, *Flor Julinha e a costelinha encantada*. É casada com o fotógrafo Henrique Campos. O casal vive em Mogi Guaçu/SP, na companhia de sete cachorros e um jabuti.

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Journal em São Paulo

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: [CLIQUE AQUI](#)

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





Presenças e Ausências

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Não raro, o que se perde é de mansinho
e vê-se desatar o fino laço.

As coisas vão e vem devagarinho:
o bonito sorriso, o choro e o abraço.

Mas se há, entre corpo e alma, um certo alinhado,
o amor e a memória rabiscam traços.
O que é arquitetado com carinho,
tem, no peito, calorosos espaços.

Não raro, o que se perde é lentamente,
Mas há, no coração, sempre um cantinho.
Nem tudo morre e vai com a corrente.

A vivência constrói pequenos ninhos,
onde moram as lembranças da gente
e os que se amam ficam ali juntinhos.

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

CANTORIAS

E PELEJAS



POR MAX MOREIRA



A *literatura de cordel*, poesia popular impressa em folhetos e vendida em feiras ou praças, tal como é cultivada no Brasil até hoje, surgiu na França, sendo amplamente cultivada pela Espanha e por Portugal, onde por volta do séc. XVII se popularizaram as chamadas *folhas volantes* (ou *folhas soltas*) que eram vendidas por cegos nas feiras, ruas, praças ou em romarias, presas a um cordel ou barbante para facilitar suas exposições aos interessados. No nordeste brasileiro, herdamos o nome – embora o povo chame esta manifestação de folheto – mas a tradição do barbante não perpetuou, ou seja, o folheto brasileiro poderia ou não estar exposto em barbantes. São escritos em forma rimada e alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, que são uma característica especial dos folhetos, o mesmo estilo de gravura usado nas capas. As xilogravuras são gravuras em madeira usadas como uma espécie de carimbo. Os “cordelistas” recitam esses versos de forma melodiosa e ritmada, acompanhados de viola ou não, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar o público.

Alguns cordéis são famosos em sua criação, pelo fato de apresentarem um processo virtuosismo da estrutura poética a que se impõe. O Brasil é famoso por ser o maior criador de cordéis, principalmente dentro do sertão nordestino, na qual podemos citar nomes de poetas extraordinários como: Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Cuíca de Santo Amaro (O José Gomes), Rodolfo Coelho Cavalcante, Raimundo Santa Helena, Franklin Machado, Paulo Nunes Batista, entre outros.

Uma das principais características da Literatura de Cordel é a sua fácil assimilação, isso porque retrata as coisas do cotidiano do povo. Parafraseando Batista, podemos dizer que a literatura popular, em que se enquadra a literatura de cordel, traduz a identidade e o espírito do povo. Há uma espécie de incorporação de valores através da transmissão das velhas narrativas, enriquecidas de comentários do povo, sejam eles favoráveis ou desfavoráveis.

Segundo Ribeiro (1987), embora haja várias formas de classificação, todas estão de acordo, ou seja, quanto à existência de dois ramos básicos: a cantoria – poesia improvisada ou quase improvisada – e os poemas épicos.

A cantoria é o ato de cantar, a disputa poética, o desafio entre dois ou mais cantadores. Veja uns Trechos da “Peleja de Manuel Raimundo com Manuel Campina” e da “Peleja de Serra-Azul com Azulão”, que encontramos no texto “Cantigas Satíricas”:

“Respondeu Manuel
Raimundo:
Canto, pois não, sim senhor,
Sou novo na cantoria,
Mas não temo cantador,
Depois que me esquenta o

sangue,
Canto seja com quem for”.
“Umaz trezentas pessoas
Em pouco tempo “afluía”,
Cada qual mais desejosa
De assistir à cantoria:

Cada um interrogava

Qual dos dois apanharia?”

Sebastião Nunes Batista (1977) classifica “Cantorias e Pelejas” como um dos três grandes grupos que constituem os folhetos de cordel, sendo os outros dois “temas tradicionais” e “fatos circunstanciais ou acontecidos”. Aqueles que cantam em desafio são chamados cantadores de viola ou violeiros e o objetivo deles é divertir o povo. Segundo Batista (1977), a peleja ou desafio é um dos aspectos da cantoria, ou seja, quando dois cantadores se encontram e disputam seus conhecimentos através dos chamados gêneros ou regras da cantoria (sextilhas, martelos, décimas, martelos agalopados, gemedadeiras, etc.).

Muitas vezes, por exemplo, se utiliza uma forma que venha a se confundir com o molde da viola, isto é, na sua própria linguagem, para perturbar o cantador de viola, que é o conhecidíssimo “trava-línguas”, uma técnica para desenvolver as habilidades do autor e também cantador de viola, como se evidencia nos cantadores Antônio Correa e Manuel Camilo dos Santos. Geralmente acontece quando o verso muda em quantidade de linhas, como por exemplo, passar de uma sextilha para o martelo ou outra regra de cantoria, o que torna o repente fascinante e desafiador. Batista (1977) nos traz um exemplo de trava-línguas do dado, dedo, e dia, na *Peleja do cego Aderaldo com José Pretinho do Tucum*, na versão José Bernardo da Silva (texto, de 1962):

P. – Eu vou mudar de tuada
Para uma que meta medo
Nunca encontrei cantor
Que descobrisse esse enredo
É um dedo, é um dado, é um dia
É um dia, é um dado, é um dedo.

Ainda segundo Batista (1977) cada cantoria ou peleja apresenta duas formas: uma tradicional, e outra improvisada, ou seja, de momento. A forma tradicional é a “obra feita”, que são versos feitos em que os poetas conservam na memória e falam sobre fatos históricos, assuntos matemáticos, geográficos, gramaticais, ou astronômicos, definições e conceitos, na qual os poetas fazem uma fantástica exibição de conhecimentos adquiridos nos livros, que eram lidos por eles ou ouvidos e memorizados, caso os mesmos fossem analfabetos. Já a forma improvisada, como o próprio nome já diz, é a “obra inventada” no momento, e caracteriza principalmente as pelejas, por seu caráter momentâneo, de novidade, em que o poeta usa sua imaginação para cantar versos inventados e com isso, atrair a atenção do público.

No entanto, é possível encontrar pelejas em que o cantador narra desafios guardados na memória. Maria Rosário Pinto, em seu trabalho *o folheto de cordel: sua*

forma e seus conteúdos, cita um exemplo em que isso fica evidente: Manoel Messias em *Peleja de Manoel Messias com Francisco Carolino*, [19--]:

“Vou traduzir da lembrança
com otimismo e bom tino
uma peleja que tive
com Francisco Carolino
cantador muito afamado
lá no torrão nordestino.”

Maria Rosário Pinto também faz referência ao folheto *Peleja de Manoel Camilo com Antonio Correia* [19--], de autoria do próprio Manoel Camilo dos Santos e que mostra a variedade de temas percorridos pelos poetas e cantadores:

“Muita gente já conhece
Quem é Antonio Correia
Um cantador conhecido
Da capital à aldeia
A quem se pode chamar
Um vate de musa cheia.

Porque Antonio Correia
Tem ciência e elemento,
Conhece bem a Botânica
E canta com fundamento
Geografia e Lunário
Novo e velho Testamento.”

Ribeiro (1987) acentua que no geral, a literatura de cordel chama a atenção para o seu caráter eminentemente narrativo, e é justamente essa característica que define os dois grandes troncos em que se divide a literatura popular do Nordeste: os poemas épicos e a cantoria repentista. Nos poemas épicos, a narrativa é objetiva e direta, o “eu” do poeta é anulado por completo, os fatos são contados de forma linear, não existe “flash-back”, e não há antecipações. Na cantoria, o poeta fala sempre na primeira pessoa, sendo, portanto individualista. Nos desafios e pelejas, o poeta sempre diz “eu”, exhibe conhecimentos, se vangloria, ironiza e critica seu adversário, saúda o público, conta façanhas, etc. Veja uns trechos da *Peleja de Antônio da Cru com Antônio Tomé* e da *Peleja do João Piauí com José da Catinguera*, que encontramos no texto “*Cantigas Satíricas*”:

“Eu achei ser desaforo
De um cantador xerém,
Andar fazendo pelejas
Sem as ter tido com alguém;
Segui pelo rastro dele
Fui o pegar no Belém”

“Eu gosto de ouvir pelejas
Sendo bons os cantadores
Porque depois tenho assunto
Para contar aos leitores;
Prefiro uma cantoria
A ouvir histórias de amores”

“No desafio vence sempre o que tem melhor nos repentos a fixar o assunto em debate. O repente é justamente a maior demonstração de habilidade e de talento que o cantador pode revelar” (BATISTA, 1977, P. XIV).

Geralmente, a cantoria adota o seguinte processo de desenvolvimento temático: começa com a apresentação dos cantadores, cada cantador narra suas façanhas passadas, diz com quais cantadores já se bateu, relata suas vitórias, diz sua naturalidade, entre outros. Em seguida, se os cantadores estiverem na casa de alguém, costumam saudar os donos da casa, para chamar a atenção do público. Veja o trecho inicial da *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*:

“Apreciem, meus leitores,
Uma forte discussão,
Que tive com Zé Pretinho,
Um cantador do sertão,
O qual, no tanger do verso,
Vencia qualquer questão”.

Outro aspecto da cantoria é justamente a provocação de temas diversos, na qual os cantadores mostram o poder de seus repentos, na qual se enquadram as “obras feitas”, em que o cantador utiliza principalmente em caso de qualquer emergência. Podemos exemplificar com um trecho do famoso desafio entre Francisco Romano e o negro Inácio da Catingueira, citado por Ribeiro (1987), na qual Inácio não deixa de mostrar sua sabedoria quando solitado:

“Senhor Romano, eu me lembro
O que o meu senhor dizia,
O mundo tem cinco partes
São: Ásia, e Oceania,
América, Europa e África
Assim diz a Geografia.”
(Cf. Lessa, 1982:43 e 45.)

Segundo Batista (1977), um aspecto bastante curioso das cantorias e pelejas, é que os cantadores, ao se vangloriarem ou nas respostas ao adversário, nunca desrespeitam a família do contendor. Batista (1977), exemplifica com uma única referência a família encontrada por ele em versos de cantadores: na disputa de Ventania e Pedra Azul. Pedra Azul dá a seguinte resposta quando Ventania faz uma alusão aos seus parentes [de Pedra Azul]:

“O senhor não seja afoito
Quem lhe deu a liberdade?
Não quero saber do assunto
Sobre familiaridade
Eu tenho muitos parentes

Na alta sociedade.”

Sabe-se que, em geral, as cantorias e pelepas se perdem, pois ninguém se preocupa em registrá-las, e isso é uma de suas características mais marcantes, haja vista que um gênero literário serve para direcionar o sentido das poesias nas suas mais variadas formas de composição.

Porém algumas obras, vamos dizer assim mais prodigiosas, diante dos recursos de hoje, ficam registrados em “cordéis”, para a mensuração dos sentimentos mais profundos do homem nordestino, pois a poesia da literatura de cordel é um símbolo do Nordeste, que mostra as raízes nordestinas através de seus acontecimentos, como por exemplo o cangaço, que engloba o cotidiano do povo simples e sofrido da região, principalmente o povo do sertão.

Todos os grandes poetas populares trabalhavam com a influência de seus tempos e suas circunstâncias com temas que geravam criações em louvor as negligências em que o homem do campo se submetia. Em outras palavras, era a forma de expressar suas angústias e ressentimentos pelos acontecimentos que sucumbia o sertão nordestino. Com a vinda dos tempos modernos, muitos valores foram se perdendo, sendo que a Literatura de Cordel ainda consegue manter suas potencialidades junto ao povo nordestino e aos poetas do nosso sertão.

A Literatura de Cordel se constitui uma verdadeira forma de instrumento capaz de deixar transparecer o sentimento falado e comensurável diante da realidade do povo. É uma forma de se trabalhar com o manuscrito e também com a expressividade imediata dentro do repente, e esta numa forma de registro dos fatos acontecidos e divulgados através desse gênero capaz de emergir o real e o imaginário do homem sofrido e sua história vivida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Fundação José Augusto, 1977.

CANTIGAS Satíricas. **Terra Brasileira**. [s.d.]. Disponível em:
<http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/satirica.html>. Acesso em: 01/12/2023

BECO, Horácio Jorge. **Cancioneiro Tradicional Argentino**, Buenos Aires, 1960;
BIDERMAN, Sol. **Messianismo e Escatologia na Literatura de Cordel**, São Paulo, 1970.

PINTO, Maria Rosário. **O folheto de cordel: sua forma e seus conteúdos**. Biblioteca Amadeu Amaral. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. RIBEIRO, Leda Tâmega. **Mito: poesia popular**. Funarte, 1987.

Max Moreira, tem 39 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de histórias em quadrinhos e dos Super-Heróis brasileiros. Seu livro preferido é Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, uma obra-prima do Realismo Brasileiro, na visão do Autor. Nas horas vagas, gosta de cuidar de suas plantas e de ler quadrinhos.

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



SAIBA MAIS ↑

FIQUE TRANQUILO,
NÓS FAZEMOS ISSO
PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA + de 800 mil leitores
POR R\$ 150,00

ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“ATÉ HOJE”!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Até hoje não esqueço! Me lembro ainda
De fato, a emoção mais linda
Em que, com aquele seu jeitinho de carinho
Eu aqui sentado, sozinho
Você com ardor chegava
Ao meu “colo” se deitava
Tentando esconder que não, mas “sorria”
E da radiante alegria, se “divertia”

Até hoje não esqueço! Me lembro ainda
Tão deliciosa ação... infinda
Que já ao primeiro contato sonhava
E, em imaginação praticava
Receber beijos “concretados” com o delicioso sabor
Com lábios mordidos, amaçados, pelo intenso amor
E, dos momentos, como “sorria”
Verdadeiros tormentos de alegria e se “divertia”

Até hoje não esqueço! Nada, realmente, posso esquecer
Da maravilha do nosso viver
Com aquele seu “dengoso” murmurar
Ao me atizar para o “maravilhoso” jeito de amar
Em que o “perfume” se “explodia” pelo ar
Alegando surpresa por assim estar
E, tentando disfarçar, muito “sorria”
Com radiante alegria e se “divertia”

Para que não esqueça, diga-me de coração
Como sempre, que seja sinceramente
Para que eu possa acreditar, aqui na minha frente
Sem olvidar a pura verdade
Esbanjando somente felicidade
Em que lugar agora colocar
Pelo tanto que guardo “até hoje” em te amar
Esta “desesperada” Paixão

O DESEJADO “CÉU”

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Renasce azul superando o “matizado”
Antes, somente sonhado e, agora, certamente amado
Como fruto das chuvas sobre o Jardim
A grande força sobre as secas... enfim

Graças! Brotos das flores, agora, não mais padecem
Folhas bem verdes, pétalas coloridas, assim permanecem
O amor, robusto, forte, volta a crescer
Por sorte, enriquecendo o novo viver

A antiga “Paixão” se vai! Caminha lá fora
E, bem longe de mim, em algum “Cais” ancora
Aqui na varanda sentada
Estou pronta para a sonhada espera e ser amada

Entusiasmado para os “Festejos” o Luar se apresenta
As Estrelas, com seu cintilar, alegam o cenário que de a
beleza aumenta
O momento enriquece de vida meu interior
Guardando, então, com extrema felicidade, este florido
sentimento chamado amor



QUE SE VÁ! “PAIXÃO”

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

O amor inocente, tão belo, surge devagar
Nos surpreende com apenas um simples olhar
A “testa” cresce no seu tamanho
Fruto do fechar dos olhos sem querer, tão estranho
E o “ingênuo” puro amor
Radiante aflora envolvido pela beleza de toda
“flor”

Acontece a vida! O caule, as folhas, o botão
O variado colorido nos encanta
De tal forma que nos envolve com a querida
“planta”
Súbito, nova emoção, o surgir da “Paixão”
E o “antes” tão puro amor
Matiza a coloração das pétalas “cremando” a
beleza da querida “flor”

Daquela pura nascida inocência
No interior, agora outro corpo reage com
impaciência
Noites envolvidas em torturas
Nos espaços irreais criaturas
E “aquele” tão puro amor
Chora “escondidinho” por tamanha dor

Finalmente! Que se vá “Paixão”
Leve para outro “Porto” indesejada emoção
Suavemente! No lugar!
Que possa aflorar um outro inocente “amar”
Para que o tão desejado amor
Possa voltar bailando junto as pétalas de uma
nova e bela “flor”

O "CHORO" INFINDO

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Amanhece bem triste o amor
Envolvido imagina acreditar
Ser ele o culpado do pecado
Pelo, então, momento
De grande aflição
Sem saber quais medidas tomar ou fazer

No coração arranhado o "bater" forte da dor
Por "atrevida", a "Paixão" ali se instalar
Das tentativas conciliatórias nenhum resultado
Vitórias sonhadas... somente no desejo... no pensamento...
Dúvidas ainda permanecem na decisão
Maior vontade "aquela" de sempre: morrer!

No cenário formado: o conflito
Por desculpa, nada se conhecia
Desconhecimento total de como conciliar
Orações para intuições de algo bendito
Do corpo inteiro a força envolveria
Para a melhor maneira (se existe) de terminar

Surge na vida o adormecer
No leito um corpo só
Da madrugada o alimento para se viver
Como uma criança "chora" o coração por dó
Ah! Gente! Infelizmente sem esperança acontece
Quando a "Paixão" insiste e dentro de nós permanece

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea__

Email: mjgouvea@hotmail.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO LUAR

VOL. VII

POESIAS AO
LUAR
VOL. VII

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE
PARA + DE
800 MIL
LEITORES**

R\$ 150

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**

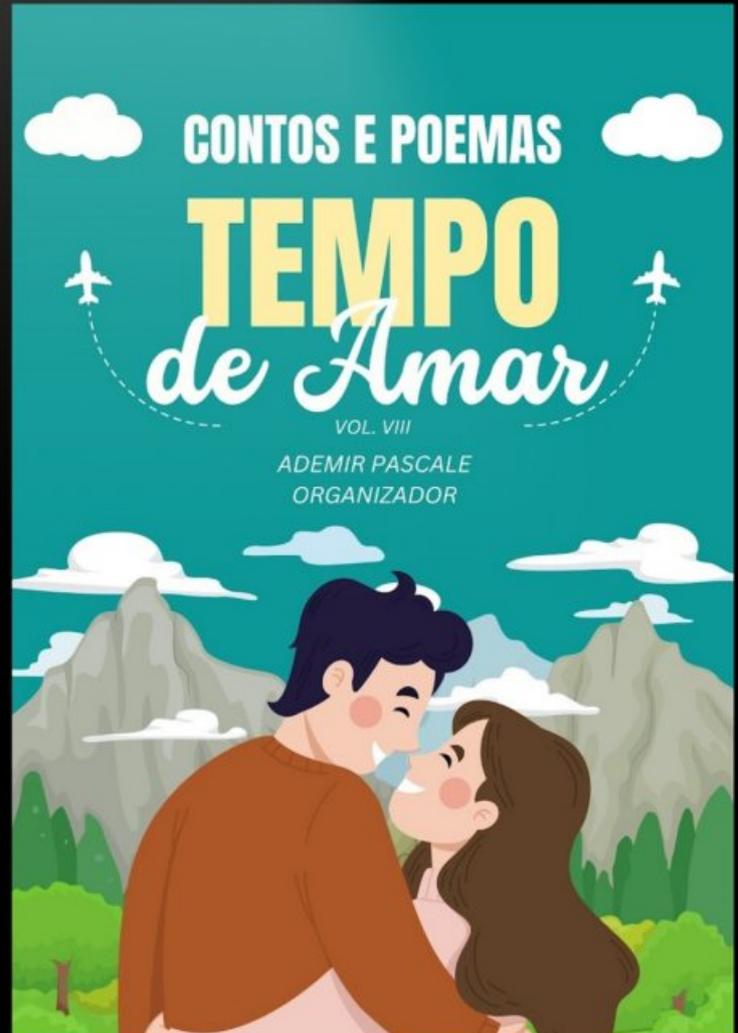


WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademirpascale@gmail.com**

DICAS PARA LEITURA

TECENDO POEMAS, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



TEMPO DE AMAR, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

MINHA CRIANÇA

Por SÍLVIA GRIJÓ

Ó minha criança
Meu anjo de luz
Sorriso verdadeiro
Pura alegria
Meu amor primeiro
Não saia de mim
Se agasalhe direitinho
Bem naquele cantinho
Fácil de eu te encontrar
Pertinho pra bem me ouvir
E ligeiro me abraçar
Carrega-me para as tuas brincadeiras
De roda - ó ciranda cirandinha
É tão gostoso cirandar
Pegue esse anel escondidinho
não diga nada a ninguém
Só diga pra mim, que sou teu bem...
Ó minha criança
Leva-me para as tuas faceirices
rebolar naquele vermelho bambolê
Pular, correr, até dançar
Você e eu, naquela matinê
Quantas vezes o Mestre Mandou
Quantas vezes Pular Corda
Me assanhou
Até pião aprendi jogar
Também jogava amarelinha
Ah, quanta brincadeira salutar a gente
tinha...
Meu anjo de luz
Que me seduz
Ó minha criança
Não saia de mim...



VIVO POR VOCÊ, CLARO!

Por SÍLVIA GRIJÓ

OI!

como a vida é um eterno movimento

tudo muda a todo momento

tomei uma drástica decisão

mudei de operadora

agora, só tenho um Plano - VOCÊ

até fui convidada

para ser sócia da VIVO

pois VIVO implorando

a Deus pra realizar

todos os seus sonhos

abençoar tua vida

(não sou egoísta

VIVO rogando ao Eterno

que tu sejas muito feliz

porém, achei por bem

ir para a CLARO

CLARO que em mim

teu amor continua VIVO

assim, nunca deixarei

De te dizer

OI !!

está CLARO que você

foi e será sempre maravilhoso, mas,

pensando bem

não posso abandonar

a TIM

só assim posso dizer

- meu amor por TI(M)

É SEM FRONTEIRAS

e ainda posso manter

VIVO esse amor por TI(M)

CLARO que não

Vou esquecer

De te dizer

OI!!!

VIVO por TI(M)

P.S. Após uma "briga" minha com as operadoras de telefonia, resolvi "brincar" com elas na poesia, só pra não perder o bom humor...



POESIA VIVA

Por SÍLVIA GRIJÓ

Minha poesia não é de (DOR)mir
É de a(COR)dar
De vi(VER) intensamente
De sentir na pele
Deleitar-se a bel-prazer
Minha poesia é viva
Respira todas as sensações
Exala amor e todas as emoções
É assanhada... Instigante
É enxerida
A(Gostosa)da
Atre(Vida)
Minha poesia não é (DOR)mida
É fresquinha
A(pimenta)da
é sentida, entonada,
a(COR)dada,
Minha poesia não é de (DOR)mir
É de acor(DAR)
de levantar, entesar
Goz(AR..
Não é de (DOR)mir
(só depois)



SÍLVIA GRIJÓ– é natural de Anori-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra **MULHER À FLOR DA PELE**. É coautora em 03 Audiolivros, 05 E-books, 08 cordéis, 48 Antologias. É membro efetiva das confrarias- ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM e Grupo “Formas Em Poemas”; atua nosProjetos “Musicalidade Poética”, “Literatura Caminhante”, “Movimento Patologia Cultural”. Fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Prêmios: “Arara Cultural 07/22; “22° Prêmio Cidade de Manaus,10/22”, “Premium Internacional da Amazônia/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa. *Silvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.*

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

Soneto triste

Por Daniela Bloc

O sangue escorria pela tela
Invadia o arcabouço do teclado
Salpicava a parede e a janela
Respingava na boneca lá ao lado

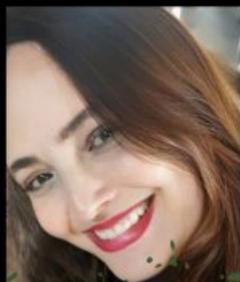
Inundava a alma da criança
Trancava a inocência no passado
A família imersa em desesperança
Ao ver todo o futuro fustigado

Facínora desprezível arfava
Mais a prejudicava, mais ardia
Da vida, ele roubava alegria

Da morte, a depressão aproximava
Deplorável e cruel tal vilania
Uma vida que ali ele ceifava



Daniela Bloc é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da educação. Tem especialização em Psicopedagoga pela Unichristus. Tem um livro infantil publicado e participações em revistas e antologias.





VERAO



Por Gianni Maria Carneiro

Os dias agora estão típicos de verão; sol; calor; dias ensolarados, mas em todo o mundo, o verão está causticante; o que era para ser um prazer, se tornou um transtorno. Pessoas tentado se refrescar, nesse calor mórbido, principalmente, aquelas que trabalham ao sol, o dia inteiro, e não tem condições de estarem na sombra; outras por falta de condições financeiras ou morrem de calor ou pedem a alguém que lhe compre uma água gelada.

Enquanto isso há pessoas debaixo dos seus condicionadores de ar em seus escritórios e carros; estes não se importam com os que sofrem com o calor, se importando simplesmente com seus ganhos, mesmo que para isso, destruam a Natureza desregradamente, usando combustíveis fósseis em seus carros, ou dando ordem de exploração de mineração, sem os devidos cuidados com o meio ambiente. E acaba se transformando em desastre ambiental; isso quando não queimam florestas, derrubam árvores, queimam carvão.

Há países que até é melhor, mas tem países como o Brasil, que a reciclagem de lixo é pouca ou inexistente; quando se poderia investir em indústrias de reciclagem e compostagem, pagando um determinado valor para os catadores, e, dando apoio financeiro às indústrias de compostagem serem criadas e desenvolvidas, gerando empregos.

No meio da tarde quando poderíamos sair e passear, sentar-se numa praça, apreciar a Natureza, estamos por causa do calor infernal, dentro de casa com nossos ventiladores ligados; quando é possível isso. Porque para o trabalhador de rua, que acaba passando mal com tanto calor, inclusive com infartes, o que é um custo para o SUS, só lhe resta aguentar o sol e torcer para chegar bem em casa.

é isso senhores, as mudanças climáticas, já é uma realidade visível, não adianta o negacionismos, nem fechar os olhos ou tentar tampar o sol com essa peneira.

Temos urgentemente que mudar nossos hábitos.



Gianni Maria Carneiro

Sou escritora tenho livros publicados junto com outros autores, expostos na livraria Martins Fontes na Paulista, gosto de interagir com as pessoas de animais e tenho criação.

CONHEÇA O MAIS NOVO
CONCURSO LITERÁRIO DA
CASA BRASILEIRA DE LIVROS

INSCRIÇÕES ABERTAS!

PRATA
DA CASA



CONTOS | POEMAS | CRÔNICAS

CASA BRASILEIRA
DE LIVROS

R\$ 30.000,00
EM PRÊMIOS

Leia o regulamento em:

www.casabrasileiradelivros.com/prata-da-casa-2024

PEDIR DEMAIS

DANIELA ONNIS

Será que é pedir demais
Todo prato com comida
Toda pele aquecida
Toda voz reconhecida
Toda infância protegida?
Será que é pedir demais
Toda floresta resguardada
Toda cultura preservada
Toda forma de fé respeitada
Toda forma de amor validada?
Se cada um fizer sua parte
Uma família unida
Vai virar
Uma aldeia esclarecida
Que vai virar
Uma nação empoderada
Que vai virar
Um mundo onde não falta nada

Daniela Onnis, nascida em Salvador/BA, é apaixonada por livros desde criança e começou a escrever aos doze anos. O amor pelo teatro surgiu na mesma época. Embora formada em Computação, tem na arte seu propósito de vida. Atua em espetáculos desde 2002 e em 2020 publicou seu livro de poemas na Amazon, Brincando de Rimar. Teve textos selecionados para publicações em revistas e antologias em 2023. Tem um perfil no instagram para divulgação de arte: @gritodearte.

Literatura para bebês:
prosódia, afeto e memória



POR CLARISSA MACHADO

MINIBIO AUTOR: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, é natural do Rio de Janeiro (RJ) e residente em São Lourenço (MG) desde 2017. É autora dos livros “Pelos Águas de São Lourenço” e “Buen(os) Aire(s)”. Contribui regularmente com poemas, contos, crônicas, ensaios e traduções para revistas e antologias literárias do Brasil e do exterior.

“Em campanha lançada neste ano, a Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) mostra que, nos primeiros mil dias, as células cerebrais podem fazer até mil novas conexões a cada segundo – uma velocidade única na vida. Essas conexões contribuem para o funcionamento do cérebro e para a aprendizagem das crianças.”¹

Simbiose é um vocábulo de origem grega que significa, dentre outras definições, “viver junto” ou “vida em conjunto”. O termo é amplamente utilizado no meio científico (1879), porém também, muitas vezes, aplicado metaforicamente para descrever a relação entre mãe e filho. No momento em que um novo indivíduo chega ao mundo ou é inserido em um ambiente familiar, tem-se o início de uma relação natural de simbiose, uma vez que o bebê necessita da mãe (ou de um guardião) em muitos níveis. Especialmente no caso da mãe biológica esta simbiose demonstra-se bastante completa, pois a Medicina registra que a mãe beneficia-se dos cuidados que oferece ao recém-nascido, desde a gestação e até principalmente nos primeiros mil dias². A contagem dos mil dias se dá a partir do período gestacional devido a gestação impactar na saúde emocional e física do feto, que apresenta um desenvolvimento neurológico de grande intensidade ao longo da vida intrauterina, tendo como marco o sexto mês, em que o bebê já registra atividade mental, e metade do crescimento cerebral do indivíduo ocorre até o seu segundo ano de vida. A simbiose, aqui, deve ser compreendida como um vínculo primeiro entre dois seres, a saber mãe (ou cuidador) e o bebê, vínculo que se concretiza por meio da construção da história única entre eles. Tal construção só é possível por meio da literatura, em sentido amplo, pois esta construção é a conexão de afeto que se traduz na construção de memórias. E a literatura é efetivamente o lugar da memória individual e coletiva.

“O bebê é um dos maiores filósofos do mundo, porque concilia as atividades de poeta e de teórico (...) um historiador em busca desesperada de uma história.”³

A primeira relação que o bebê tem em sua vida é com aquela pessoa que se dedica a cuidar dele, logo, é esta a pessoa com quem ele desenvolverá seu vínculo-primeiro e, por conseguinte, sua afetividade. Contar histórias e ler livros para bebês significa dedicação, disponibilidade, cuidado e entrega, constituindo um momento privilegiado para o fortalecer vínculos afetivos entre mãe e bebê (ou adulto-criança) uma vez que o momento

¹[https://www.primeiros1000dias.com.br/artigos/nutricao#:~:text=Em%20campanha%20lan%C3%A7ada%20neste%20ano,para%20a%20aprendizagem%20das%20crian%C3%A7as](https://www.primeiros1000dias.com.br/artigos/nutricao#:~:text=Em%20campanha%20lan%C3%A7ada%20neste%20ano,para%20a%20aprendizagem%20das%20crian%C3%A7as.). Último acesso em 16 de outubro de 2022 às 09h47.

²Período que soma os 270 dias da gestação com os 730 dias dos dois anos subsequentes e é a fase mais importante para o desenvolvimento físico e mental do ser humano. (UNICEF).

³Bernard Golse - Psiquiatra Infantil e psicanalista, professor e chefe do serviço de Psiquiatria Infantil - Université de Paris V.

da narração ou da leitura é marcado por trocas de olhares, troca de sorrisos, do diálogo ainda que por emissão de sons ou gestos; e da atenção ao outro. Neste passo, não se pode perder de vista o que o site “Os Primeiros Mil Dias” apresenta:

Um estudo publicado pela Child Psychotherapy Trust, na Inglaterra, aponta que as experiências vividas na primeira infância afetam a formação do cérebro da criança em áreas relacionadas com a empatia e as emoções. Um estudo da Universidade de Washington demonstrou que o hipocampo (parte do cérebro relacionada à memória, aprendizagem e autocontrole) cresce duas vezes mais rápido nas crianças que recebem mais apoio emocional da mãe. E isso tudo começa no ventre, uma vez que o feto já demonstra capacidade de audição desde a sexta semana de gravidez, podendo reconhecer a voz dos pais e captar todas as emoções que as acompanham. Por isso, a recomendação é para que ambos “conversem com a barriga”.⁴

Um dado a salientar é a existência da literatura - *lato sensu* - ao longo do processo de formação da humanidade, a saber: expressão corporal, imitação dos sons da natureza com o corpo e depois com a voz, desenho e pintura de cenas da vida cotidiana (em cavernas, paredes e artefatos) e, finalmente, as oraturas, modernamente chamadas “storytelling”. Os afetos, os sons e as linguagens podem ser traduzidos pelo conceito de Ancestralidade, tanto em sentido amplo quanto em sentido estrito. O bebê é, em parte, seus pais (ou guardiões) os quais carregam um conjunto robusto de comportamentos que lhe foram transmitidos por seus antepassados. Por oportuno, também aqui, podemos assinalar a memória genética e a memória geracional, o que implica ser também ou ser parte ou um pouco do que o outro é. Portanto, isso nos aponta para a ideia de pertencer a um grupo, a um território, a uma cultura. Podemos aferir que, então, o bebê é primeiramente os seus pais (ou guardiões) e a família em que está inserido, isto é, ele é aquilo que vive, que sente, que escuta e que capta; ele é a memória que é construída por meio dos afetos, dos sons, das linguagens e das línguas (pátria, de afeto ou de herança) que lhe rodeiam.

A construção da memória é tão crucial que o escritor português José Saramago escreveu que “fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória”⁵ pensamento que dialoga com o texto da escritora mineira Adélia Prado “O que a memória ama fica eterno”⁶. É que, como mencionado, o ato de contar histórias é antigo e constitui um instrumento para registro de histórias de uma terra, de uma região, de uma família, de uma comunidade e de uma cultura. A linguagem é a primeira expressão que reflete isto. Tomemos como exemplo, a Prosódia. Os sons da fala podem variar tanto em um mesmo espaço territorial porque seus desenhos melódicos, sua personalidade sonora (tom, entonação, acento, ritmo, timbre) se alteram de acordo com a geografia, a topografia, o clima, os biomas, as vegetações, as plantações, etc., razão pela qual, o Brasil, por exemplo, possui tantas variações linguísticas, ou seja, tantos sotaques. Este é um detalhe que pode passar despercebido, porém cujo valor é tão

⁴<https://www.primeiros1000dias.com.br/artigos/nutricao#:~:text=Em%20campanha%20lan%C3%A7ada%20neste%20ano,para%20a%20aprendizagem%20das%20crian%C3%A7as.> Organização Mundial da Saúde, Unicef, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - último acesso em 16 de outubro de 2022 às 09h47.

⁵ Obra O Caderno, José Saramago, 2009.

⁶ Obra Poesia Reunida, Adélia Prado, 2015.

notável que Charles Darwin⁷ também realizou pesquisas relacionadas à Prosódia, uma área geralmente estudada pelas cadeiras de Letras, Linguística, Filologia e Fonoaudiologia.

O ato de contar histórias (Oraturas) envolve interpretação, postura corporal, entrega do contador (sentir o que conta) e a “assinatura” de cada narrador, o que torna uma mesma história uma história única, com um valor emocional particular e personalizado. É que a voz é como uma impressão digital: não há outra igual no mundo - há parecidas, entretanto, idênticas jamais. E como na oratura não há livros, apenas palavras, é ela, a palavra, que dá vida com a vida que há na voz. As milenares rodas de contação de histórias nas tribos originárias e a figura dos Griots⁸ são exemplos que nos servem como referência. A oratura é utilizada desde os primeiros dias de vida do bebê, expondo-o à prosódia existente na contação de histórias, de causos, da prosa, nas declamações de poemas, no entoar dos cantos, nas brincadeiras orais de adivinhas, parlendas e trava-línguas. E, desta maneira, é que o bebê começa a “ler” o mundo. Esta leitura é distinta da nossa leitura (de adultos) porque o que o bebê “lê” é a voz, a musicalidade da fala (entonação, ritmo⁹, pausas), as expressões faciais e corporais (gestos) e o toque. Marie Bonaffé, reconhecida psiquiatra e psicanalista francesa, autora do livro “Livros, isso é bom para os bebês” foi pioneira em seu país no que diz respeito à realização de leituras habituais para bebês por meio de um programa ACCES (Actions Culturelles Contre les Exclusions et les Ségrégations). Segundo ela, a importância da leitura nesta faixa-etária está em que as crianças pequenas são muito sensíveis à melodia e modulação dos sons e às rimas. Esta linha de raciocínio é compartilhada pelo psiquiatra infantil e psicanalista francês Bernard Golse¹⁰, professor e chefe do serviço de Psiquiatria Infantil - Université de Paris V, que explica que todo bebê nasce com uma pré-representação da pessoa que pode cuidar dele. Por isso, ele já é capaz de reconhecer quem é seu cuidador primário e busca chamar a atenção desse adulto para ele:

“O bebê não entra na linguagem diretamente pela significação das palavras, mas pela música da linguagem, e singularmente pela linguagem de sua mãe: seu timbre, sua intensidade, seu ritmo, seus silêncios.”

Conveniente sinalizar que se o bebê é exposto à contação de histórias por meios eletrônicos ele não será exposto à prosódia de seu entorno, a uma possível língua de afeto ou de herança, e nem ao tom afetivo da fala, isto é, ao contexto emocional da linguagem; e tanto a conexão com a ancestralidade quanto a construção de memória, em especial, da afetiva, ficam excluídas da sua vivência, e desta forma, igualmente a identidade cultural e a conexão com o adulto cuidador. A pertinência disto é que são as nossas memórias e as nossas raízes os elementos que nos tornam únicos no mundo. Beatriz Sanjuán, educadora e escritora espanhola, licenciada em Filologia Hispânica e Especialista em Promoção da Leitura e Literatura Infantil, elabora programas de formação em leitura para bebês desde

⁷ Geólogo e biólogo britânico. Obra: A Descendência do Homem.

⁸ Os guardiões das palavras. Contadores, portas e cantadores de histórias. Responsáveis pelas histórias orais passadas de geração em geração. África.

⁹ O ritmo não é apenas o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como também não é difícil que seja anterior à própria fala. (Octavio Paz. O arco e a Lira, 1982).

¹⁰ Obras: Do corpo ao pensamento, 2002 e Bebês, maestros, uma dança das mãos. Bernard Golse, 2020.

1994. Ela tem se mostrado bem preocupada com a perda da conexão entre pais e filhos¹¹. De acordo com ela, os pais estão tendo cada vez mais dificuldade de se comunicar com os filhos, e que eles, pais, só têm como se mostrar presentes na vida dos filhos usando a própria voz porque o primeiro livro de nossos filhos somos nós, a nossa voz é o que conta o mundo para eles:

*“Somos el primer libro del bebé y ellos, apasionados lectores. Sus reacciones ante la voz literaria van desde la atención absorta a la encarnación (el término no es ocioso) del significado” (...) el primer espacio que debemos a la literatura es el que da presencia a la Voz y no a extrañas acumulaciones de datos sobre métrica, géneros e historia literaria”*¹²

A hora da história para o bebê, seja por meio da contação, dos acalantos, dos cancioneros infantis ou da leitura de um livro é sagrada porque estimula interação, pertencimento, entrega e troca de afetividade, momento em que o infante reconhece o cuidado do gesto e, emocionalmente, se sente mais disposto e sensível para o convívio em sociedade. Corroborando o assunto temos a experiência do Reino Unido com o programa governamental *BookStart*, que promove a leitura para bebês em bibliotecas públicas desde a década de 1980. O programa além de encorajar pais a lerem para seus filhos desde o nascimento, inclui na “bolsa da maternidade” livros e orientações de leitura.¹³

*“O corpo é alma. Alimenta-se da prosódia, da música, do afeto.”*¹⁴

A memória individual compõe a chamada nutrição emocional familiar. Nas palavras de Augusto Cury¹⁵ bons pais dão presentes, informações e nutrem o corpo do filho, pais brilhantes dão seu próprio ser, contam histórias e nutrem a personalidade do filho. Ele explica que são os vínculos que definem a qualidade da relação, e nisto está a memória - que tem um papel essencial: nela está a emoção e é a emoção que provoca o registro privilegiado; razão pela qual uma nutrição psíquica se faz tão necessária. Dominique Rateau¹⁶, pesquisadora, fonoaudióloga e terapeuta de linguagem e comunicação, chefe do Centro de Literatura Juvenil de Letras de Aquitaine, na França, e autora do livro “Ler livros para bebês”, assinala que é o encontro com a literatura que fornece ao bebê o alimento da vida interior, portanto ler para um bebê engloba não apenas aspectos cognitivos, mas também emocionais, aspecto que será significativo para seu futuro, em virtude da sensação de bem-estar e segurança psicoemocional que a literatura proporciona.

¹¹ <http://aliancapela infancia.org.br/inspiracoes/seminario-internacional-debate-relacoes-humanas-e-importancia-da-cultura-na-infancia> Último acesso em 16 de outubro de 2022 às 09h30.

¹² Obra: *Érase una voz: El primer libro del bebé*. Beatriz Sanjuán. 2016.

¹³ <https://www.booktrust.org.uk/what-we-do/programmes-and-campaigns/bookstart> Último acesso em 16 de outubro de 2022 às 09h23.

¹⁴ Celso Gutfreind - Psicanalista e escritor brasileiro.

¹⁵ Obra *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Augusto Cury, 2003.

¹⁶ Obra: *Ler com crianças pequenas*. In: BAPTISTA, Mônica C. et al. (Orgs.). *Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações*. 2015.

A importância da literatura na formação do indivíduo merece o olhar atento do nosso mundo atual - repleto de telas - mormente no que diz respeito à conexão entre bebê e mãe (ou guardião) e na nutrição que a literatura promove no que concerne bem-estar, saúde mental, empatia, socialização e humanização. Para o bebê, cada dia é diferente, pois a cada dia seu cérebro amadurece e descobre novas habilidades. O bebê necessita da voz humana, do desenho melódico, do ritmo, da prosódia, da entonação, da duração da melodia, da musicalidade, da modulação e da expressão vocal; isso o ajuda a se conectar, a cativar e ser cativado. Neste tocante, e em suma, o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, em *O Pequeno Príncipe*, nos fornece uma explicação bastante apropriada:

O que significa "cativar"?
-É algo que quase sempre é esquecido, disse a raposa.
Significa "criar vínculos".





A ARMADILHA
POR FLAVIO JOSSERT



Rodrigo entrou no Laboratório de Protozoários, naquela tarde de verão, e disse apavorado: os Estados Unidos declaram Guerra já dispararam duas bombas nucleares que atingiram a região nordeste, são milhares de mortos, e estão disparando outras.

Paulo remoendo remorsos e ódio, se prepara para tirar a vingança. Despeja toda a reserva e restos de Tetróxido de Ósmio na pia do laboratório, para agredir, se vigar, matar.

Rodrigo toma a palavra: você Paulo fazia isso todos os dias sem nunca terem lançado sequer um foguete. A ilusão revelou seu inconsciente incoerente. Qual foi a vingança que você tirou todos os outros dias? Mas você sabe que isso faz mal, e hoje tirou uma vingança da vida, como faz todos os outros dias. A ilusão serviu para revelar sua monstruosidade em julgar os próprios atos. Aquele ósmio ia para o ralo de qualquer forma não é mesmo? Mas agora eu sei, que você sabe, que faz mal.

Rodrigo foi embora naquele dia do laboratório para nunca mais voltar.

FIM



A GALINHA VAMPIRA
POR FLAVIO JOBERT

No terreiro de capão
ciscava uma galinha.
Minhoca, milho, lixo,
algumas coisas radioativas.

Seus ovos brilhavam no escuro.
Alguns pensavam ser de ouro.
Poucos faziam pudim,
outros comiam clara de ovo.

Quanto mais bicava no baldio,
mais veneno consumia.
Tão dourados ficaram seus ovos,
mais pensavam que valiam.

Um dia, sem aguentar,
a galinha de tanto ciscar,
deu um grito de assustar:
O pinto, que nascia, sabia falar.

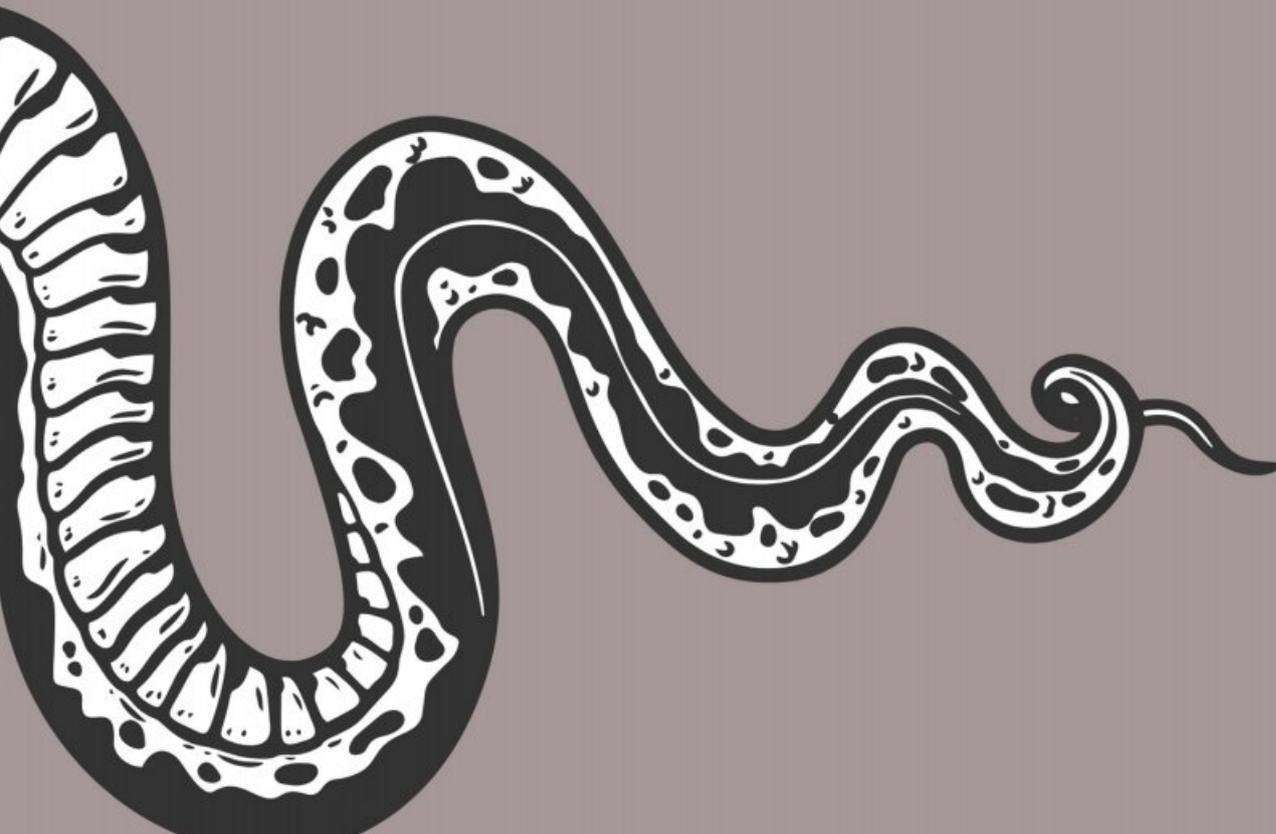


A SUCURI
POR FLAVIO JOSSERT



Começou a confusão, uma gritaria na beira do riacho. O vilarejo inteiro ocorreu para ver. Quando os bombeiros retiraram o moleque do abraço da sucuri, perguntaram para o avô que batia no garoto sem pestanejar porque não ajudou a tirá-lo da bocarra do animal, e somente batia no menino o tempo todo. O avô disse neste tom: - seu eu tivesse dentes ajudava a cobra a picar.

FIM



FALKENHOCH
POR FLAVIO JOPERT



No rochedo Falkenhoch, entre as montanhas, havia o castelo agora habitado por Hans e sua esposa Marie. Tentavam, ele engravidar ela, sem muita preocupação. Hans era um líder ambientalista que havia se refugiado em Falkenhoch para escapar da onda de assassinatos em série que estavam vitimando inúmeros, outros, ambientalistas.

A policia local pouco preparada, mas sem muito o que fazer, tomava conta de todos os forasteiros que chegavam na região. Pouquíssimos habitantes. Joaquim, sargento comandante da polícia local, um pouco guarda florestal, se interessava intelectualmente pelo caso. Sua conclusão era a de que: a situação faz o ladrão.

Se os outros foram assassinados, é bem provável que o interesse por detrás das mortes era o mesmo, independente se foi o mesmo assassino ou não. Amanhã, iria no castelo, saber se tudo estava bem com Hans e Marie.

Raiando o dia, tomou o café, se dirigiu a delegacia, entrou na viatura e foi dirigindo para o castelo. A estrada era tortuosa, cheia de neblina, em alguns locais chovia fraco.

Passou pelos portões do castelo, um pátio cheio de folhas secas, bateu três vezes com a aldrava, após alguns minutos Marie abre a porta. Ele entra e começa a conversar com Hans que trabalhava no computador. Joaquim diz que no vilarejo tudo estava tranquilo, que há um mês a cidade não tinha forasteiros, e como a estrada para o rochedo era inóspita, não havia local mais seguro.

Hans sorriu e disse, sim aqui tenho mais paz do que na cidade, e nesse exato momento tomo a liberdade de preparar mais uma campanha para a preservação da vida marinha. O slogan: "É você quem está sujando o lugar onde eu crio os peixes?"; me causa uma dúvida o que é mais sonoro, causa mais impacto lugar, ou local? Joaquim intervém resmungando que tanto fazia porque o lugar era o mar de qualquer forma. Hans pensou, que não só o mar era agredido, mas também os rios, que também produziam peixes para alimentação.

- Se está tudo como sempre, vou deixá-los a vontade; disse Joaquim. - Para a próxima semana eu volto, concluiu ele. - Também devo ir no vilarejo comprar mantimentos, disse Hans.

Marie ofereceu um café. Joaquim recusou porque podia enjoar na estrada.

Chegando na delegacia, abre o computador na página geral de assassinatos, e começa a procurar por casos de assassinatos de ambientalistas. Faz alguns anos que aquela moça foi assassinada nos bastidores de uma conferência internacional de meio ambiente. Pensou ele: só pode ser uma neurose no grupo que mata. Também não faz sentido chefes de estado numa conferência de meio ambiente se a função deles é só assinar. Mas pouco posso fazer daqui. Deixou o computador e foi para a copa. Seu almoço era filé de peixe com macarrão com azeitonas. Sorriu, pela coincidência da conversa com Hans.

“A situação de Hans e Marie, escondidos naquela montanha, chamava a atenção do mundo para Falkenhoch. Aquele ninho de falcões quase extintos, era o refúgio que transmitia paz e segurança à vida.”

A vida no lugarejo era sempre a mesma, a espera do domingo, quando todos na praça se encontravam para conversar com suas roupas bonitas. Um dia de descanso, algumas famílias em festa com seus almoços. Segunda-feira continuaria a rotina do trabalho para subsistência.

Joaquim pensava com seus botões da farda. “O que a mente assassina buscava, além de atrapalhar o andamento das negociações. Sem a posição técnica todos meteriam os pés pelas mãos. Seria uma forma de humilhar? Estabelecer um limite para o grupo que incomoda ao dizer boas verdades?” Acaba que as conferências ambientais seriam mesmo para biólogos, ambientalistas, o estado das coisas indica que o processo total ainda não democratizou, como alguns pensam.

Mais uma semana sem um visitante do lugarejo. Falkenhoch era esquecido do mundo. Marie disse para Hans que achava que estava grávida. Eles se alegraram. Afinal estavam a salvo naquelas montanhas.

FIM



Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



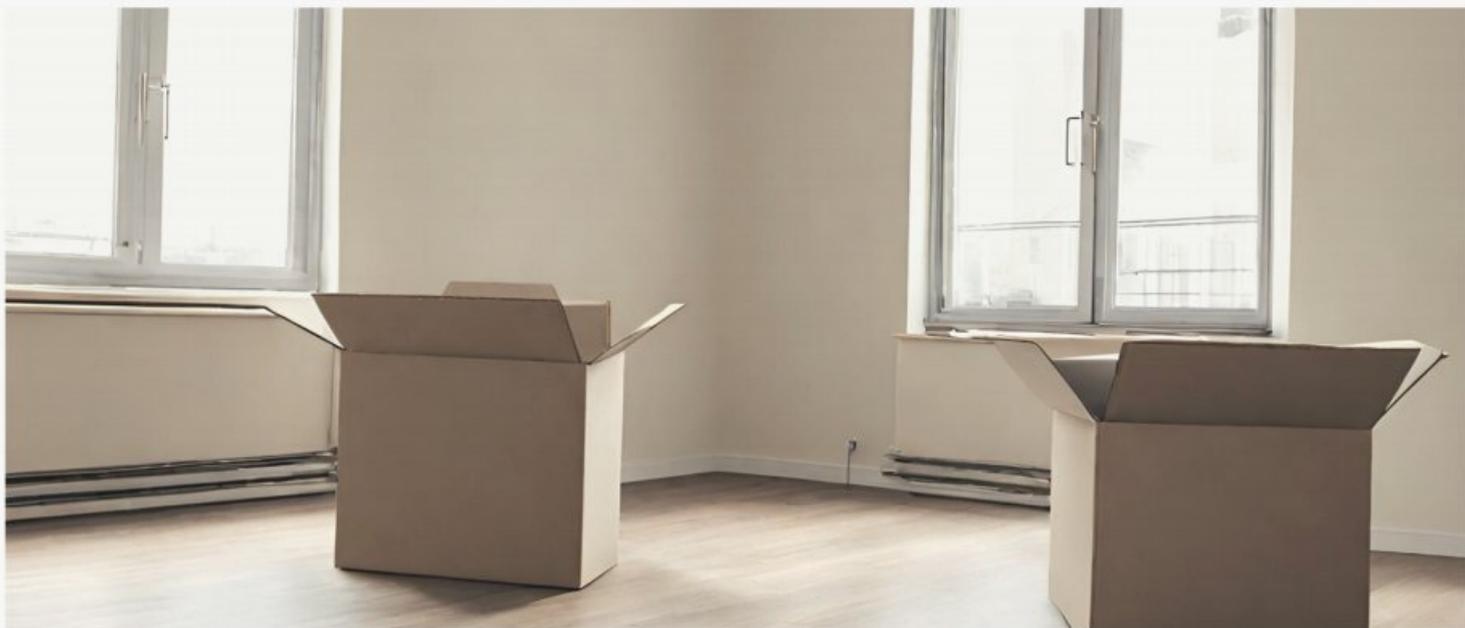
Um livro pode
conter um
universo
inteiro, por
mais infinito
que seja.



Revista Conexão Literatura

EU NÃO TENHO NADA

Por Marcos Antônio Silva Carneiro



MARCOS ANTÔNIO SILVA CARNEIRO

Sou maranhense, de Imperatriz. Tenho 42 anos, jornalista, assessor de comunicação. Sou curioso sobre como o mundo se enxerga em suas relações e tento, por meio de minhas vivências, mostrar a minha identificação com essas interações. Boas e ruins.

Estou mudando de apartamento, casa, cep. Nunca tive o transtorno material de carregar "coisas". Tudo que tenho cabe em meu carro, quer dizer, que nem meu é, mas isso é uma outra crônica.

Um uno sport 2013, cujo motor 1.4 vai me levar pro meu novo apartamento, e junto tudo que permiti pertencer à minha vida, a ponto de eu carregar por anos.

Estou na quarta cidade que moro. Só tive móveis, eletrodomésticos e tudo que precisa de um "frete" na segunda. Depois, com o tempo, fui dando, vendendo, deixando pelo caminho. Só levo o que cabe no uninho.

Livros, alguns com suas dedicatórias que tanto me instigam, uns copos e minha vitrolinha que já tá cansada de rodar os quatro discos que tenho. Nina, Gal, Gil e Tom são a trilha sonora de mais uma mudança.

É isso que sou. Um errante que carrega pensamentos, memórias e sons alheios por opção. Essa é a parte fácil. Difícil é você se levar, com seus próprios pensamentos, memórias e sons. "A pesada leveza do ser".

Não vou começar do zero. Só se é possível ao nascer, depois, você é um corpo que se move e se enche de significados e histórias que, para alguns, e me incluo, pode mais doer do que fazer bem. Não é uma reclamação, é uma constatação. Mas há que se dizer que tem diversão na jornada e nas mudanças, mesmo que só de endereço.

Vou sair de um apartamento que, hoje, pra mim, mais parece uma carcaça do que já foi. Antes dos urubus chegarem, eu parto.

Então levo a mim, porque não me posso mudar em minha essência, e nem sei se quero. Tenho uma curiosa Síndrome de Estocolmo por mim mesmo.

Novo endereço. Velho eu.

ENTREVISTA COM CRISTIANE HENRIQUES



Cristiane Henriques

Cristiane Henriques, brasileira e residente em San Diego, Califórnia - EUA. Formada em Administração de Empresas, MBA em Marketing-FGV, Certificação em Interactive Media e Curso de Formação de Professor/Associate in Child Development. Foi Sócia fundadora da San Diego Language Academy e professora de Língua Portuguesa, contribuindo para a comunidade brasileira em San Diego de 2009 a 2012. Desde 2022 é professora assistente no Curso de Língua Portuguesa na San Diego State University. Em 2023 sua poesia foi selecionada para participar da Antologia do Selo Off Flip 2023: Nós - Textos de Autoria Feminina.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cristiane Henriques: A Coletânea: Catita, Chica e Boneca foi minha estreia oficial como escrita em 2013 enquanto aguardava minha filha fazer a aula de Ginástica Olímpica, e infelizmente tive que arquivar esse sonho de lançar livros para crianças, quando minha filha foi diagnosticada com câncer Hodgkin Lymphoma aos 12 anos. Hoje curada e fora de tratamento ela segue sendo minha grande motivadora a continuar a escrever. A coletânea foi lançada em agosto de 2023 pelo Selo Asinha da Editora Ases da Literatura. Porém, já escrevia diários e desenhava desde criança, meu primeiro desenho foi escolhido para ser o símbolo para a feira de ciências da escola. Naquela época como as meninas da coletânea e também as da minha avó e da minha mãe e que não puderam frequentar a escola. Eu não tive muito acesso a papéis, materiais escolares ou de arte como nos dias atuais, então eu desenhava no papel que a mercearia embrulhava o pão. Em 2023 Tive a oportunidade de participar da Antologia do Selo Off Flip 2023: Nós - Textos de Autoria Feminina, com uma das poesias que integra o meu livro de poesia Desatinada a ser lançado em 2024.

COLETÂNEA: Catita, Chica e Boneca

Texto e ilustrações: Cristiane Henriques



Conexão Literatura: Você é autora e ilustradora do livro "Coletânea: Catita, Chica e Boneca". Poderia comentar?

Cristiane Henriques: Durante essa tempestade eu terminei toda a escrita e ainda consegui desenhar os personagens. Destinada em lançar o livro, os desenhos iniciais dos personagens levou a personagem Catita a ser premiada em segundo lugar na Feira de Arte de Delmar em San Diego Community College em 2018. Outras pedras encontrei no caminho e

fui guardando para pintá-las (ate pinte algumas), sabendo que um dia iria realizar este sonho de Lançar o "livro das meninas" como dizia uma grande amiga jornalista que apoiou o projeto logo assim que leu e viu os primeiros rascunhos dos desenhos.

Nesta coletânea temos 4 histórias onde resalto o resgate dessas vivências, como poder correr de pés no chão, subir no pé de goiaba, brincar nas jangadas dos pescadores sem ser pegos, e o contato com a natureza e suas preciosidades, desenhar o sol no chão para parar de chover, ter contato com os animais como cabritos, porcos e galinhas. Levar um pouco desse universo para outras crianças através da leitura foi uma grande alegria para mim e espero que as crianças possam sorrir durante a leitura da Coletânea: Catita, Chica e Boneca da mesma maneira que eu sorria quando lia a série vaga-lumes, Monteiro Lobato entre outros.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Cristiane Henriques: Meu processo de criação para a ilustração da coletânea teve início com uma grande pesquisa nos livros infantis, com muitas visitas à biblioteca. Tenho o meu momento de criação, me alimento visualmente de arte, vejo arte e possibilidade em tudo, desde um passeio entre as árvores, vendo as borboletas, flores e suas cores, nos livros e na contemplação do trabalho de outros artistas ilustradores.

Os desenhos foram feitos a mão e pinte em aquarela, foi um grande desafio, pois nunca havia pintado um livro. Eu tive a opção de fazer em meio digital, mas achei que esta edição deveria ter um toque mais simples, mesmo apreciando a arte digital. Durante a ilustração foquei nos traços infantis para transmitir uma maior identificação do leitor infantil com a delicadeza das cores, em harmonia com o teor da história.

Minha inspiração para a coletânea veio em grande parte das minhas memórias de quando eu era criança e tínhamos toda a liberdade para aprender brincando. As personagens eu inspirei-me. A Inspiração para as personagens foram três irmãs que nos anos 80 já deviam ter seus 80 anos e viviam no interior da Região dos Lagos quando eu e minha família grande de 12 irmãos nos mudamos para crescer com mais liberdade do que tínhamos no Rio de Janeiro. Queria recontar como teria sido a infância delas e permear nesse universo da imaginação e sensibilidade infantil.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Cristiane Henriques: Destaco alguns trechos como os que falam sobre fantasia e união. Acredito que devemos criar em nossas crianças a empatia pelo outro, a preocupação com o meio que nos cerca.

...cada joaninha foi dando sua patinha à outra e fizeram uma corrente no ar... felizes juntas conseguiram salvar a amiga...

...Boneca ficou triste, tomou coragem enquanto o pescador jogava a rede de novo e ria de sua pescaria, e pegou um peixe bem pequenino. Olhou nos olhos dele, deu um beijinho e o colocou calmamente de volta à água...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Cristiane Henriques: O livro pode ser adquirido através deste link: <https://linktr.ee/cristianehenriques> ou pela editora Ases da Literatura. Os leitores poderão conhecer um pouco do meu trabalho no

Site: <https://cristianehenriquesautora.wordpress.com/> e Instagram: @crih.illustration

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Cristiane Henriques: Desenvolver uma rotina de escrita e leitura, participar de encontros literários e nunca desistir de seus sonhos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cristiane Henriques: Tenho trabalhado no planejamento deste importante projeto social onde levaremos a coletânea: Catita, Chica e Boneca para alunos de escolas públicas e também para professores que trabalham em casa preparando crianças para ir para a escola.

Durante a pandemia escrevi um livro de Poesia chamado "Desatinada" destinado ao leitor(a) adulto (a) que será lançado em breve, uma poesia deste livro integra a Antologia do Selo Off Flip 2023: Nós - Textos de Autoria Feminina.

Em breve estarei lançando mais dois títulos - Tito quer ir para a escola e Tito faz novos amigos que já estão sendo analisados por editoras. Para 2024 tenho um projeto sobre ancestralidade indígena tendo como base o resgate das memórias da minha avó materna.

PERGUNTAS RÁPIDAS:

Um livro: Pluft – O fantasma – Maria Clara Machado

Um ator ou atriz: Wendell Bendelack

Um filme: Série Sítio do Pica-Pau-Amarelo

Um hobby: desenhar

Um dia especial: O lançamento da Coletânea Catita Chica e Boneca.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cristiane Henriques: Eu gostaria de através das aventuras de cada uma das personagens apresentar este mundo mágico e fantástico que é ser criança. No mundo atual temos que priorizar nossas crianças independente da condição social, racial ou econômica para que elas possam ter direito à educação, acesso à leitura, brincar e ser criança.



Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba:

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

ENTREVISTA COM FÁBIO VINÍCIUS PRIMAK



Fábio Vinícius Primak

Fábio Vinícius Primak tem 48 anos e é de Guarapuava, estado do Paraná. Possui graduação em Processamento de Dados e também em Ciências Contábeis. Além disso, é Pós graduado em Gerência Contábil, Controladoria e Auditoria; Docência do Ensino Superior; Big Data e Inteligência Competitiva. Atua profissionalmente como Analista de Sistemas; Contador; Professor e Coordenador de Curso de Graduação em Ciências Contábeis além de ser Escritor. Atualmente ocupa a Cadeira de nº 13 da Academia de Letras, Artes e Ciências de Guarapuava – ALAC.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fábio Vinícius Primak: Pelo fato de começar a trabalhar muito cedo, tive a oportunidade de conhecer excelentes profissionais que tiveram a generosidade de me ensinar sobre vários assuntos. Entre estes, em 2008 fui apresentado aos conceitos teóricos e práticos sobre Business Intelligence. Fiquei tão fascinado pela tecnologia que resolvi colocar em uma obra bibliográfica o conhecimento adquirido. Foi então que surgiu o meu primeiro livro Decisões com B.I.

Depois disso vieram outras obras tendo como temas principais a Contabilidade, Tecnologia da Informação, Direito e Administração. Recentemente lancei dois livros “não técnicos” sendo um focado na influência da música em minha vida e outro sendo uma coletânea de poesias. Desde 2008, já são 7 livros publicados como autor principal e 1 livro como co-autor.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "IA nas Ciências Contábeis". Poderia comentar?

Fábio Vinícius Primak: É um livro cujo objetivo principal é desmistificar a utilização das ferramentas de Inteligência Artificial na Contabilidade utilizando de uma linguagem acessível tanto aos profissionais da T.I. quanto aos Contadores, estudantes ou apenas aos entusiastas da área. Além disso, um dos meus objetivos é deixar claro que a Inteligência Artificial não substituirá o profissional contábeis, será apenas mais uma das inúmeras ferramentas que estes profissionais se utilizam no dia a dia para fazer um trabalho de qualidade.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fábio Vinícius Primak: Eu tenho sempre como foco a questão da simplicidade no desenvolvimento dos

meus textos. Além disso, eu gosto de colocar um pouco de humor deixando assim as obras mais leves e de fácil compreensão. Minha principal inspiração é identificar as dificuldades atuais e passar ao leitor uma forma com que eles consigam entender o conteúdo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fábio Vinícius Primak: Destaco o Capítulo 5 onde falo explicitamente sobre as técnicas de Inteligência Artificial aplicadas à Contabilidade apresentando conceitos básicos tentando usar o mínimo de “informatiquês” como, por exemplo: Aprendizado de máquina e algoritmos de IA relevantes para a contabilidade; Processamento de linguagem natural e extração de informações em documentos contábeis; Análise preditiva e detecção de fraudes na contabilidade; Automação de lançamentos contábeis e conciliação de contas; Previsão de fluxo de caixa e gerenciamento de riscos. Entretanto, deixo claro, que todo conteúdo do livro tem uma importância de destaque no cenário contábil.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fábio Vinícius Primak: Existem duas formas de adquirir a obra:

1º e-book: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/ia-nas-ciencias-contabeis-explorando-novos-horizontes/X841989420>

2º impresso: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua35446/>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Fábio Vinícius Primak: Lembrar que o livro deve ser escrito para o leitor e não para o autor. Explico: Muitas vezes escrevemos e deixamos alguns conteúdos “vagos” ou “sem muito sentido”. O leitor precisa ser respeitado e você como escritor deve apresentar detalhadamente a sua ideia sobre o conteúdo que está escrevendo

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fábio Vinícius Primak: Sempre! Um escritor deve estar “antenado” e “conectado” ao Mundo e suas nuances. Pretendo em 2024 dar continuidade a um projeto de literatura musical bem como escrever sobre conceitos contábeis tendo como ferramenta a tecnologia da informação.

Perguntas rápidas:

Um livro: Inteligência Artificial nas Ciências Contábeis

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Reign Over Me (Reine sobre Mim)

Um hobby: Música

Um dia especial: Difícil. Diria que são alguns dias especiais: Quando conheci minha esposa e quando os meus filhos nasceram.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fábio Vinícius Primak: Mais informações sobre os meus trabalhos bem como links para minhas redes sociais, acesse <https://bit.ly/fabioprimak>



NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺



CONEXÃO NERD

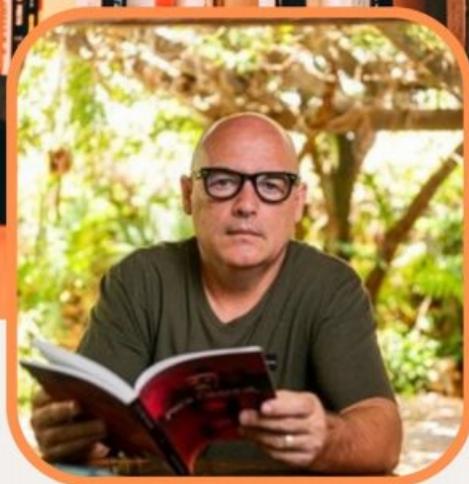
I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM FAUNO MENDONÇA



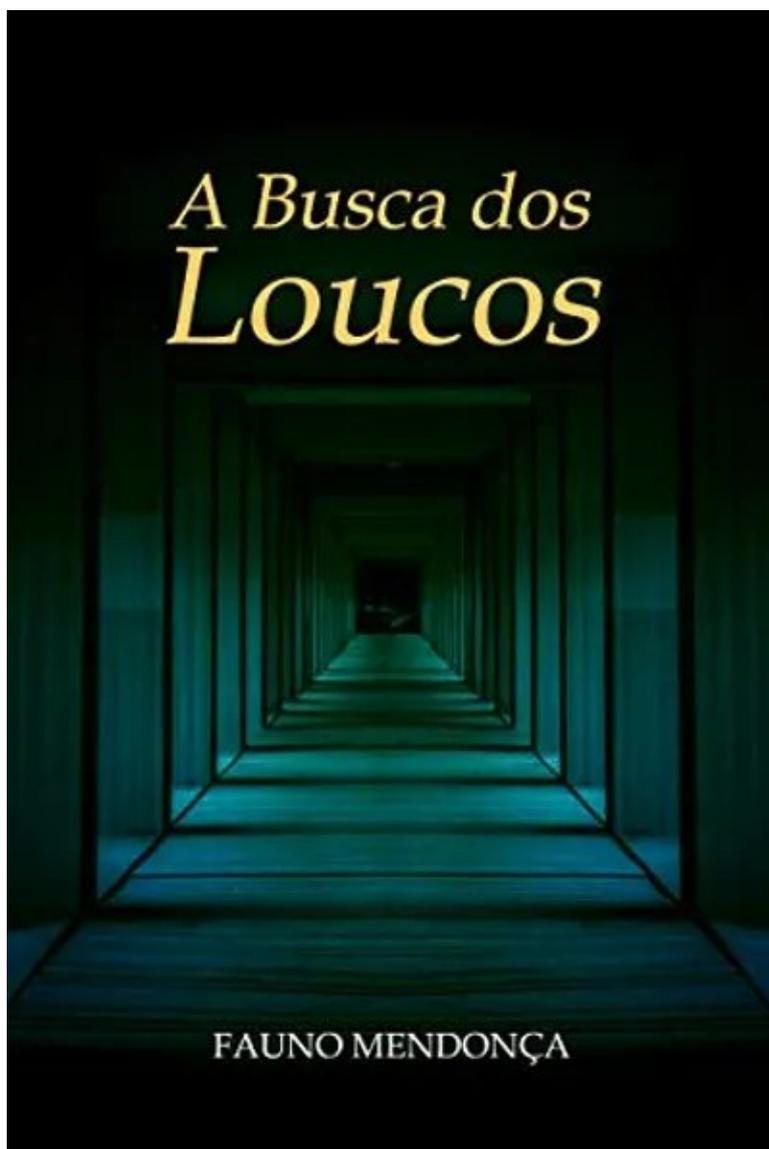
Fauno Mendonça

Nascido no Planalto Central, Goiânia, em 1968, reside atualmente em Brasília. No início do primeiro verão da década de 90, tornou-se bacharel em Direito, foi advogado e atualmente trabalha no Poder Judiciário. Aos 35 anos, escreveu o primeiro livro: "A Busca dos Loucos". Após mais de 10 anos sem produzir, escreveu "Encontre-se. Em 2017, surgiu a vontade de escrever "D. e o Procurador. No início de 2022, lançou "Ao Norte do Silêncio". No final do mesmo ano, escreveu "Bragof".

Entrevista

Conexão Literatura: Você é autor de vários livros: entre trabalho, família e escrita, como é o seu dia a dia?

Fauno Mendonça: A literatura representa somente uma pequena parte de meu tempo. Minha vida profissional, trabalhando no âmbito do Direito, toma a maior fatia de minhas atividades, mas, isso também é muito interessante, porquanto, Direito e literatura têm suas conexões vinculadas à escrita. Enfim, sempre falta tempo para dedicar de forma mais profissional à literatura, pois não posso esquecer de cuidar de minha vida familiar, social, bem como de meu corpo, mente e alma.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "A busca dos loucos". Poderia comentar?

Fauno Mendonça: Esse livro foi o primeiro escrito por mim, nele procurei colocar a vida no limiar da morte ou a morte no limiar da vida, tudo para demonstrar que a vida deve ser vivida plenamente. Penso que cada leitor, ao adentrar na narrativa, poderá ter uma visão própria acerca do que eu estou falando. Trabalhei a compreensão daquilo que, por vezes, somente há entendimento após uma abrupta experiência, uma entrega sem volta. O tema é muito delicado, visto que mexe com emoções profundas e com temas sensíveis, notadamente reflexões sobre a falta de vontade de viver e a entrega para morte, mas, paradoxalmente, ressalto a desesperada intenção do seu protagonista vivenciar a vida em seu esplendor. De qualquer forma, apesar do peso do livro, tenho

muita convicção de que a obra leva uma mensagem muito positiva acerca da vida e, sobretudo, sobre a possibilidade real de vivenciar a glória neste plano, sem que haja quaisquer subterfúgios para estorvar ou ceifar nossa caminhada.

Conexão Literatura: Para quem você indica "A busca dos loucos"?

Fauno Mendonça: Indico para todas as pessoas que gostam de literatura intimista, principalmente para aqueles que não estão em sintonia com o mundo. Acho que um tranco nas emoções, em face da leitura do livro "A Busca dos Loucos", poderá aclarar o leitor no desiderato de demonstrar que a vida é uma mágica a ser reverenciada e desfrutada. No entanto, todos que gostam de literatura de modo geral poderão apreciar a obra.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fauno Mendonça:

"Morte, maldita, incompreendida. Não sei se ela me perseguia, se o temor de seu pó me apavorava. No fundo, percebia que o medo não existia, mas estava tão ligado à vida que não gostaria de deixá-la assim tão facilmente. A morte tem existência real como a vida, pena que as pessoas não possuem tal noção. Todos lamentam a morte como um fim, entretanto, ninguém questiona o próprio começo da vida como um fim de algo desconhecido. Ficam no mundo do presente, esquecem o anterior. Só há olhos para o sentido mais rude de tudo. O futuro nunca existiu, somente o passado e o presente têm existência concreta. Tudo segue o caminho retilíneo do absoluto. Talvez a morte não exista."

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Fauno Mendonça: Lamentavelmente, o Brasil, por questões de políticas educacionais erradas ao longo de sua história, tornou-se um país de analfabetos funcionais, por isso, a literatura encontra-se no contexto de um público muito restrito, contudo, apesar de haver poucos leitores brasileiros, considerando o tamanho de nossa população, acredito que são leitores muito qualificados, atentos aos clássicos e à literatura contemporânea. A elite brasileira lê muito e lê todos os gêneros. Quem adquire consciência acerca da necessidade e importância de ler não perde a oportunidade de fortalecer seu intelecto e seu espírito.

Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?

Fauno Mendonça: Ainda gosto dos clássicos, estou lendo Dostoiévski, Crime e castigo, mas sei que preciso ler também os autores contemporâneos, existem muitos autores de grande talento desconhecidos do grande público, os quais devem ser prestigiados.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber mais sobre Fauno Mendonça?

Fauno Mendonça: Na Amazon e no Clube dos Autores, as minhas obras estão disponíveis, mas, há outros diversos sites que podem ser adquiridas, basta fazer uma simples busca no Google.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

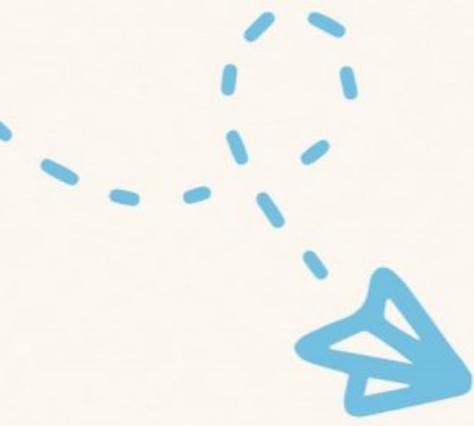
Fauno Mendonça: Há, mas estou adiando. Acho que preciso amadurecê-los um pouco mais.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fauno Mendonça: O Livro “A Busca dos Loucos” não é um livro trivial, irá impactar nas sombras que foram construídas ao nosso redor durante o curso da vida. Trata-se de compreender e desnudar o sentido maior da existência; sua narrativa centra-se em uma constante luta que só os “loucos” têm coragem de enfrentar a sua própria escuridão para galgar a felicidade plena. Ressalto, ainda, que o termo “louco” no livro tem uma conotação de capacidade de desnudar os eixos errantes do cotidiano para enxergar o simples e dele extrair todas as suas benesses. Nesse caminhar, quem tiver essa coragem poderá ser taxado de “louco”, mas, na verdade, trata-se de buscar a lucidez para seguir corretamente seu caminho. Sei que usei de uma narrativa carregada e acobertada pela morte, mas tudo não passa de figuras de linguagem para provocar reflexões. Portanto, após ler “A Busca dos Loucos”, talvez, o leitor possa fazer parte desses “loucos” que buscam destruir as falácias emocionais para atingir o zênite da vida, tornando-se consciente de que a vida é algo sagrado, uma dádiva de Deus, a qual deve ser preservada e usufruída da melhor forma possível. Siga a luz de vela e alcançará as glórias que estão ao seu redor!

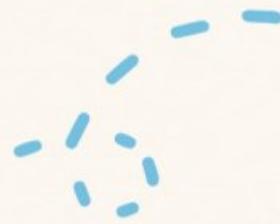


Crédito da foto do autor: Fernando Pires



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



ENTREVISTA

COM KÁTIA COLARES RIBEIRO



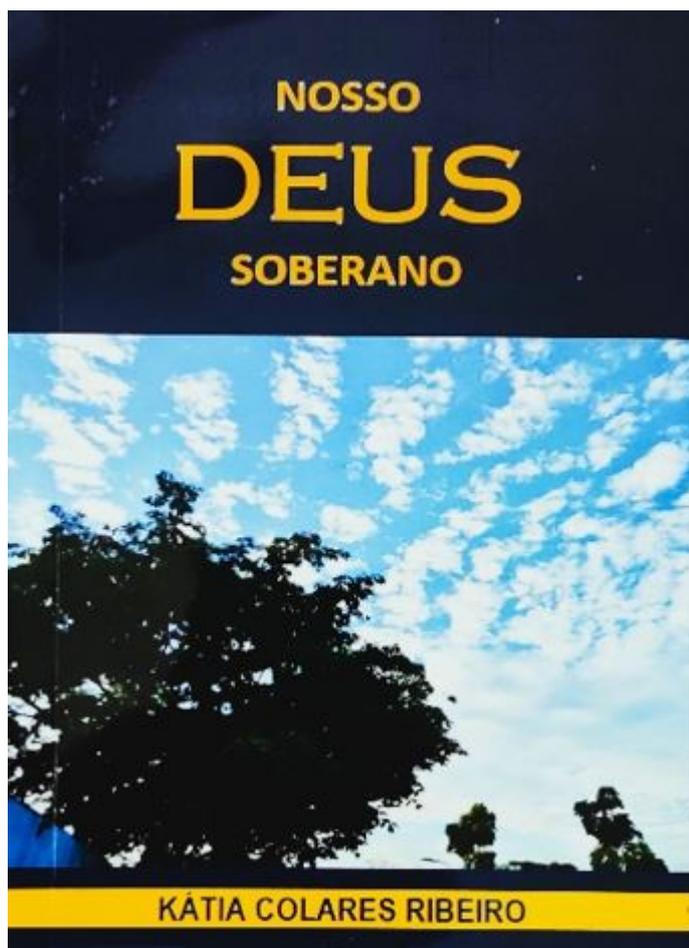
Kátia Colares Ribeiro

Kátia Maria dos Santos Colares Ribeiro é graduada e especialista em Gestão Pública. Pertence às seguintes entidades culturais: Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB-AM); Divine Académie Française de Arts Lettres et Culture; Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (FEBACLA); Academia de Letras do Brasil (ALB-AM); Academia de Literatura, Arte e Cultura da Amazônia (ALACA); Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (Correspondente); Associação dos Escritores do Amazonas (ASSEAM); e Academia Brasileira de Medalhística Militar (ABRAMMIL).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Kátia Colares Ribeiro: Comecei em 2006. Na época, fui convidada para participar do concurso literário “O Maior de Todos os Troféus”, promovido pela Grande Secretária de Cultura da GLOMAM. Classificado, o meu escrito “Flores e Jardins” integrou a antologia “O Maior de Todos os Troféus” e, por isso, recebi medalha e diploma na Categoria Redação. A partir daí, tenho colaborado com antologias de entidades literárias, no Brasil e no exterior. Em 2015, participei das reuniões preparatórias para a fundação da Academia de Letras do Brasil (ALB-AM), onde sou membro fundadora, Cadeira de Cecília Meireles. Posteriormente, em 2018, aceitei o honroso convite para organizar e fundar, no Amazonas, uma coordenadoria da Associação de Jornalista e Escritoras do Brasil (AJEB-AM). Nesse mesmo ano, durante congresso da AJEB Nacional, na cidade de Fortaleza, Ceará, tomei posse como a primeira presidente-coordenadora da AJEB-AM. Ao longo de todos esses anos, tenho integrado várias entidades culturais. De todas, muito me orgulho de fazer parte.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Nosso Deus Soberano". Poderia comentar?

Kátia Colares Ribeiro: NOSSO DEUS SOBERANO é o meu primeiro livro solo. Publicado pela BK Editora, contém reflexões baseadas na Bíblia sobre o agir de Deus na vida do povo que Ele escolheu como seu, os israelitas. Ao escrever baseado nas passagens do Velho Testamento, a minha intenção é que essas histórias sirvam de exemplos para que possamos ter atitudes condizentes com a vontade de Deus e, assim, vivermos bem aqui na Terra.

Composto por 26 capítulos, NOSSO DEUS SOBERANO traz meditações que nos orientam como reagir física, emocional e espiritualmente. Os assuntos tratados falam de organização, liderança, tomadas de decisões,

estratégias, projetos, fidelidade, obediência, desobediência, vitória, derrota, pecado, arrependimento, vida eterna, e, ainda, de como a confiança nas orientações de Deus

fazem a grande diferença. Deus deseja que os seus escolhidos vivam bem aqui na Terra, mas não significa que nunca terão problemas e dificuldades. O nosso Deus, tenho plena certeza, sempre estará com os seus escolhidos para orientá-los e fortalecê-los, fazendo o melhor por eles.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Kátia Colares Ribeiro: Quando as ideias surgem, tenho a mania de anotá-las e, a partir daí, procuro amadurecer o assunto para melhor explicar. Muitas vezes, desenvolvem-se rapidamente; outras, no entanto, demandam pesquisas para melhor esclarecimento. Acredito que o silêncio seja um dos meus maiores aliados no direcionamento e desenvolvimento dos meus pensamentos. Minha maior inspiração é a Bíblia. A propósito, a maioria dos meus escritos está fundamentada nos ensinamentos da Palavra do Altíssimo. E para escrever sobre conteúdos bíblicos é de suma importância estar em plena comunhão com o Mestre Jesus Cristo. Também escrevo contos baseados na minha vivência. Tenho ótimas lembranças da minha infância, adolescência, juventude e fase adulta. Tudo me serve de inspiração. A vida é pura inspiração para nós, escritores.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Kátia Colares Ribeiro: Sim. Gosto muito dessa passagem do Capítulo 14:

Ainda hoje, Deus requer homens que estejam dispostos a travar grandes batalhas. Calebe iria enfrentar homens gigantes e nem por isso teve medo.

Quais são os gigantes que tememos? Quais são os muros que precisam ser derrubados? Quais as montanhas que necessitam ser escaladas? Não têm gigantes, muros ou montanhas que nos impeçam de realizar os nossos anseios, quando nos posicionamos como quem não teme desafios. Eles, simplesmente, transformam-se em pequenos entraves que podem ser vencidos com facilidade.

Torcemos para que os nossos jovens sintam a força vinda de Deus. Hoje, observamos muitos deles vivendo sem perspectiva. Louvamos a Deus pelos idosos saudáveis e fortes, pois, todos reconhecemos, são exemplos de quem não se deixa abater por qualquer coisa. São idosos com força de um jovem, verdadeiros “Calebes”.

Nunca esqueçamos: cada um de nós pode enfrentar qualquer dificuldade sem temor, visto que Deus é nosso aliado, grande comandante, poderoso e temível.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Kátia Colares Ribeiro: Quem desejar adquirir o livro NOSSO DEUS SOBERANO deverá entrar em contato com a autora, por meio do e-mail: kcolaresribeiro@gmail.com.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Kátia Colares Ribeiro: No meu caso, dedico-me à leitura de bons livros, para melhorar a minha maneira de escrever e extrair ensinamentos úteis. Faço da leitura um hábito diário. Vivemos também da sabedoria, não é verdade? Se necessário, recorro a pesquisas sérias sobre o tema a ser desenvolvido. Por fim, participar de concursos e de florilégios literários são incentivos que me levam a trilhar, cada vez mais, pelos caminhos da arte de escrever.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Kátia Colares Ribeiro: Sim. Atualmente, estou com três livros infantis para serem diagramados. Outros três em fase de conclusão, sendo dois de reflexões bíblicas e um de conto.

Perguntas rápidas:

Um livro: BÍBLIA SAGRADA;

Um ator ou atriz: KEVIN SORBO;

Um filme: DEUS NÃO ESTÁ MORTO;

Um hobby: ESCREVER;

Um dia especial: 27 de junho de 1983, dia em que conheci o meu esposo Raimundo Colares Ribeiro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Kátia Colares Ribeiro: Eu sempre digo que o bom escritor não se faz do dia para a noite. Ele é perseverante na sua obra, colocando no papel as suas ideias. Depois, amadurece os seus pensamentos. Aprofunda seus conhecimentos, inclusive sobre a forma correta de expressar-se por meio da escrita. Hoje, ele próprio pode formatar seus escritos e fazer uma prova impressa do seu trabalho, conhecida como “boneco” ou “boneca”. A todos, escritores ou não, deixo este recado: Confiemos em Deus, no talento que Ele nos deu e sigamos em frente. Agradeço ao Ademir Pascale, editor da Revista Conexão Literatura, por divulgar os nossos trabalhos literários. Abraços.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

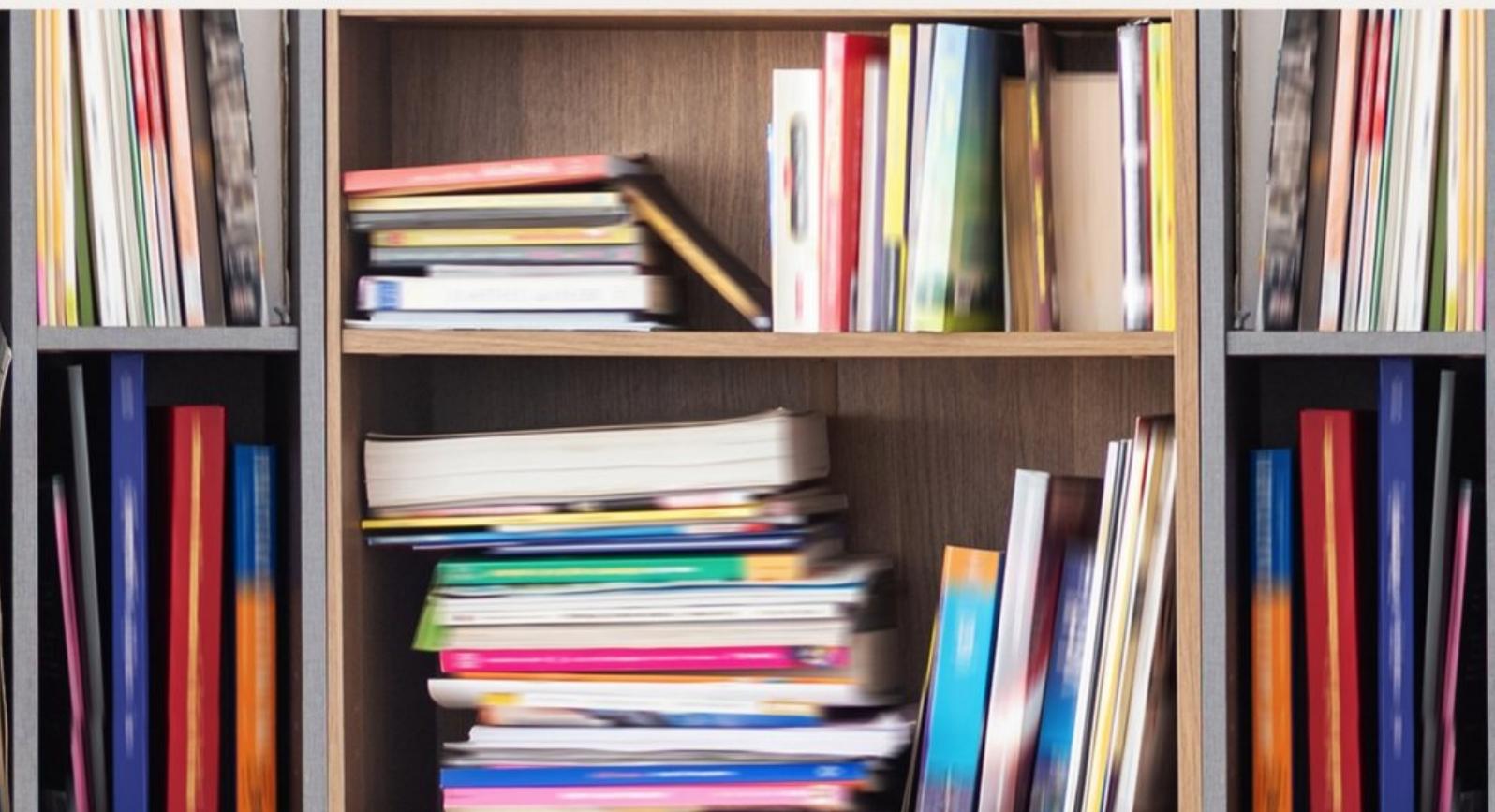
NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM MONICA HEINEN



Monica Heinen

Brasileira, formada em Educação Artística na Universidade São Judas em São Paulo, mora há 30 anos em Colônia na Alemanha, onde se aperfeiçoou em Artes Plásticas. Atualmente dá aulas de Artes para jovens e crianças do 5º ao 9º ano. É casada, tem um filho com quem divide a mesma paixão pelas artes. Gosta de escrever, ler e de tudo relacionado ao mundo artístico.

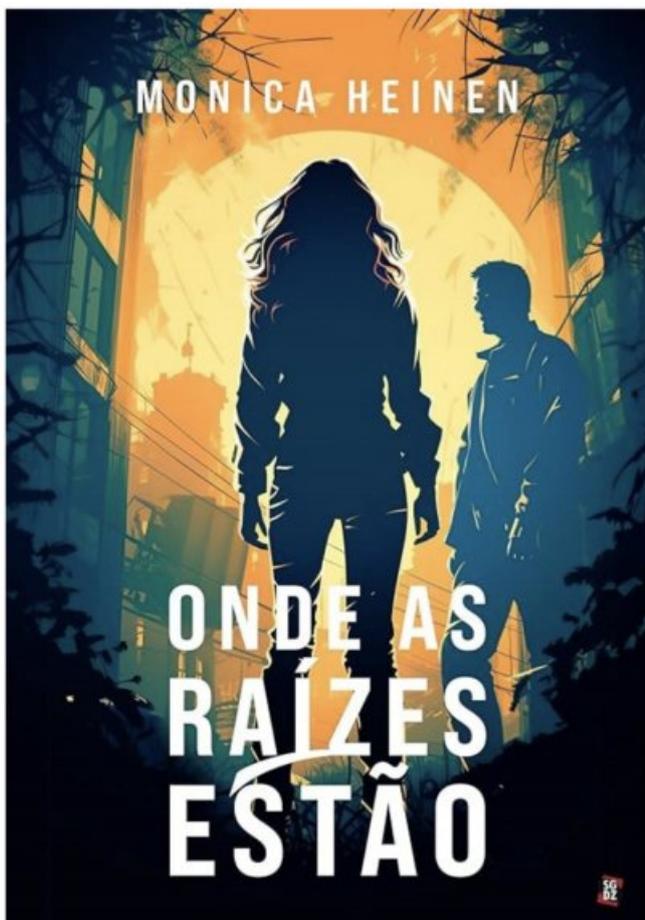


Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Monica Heinen: A ideia de escrever um livro surgiu enquanto assistia uma novela e fiquei decepcionada com a falta de criatividade dos autores em trazer algo novo para os telespectadores, preferindo repetir histórias antigas. Foi então que comentei com minha irmã dizendo que, com certeza, eu poderia escrever uma história e ser bem mais criativa do que muita gente por aí. Só a história de minha vida já daria um bom livro, com uma boa dose de dramas!

O que começou como uma brincadeira, acabou despertando em mim algo que pensei ter perdido há anos, pois sempre gostei de escrever e assim nasceu uma história, biográfica, um pouco descontraída que, depois de uma reviravolta, dividiu-se em “o que foi de verdade” e “o que eu gostaria que fosse”, sem dar ao leitor a impressão de que de tudo se resumiu apenas em momentos ruins.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Onde as raízes estão". Poderia comentar?

Monica Heinen: É uma biografia com um toque de ficção e investigação policial. O livro conta a trajetória de 3 irmãos que têm, inicialmente, uma vida bastante comum e que vivem em uma família tradicional nos anos de 1960 e 70 em São Paulo. Como era típico da época, a mãe era responsável pela educação dos filhos, enquanto o pai trabalhava para sustentar a família e mantinha-se, de uma certa forma, afastado do convívio familiar.

Eles ainda eram muito pequenos quando a mãe veio a falecer e o caçula, Joca, era ainda um bebê. Não vendo outra opção, o pai pediu que sua mãe viesse para São Paulo ajudar na criação das crianças e, com todo o carinho da avó, eles foram felizes por alguns anos. Até que um dia, o pai resolve se casar novamente e com a

chegada da madrasta, uma mulher cruel e fria, os irmãos foram separados da avó repentinamente, o que foi bastante doloroso. Durante anos, eles sofreram várias agressões, tanto físicas como psicológicas, nas mãos desta madrasta, o que resultou em traumas que eles carregaram na vida adulta. Por fim, esta madrasta conseguiu que eles se separassem e

por causa de toda a situação, cada um dos irmãos, seguiram em destinos diferentes e sofrendo de forma diferente com as condições que a vida oferecia naquela época. Cora, a mais corajosa dos 3, foi viver com a avó e passaram juntas por muitas dificuldades. Joca, acabou fugindo de casa enfrentando a vida dura nas ruas de São Paulo e Mariana, permaneceu sobre o domínio da Madrasta por muitos anos.

A história gira em torno de Mariana, contando a trajetória de vida dela, desde os sofrimentos vividos quando criança e adolescente e o convívio com a madrasta, até conseguir se livrar das garras dela e tentar levar uma vida normal.

Os irmãos se reencontraram mais ou menos 20 anos depois, quando já eram adultos e cada um deles já tinham encontrado sua própria forma de lidar com os acontecimentos do passado.

A madrasta não era somente uma pessoa cruel, como também estava envolvida em um grande crime organizado e foi exatamente isso que trouxe a chance de, não se vingar, mas sim, buscar a justiça depois de todo o mal que sofreram nas mãos dela.

Essa história, apesar de ser triste por ter acontecimentos ruins, são fatos e acontecem até mesmo hoje em dia em muitos lares e de forma oculta.

A história envolvente e fácil de ler, pois foi abordada de forma leve procurando um certo alívio cômico em alguns personagens.

O livro é relativamente curto, com bastante emoção e ação, mas também com momentos divertidos, sem exageros, se tornando assim, uma história equilibrada, com temas sérios tratados de forma irreverente e descontraída.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Monica Heinen: Minhas inspirações busquei na história de minha própria vida, lugares onde vivi e visitei. Claro, adicionei uma boa quantidade de fantasia, mas também, fatos que acontecem no Brasil e no mundo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Monica Heinen: “Como era típico nos anos 60 e 70, as crianças brincavam na rua e se divertiam com coisas simples e brinquedos feitos por elas mesmas. Brincavam de esconder, de bolinhas de gude, de pular corda, empinavam pipas feitas com folhas de jornais, brincavam de amarelinha e muito mais. Improvisavam uma brincadeira qualquer e o mundo parecia ser, naquele momento, muito melhor!”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Monica Heinen:

Visite minha página no facebook: <http://www.facebook.com/monica.heinen>

E no Instagram: @moni_heinen

Lá você pode saber mais sobre mim e sobre meus trabalhos.

Meu livro, você pode adquirir em todas as plataformas citadas nos links abaixo:

<https://www.americanas.com.br/produto/7464448914>

<https://www.shoptime.com.br/produto/7464448914>

<https://www.submarino.com.br/produto/7464448914>

<https://loja.umlivro.com.br/onde-as-raizes-estao--6821834/p>

<https://www.magazineluiza.com.br/onde-as-raizes-estao-sgdz-books/p/fe33ke2d03/li/otli/>

https://www.pontofrio.com.br/onde-as-raizes-estao-1560965521/p/1560965521?utm_source=organic

https://www.casasbahia.com.br/onde-as-raizes-estao-1560965521/p/1560965521?utm_source=organic

https://www.extra.com.br/onde-as-raizes-estao-1560965521/p/1560965521?utm_source=organic

https://www.estantevirtual.com.br/umlivro/heinen-monica-onde-as-raizes-estao-4070414978?show_suggestion=0

https://www.amazon.com.br/Onde-Ra%C3%ADzes-Est%C3%A3o-Monica-Heinen-ebook/dp/B0CDXX3R7K/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1E5JIBPQBQPUJ&keywords=onde+as+ra%C3%ADzes+est%C3%A3o&qid=1692638795&srefix=onde+as+ra%C3%ADzes+est%2Caps%2C1343&sr=8-1

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Monica Heinen: As únicas dicas que posso dar são:

- . Procure escrever sobre coisas que você conhece, assim, a inspiração vem por si mesma.
- . Depois de escrever, leia e releia, quantas vezes forem necessárias até ficar satisfeita com o que criou.
- . Sempre procure um revisor profissional para fazer ajustes e correções que as vezes o escritor não percebe e deixa passar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Monica Heinen: No começo do mês de março de 2024 será lançado o ebook em alemão na Amazon, mas meu projeto oficial é um segundo livro que está em fase de

processo. Só posso adiantar que pretendo abordar temas muito interessantes, mas não tenho ainda previsão de quando estará pronto. Fiquem de olho!

Perguntas rápidas:

Um livro:) muitos, inclusive o meu, claro!

Um ator ou atriz: a elegantíssima Julie Andrews

Um filme: De volta para o futuro - todos os 3

Um hobby: eu vivo os meus hobbies que são Escrever, Pintar e Desenhar

Um dia especial: o dia do nascimento de meu filho

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Monica Heinen: Foi difícil escrever esse livro, pois as emoções, as vezes vinham à tona e por várias vezes precisei de uma pausa. Mas acredito que foi bom, não só para mim, pois em cada um de nós existe a possibilidade de, entre uma linha e outra, se identificar com algum dos personagens dessa história.

Escrever esse livro, meu primogênito, foi uma experiência única e de certa forma, um tipo de terapia que posso recomendar. 😊



atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM RENATA MARINHO



Renata Marinho

Renata é mineira, jornalista e autora de quatro livros publicados. Nos últimos anos experimentou diferentes gêneros literários até encontrar o seu caminho com o último, *O Veneno do Caracol*, um thriller psicológico que está na boca e resenha dos leitores brasileiros. O livro tem sido destaque nos principais perfis especializados e vem acumulando avaliações na Amazon e Skoob desde o seu lançamento em outubro de 2023. A autora já está trabalhando em seu próximo projeto e adiantou que além de continuar a desenvolver suspenses, assim como no *Veneno* que apresenta reflexões contemporâneas e necessárias, o próximo livro irá abordar temas como ditadura militar, etarismo, traumas enraizados e claro, muito suspense e investigação.

“Não tenha medo de fazer, errar, corrigir, aprender. Muitas obras boas não são concluídas porque os autores acham que não estão “perfeitas”. A perfeição não existe e você só irá evoluir enquanto escritor a partir do momento em que outras pessoas tiverem acesso as suas criações. As críticas fazem parte do processo e você certamente irá descobrir muito sobre você e suas escolhas através dos comentários e pontos de vista externos. Tão importante quanto nutrir o sonho de escrever é avançar e aprender fazendo”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Renata Marinho: Eu sempre quis escrever. Me apaixonei pelos livros por volta dos 13, 14 anos e nessa época eu devorava dois ou três livros por semana. Essa paixão influenciou todas as demais decisões da minha vida, inclusive optar pelo jornalismo. Apesar de ter essa convicção, trabalhei durante muitos anos exclusivamente como jornalista até que em 2018 lancei meu primeiro livro, *As Garotas do Caixão*. Acredito que essa “demora” se deu primeiro porque até então eu não havia conseguido chegar a uma história minha que eu gostaria de escrever e compartilhar, minhas referências nessa época passavam muito pelo romance romântico e intuitivamente eu já nutria essa vontade de desenvolver suspense, como o próprio nome da obra sugere. E, segundo, porque eu não conhecia absolutamente nada sobre o mercado editorial. Eu tinha o sonho de escrever, já fazia isso profissionalmente há mais de uma década, mas ainda assim eu não entendia a importância de estudar também as editoras, os processos, e acredito que esse é um erro comum para quem está entrando no mercado. Então minha primeira editora foi um verdadeiro aprendizado, não tive nenhum apoio e precisei fazer absolutamente tudo sozinha (enviar livros para os críticos, carregar caixas e organizar todo o lançamento, inserir o e-book na Amazon). Entendi aí também a diferença entre as editoras tradicionais e as empresas que publicam com co-participação e geralmente não tem uma equipe por trás para sustentar o processo editorial. Com o tempo e depois de tomar algumas porradas que me apresentaram a realidade dos autores nacionais, consegui de fato me inserir no mercado editorial e tenho conquistado, dia após dia, mais leitores e espaço.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "O veneno do caracol". Poderia comentar?

Renata Marinho: O Veneno é um verdadeiro divisor de águas na minha vida e carreira. Com este livro venci meu primeiro concurso literário e além de garantir a publicação pela Astral Cultural conquistei também um contrato com agência literária Increasy. Tem sido incrível entrar em livrarias e ver meu livro em todas. Quem vive o mercado editorial sabe o quanto é difícil conquistar esse patamar de distribuição e alcance. Tenho recebido fotos e marcações de pessoas em diferentes estados em todo o país e é esse carinho e reconhecimento é o que faz tudo valer a pena. E ainda preciso comentar um outro

aspecto tão importante quanto o primeiro que é o fato de eu ter me encontrado, sem dúvidas, os leitores podem esperar novos livros de suspense/ thriller psicológico.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Renata Marinho: Antes de sentar para escrever eu gosto de fechar a história primeiro na minha cabeça. Então quando eu vou começar um novo projeto começo a pensar sobre ele, qual seria o enredo, os personagens, tramas, e só depois que tenho tudo isso definido é que começo de fato a produzir. Pra mim funciona saber onde a história começa e onde ela termina. Cada autor tem seu processo e isso é muito interessante, alguns sentam sem nada definido e deixam a história “se contar”.



Sobre as minhas inspirações, nos últimos três anos tenho me dedicado exclusivamente ao gênero que escrevo hoje. Então tudo que sai e se destaca no mercado com essa pegada de thriller, principalmente o psicológico, me atrai. Sou uma consumidora ávida de livros, filmes e séries com essa vertente. E cada vez mais esse gênero tem tomado as livrarias e telas, tem muitos autores estreantes incríveis. Um autor que é uma referência para mim e consegue fazer sucesso em toda a cadeia e tem quase todos os seus livros transformados em séries e filmes é o Harlan Coben.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Renata Marinho: *“Poucos olhares são tão poderosos quanto aqueles regidos pelo ódio, que são capazes de congelar qualquer alma que os aceite de frente. Não há como lutar nem como fugir. Ali,*

naquela noite fria e cercada por uma pequena mata que conferia ao chalé charme e solidão, a ilusão de segurança se desfez em poucos segundos. O silêncio gritava, dizia muito. Ele era meu. Era nosso. As mãos trêmulas e agitadas de minutos antes cederam lugar a um novo membro rígido e sem qualquer tipo de movimento. Mas a minha mente... não me deixou esquecer quem eu era”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Renata Marinho: O livro físico pode ser encontrado em todas as livrarias do Brasil. E uma opção interessante também é comprar pela Amazon, que disponibiliza ainda a versão para Kindle.

Para quem deseja saber um pouco mais sobre a minha trajetória, basta me seguir no Instragram: @renatamarinho.jn

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Renata Marinho: Escrever é um ato solitário. Então minha dica é: não desanimem ou percam o foco. Começou a escrever, crie uma rotina dentro das suas possibilidades (porque praticamente todos os autores precisam conciliar com demais trabalhos e atividades). E estudem sobre o mercado editorial, escolham e direcionem seus projetos para as editoras certas, busquem conhecimento e sigam escritores que podem te ajudar a encontrar o seu próprio caminho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Renata Marinho: Sim! Já estou trabalhando no meu novo suspense e ele será entregue a minha agente literária até março de 2024. Se tudo der certo, no segundo semestre do ano ou no máximo início do próximo teremos livro novo no mercado. Assim como no Veneno, o próximo tem como objetivo aprofundar na mente humana. E usar o mistério como pano de fundo das histórias tem sido bem interessante porque com este gênero é possível explorar situações extremas como a morte, suicídio, traumas, complexidade das relações humanas, para passar as mensagens e propor as reflexões que eu gostaria.

Perguntas rápidas:

Um livro:) – Vou citar A Empregada da Freida McFadden, minha última leitura e é um livro que gostei bastante.

Um ator ou atriz: Rosamund Pike (ela é perfeita).

Um filme: Fragmentado

Um hobby: Jogar futsal

Um dia especial: Quando recebi o resultado do concurso literário da Astral Cultural e eu estava viajando, o contexto tornou a conquista ainda mais inesquecível.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Renata Marinho: Na verdade, gostaria de deixar um convite aos leitores. Leiam mais autores nacionais! Deem uma chance para quem está chegando agora e se dedica tanto. Ser um autor no Brasil é nada contra a correnteza, no geral, não temos apoio – principalmente no começo, e dificilmente os autores conseguem viver exclusivamente de literatura. Ainda assim, fazemos por amor a nossa verdade e a arte. São meses e as vezes anos de dedicação. Por isso, sempre que possível, compre e siga os autores nacionais.

ENTREVISTA COM SIMONE MARYAM



Simone Maryam

Sinopse do livro *Mãe libeté*: Independente de raça, credo ou nacionalidade, somos filhos da liberdade, caçadores de nós mesmos em buscas nossas verdades. Será que, ainda assim, o ser humano devorado pelo desejo é verdadeiramente livre? A escravidão ainda existe e os escravos acreditam que são livres. Somos escravos da nossa liberdade, prisioneiros de amores doentios, dependentes de vícios destruidores, de mentiras graciosas e promessas vazias. Será que não está na hora de esquecer o que você quer, para começar a entender o que você merece? A liberdade não consiste apenas em satisfazer a nossa própria vontade, mas às vezes também em aprisionar o nosso desejo vilão. Mãe libeté é um romance construído com uma narrativa de densa textura poética, abrangendo um ambiente de profundos contrastes sociais e políticos contextualizado no Brasil tendo como palco a cidade de Santo Amaro da Purificação e a cidade de Vila do conde em Portugal. É também um libelo humanístico, uma ode ao espírito libertário e à dignidade humana, insculpida em cenários e personagens emblemáticos que representam com fidelidade as tensões e contradições de um período épico de nossa história. É um relato pungente sobre as mais variadas e intrigantes facetas da liberdade, muitas vezes vestida de ideologia medíocre.

Você é escravo dos seus desejos ou senhor das suas vontades?

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Simone Maryam: Na infância meus coleguinhas tinham diários. Cadernos com chave onde eles detalhavam os acontecimentos ocorridos nos dias que se foram. Eu tinha um caderno para poetizar momentos especiais. Com apenas 9 anos a minha poesia foi contemplada no concurso de poesia do jornal A Tarde da Bahia com a poesia "Sepultame".



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Mãe Liberté". Poderia comentar?

Simone Maryam: Mãe Liberté é um dos livros que consagram o estilo literário Puzzle onde sou pioneira. Digamos que é um quebra-cabeça psicológico onde o leitor aprende a juntar os cacos para encaixar dor em cura, dilemas em soluções. É um mix de ficção, autoajuda e história.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Simone Maryam: Minha maior fonte de inspiração é o silêncio com Deus na natureza. O silêncio sem Deus assusta, o silêncio com Deus é cura e inspiração.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro

especialmente para os nossos leitores?

Simone Maryam: Cada capítulo começa com perguntas chaves:

Como ser feliz se negando a deixar ir tudo o que está escravizando a sua paz?
É possível se curar do vazio da dor tratando como prioridade quem te trata como opção?
Como desconstruir a tristeza que se tornou prioridade, apagando a alegria do seu sorriso?

O leitor completa o quebra-cabeça descobrindo as respostas no texto:

“Emílio sorria com os olhos, pois os lábios já não mais suportavam a fadiga alegre. O retorno do seu filho alegrava a alma. Com o livro nas mãos, Simão ofereceu.

— Pai, trouxe isto para você.

— Obrigado, filho. (*Père Liberté*) Pai Liberdade.

(A desigualdade entre os homens).

— Interessante, e está em francês.

Ele folheou o livro e parou na página 11 e leu:

A fortuna do homem rico é a ignorância do homem simples. Quem não sabe pensar, morre como animal. O homem pobre não possui escravos, ele é escravizado. A fortuna do mundo se chama escravidão. A dependência física e moral são os maiores modelos de riqueza. É ser destruído por tudo aquilo que você não quer abrir mão. Quem depende de você ajuda a edificar a sua fortuna. Como ser feliz se negando libertar tudo que escraviza a sua paz? É preciso transformar o que é prioridade em possibilidade. Quem limita a sua paz, escraviza a sua vida.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Simone Maryam: Basta acessar o website www.simonemaryam.com.br ou clicar link <https://clubedeautores.com.br/livro/mae-liberte-5> 10% de desconto. Os livros também estão à venda nas lojas do Amazon.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Simone Maryam: Disciplina e persistência.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Simone Maryam: Sim, surpresa!

Perguntas rápidas:

Um livro: O Mestre Espelho

Um filme: PK um filme indiano cheio de sábias reflexões.

Um hobby: altruísmo e astronomia.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Simone Maryam: É preciso mudar o seu mundo antes de mudar o mundo.

ENTREVISTA COM LUXOR KRON



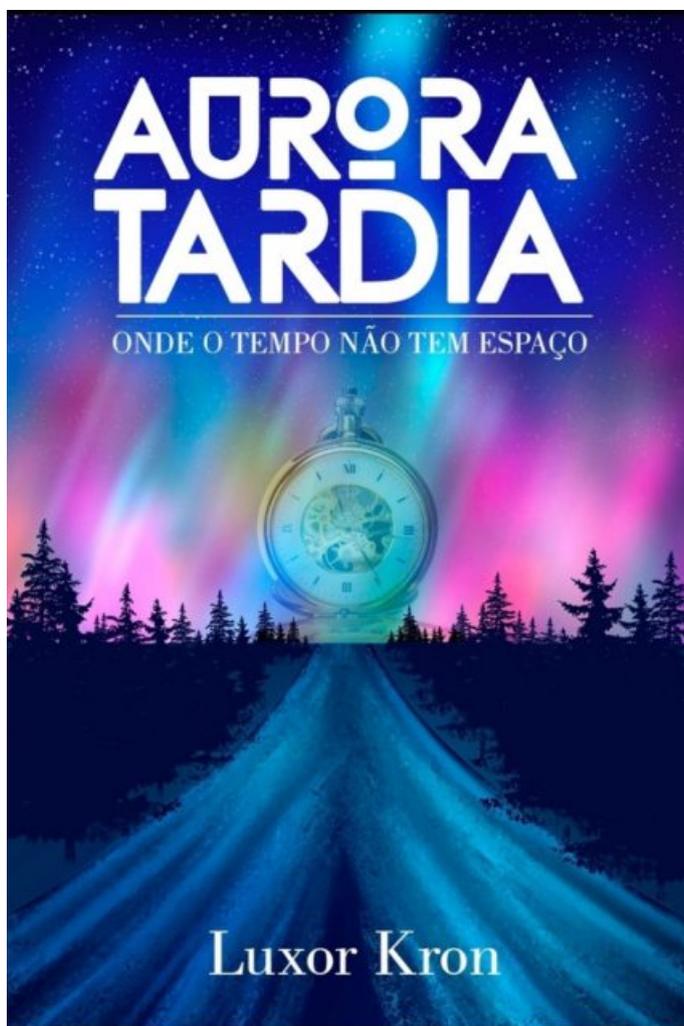
Luxor Kron

Washington Luís Baldez (Luxor Kron) nasceu em Brasília (09/03/79). Economista de formação, trabalha como servidor público federal. Casado há 18 anos, possui três filhos adolescentes. Atualmente, dedica parte de seu tempo livre à composição de músicas e de poemas autorais (muitos deles publicados em coletâneas e antologias de editoras e revistas especializadas em poesia e literatura). Por meio do perfil virtual Jardins de Luxor, o autor também divulga registros fotográficos de paisagens naturais, bem como reflexões e temas relacionados à espiritualidade, como forma de oferecer um singelo convite ao desenvolvimento pessoal dentro de uma perspectiva mais rica, integral e autêntica.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luxor Kron: Minha produção poética teve como impulso inicial um diagnóstico tardio de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, já na idade adulta. A insônia provocada pela medicação, juntamente com as reflexões trazidas pelo tratamento psicológico com a terapia comportamental cognitiva foram elementos que me proporcionaram tempo e motivação para retratar, em versos, as ideias que estavam em ebulição em minha mente. Romper com crenças limitantes, ressignificar conceitos com relação a mim mesmo, às demais pessoas e ao mundo que me cerca, bem como compreender limitações congênitas e estimular potenciais latentes esquecidos passaram a ser aspectos prioritários do meu desenvolvimento pessoal.



Nesse sentido, acredito que tanto a criatividade quanto à hipersensibilidade, comuns ao quadro de neuro atipicidade com o qual me defrontei, tiveram um papel fundamental para encontrar as rimas certas, as métricas adequadas e os temas pertinentes para retratar meu estado de espírito e transformar todo esse movimento de sentimentos e pensamentos interiores em poesias. Passei a registrar minha produção poética no perfil virtual Jardins de Luxor (Youtube e Instagram), bem como participar de antologias e coletâneas de editoras e de revistas especializadas em poesia e literatura. Me surpreendi com os resultados – desde março de 2023, foram mais de trinta poemas selecionados para publicação. Além disso, o perfil Jardins de Luxor atualmente conta com mais de 2.700 seguidores.

tem espaço". Poderia comentar?

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Aurora Tardia: onde o tempo não

Luxor Kron: Ter assinado contrato para lançamento do meu primeiro livro, Aurora Tardia, foi uma grata surpresa que veio coroar esse primeiro ano de produção poética. Em parceria com a Editora Hexa e com a comunidade Efêmera Sintonia, os trabalhos

estão bem adiantados para lançamento da obra literária entre fevereiro e março próximos. O livro apresenta 46 composições repletas de reflexões poéticas de caráter introspectivo, existencial e espiritualista, bem como questionamentos filosóficos e *insights* motivacionais, cujo teor remete ao propósito de incentivar experiências pessoais mais plenas, longe da superficialidade e mais próximas de nossa real essência humana, além dos limites do tempo e do espaço. Como autor, desejo que as poesias possam contribuir para dar mais sentido a nossas vidas! Mais que isso, espero que elas possam, na sutileza das entrelinhas, nos proporcionar uma exuberante experiência que mereça, sobretudo, ressoar em nossas almas!

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Luxor Kron: Busco inspiração primordialmente no poder de equilíbrio da natureza, sobretudo nos reinos vegetal e mineral, com suas profundas e significativas manifestações, as quais possuem elementos capazes de nos trazer de volta a nossa consciência integral. Meus processos criativos guardam relação com os movimentos de percepção, expressão e interação do indivíduo com a realidade em sua volta, de forma que a compreensão dos conceitos de tempo e de espaço levem a descobertas existenciais relevantes e ao crescimento contínuo, numa perspectiva de expansão de nossos potenciais em busca da plenitude humana, seja a nível físico, emocional, intelectual ou mesmo espiritual. Aprecio composições que explorem a metalinguística e a meta poesia, que busquem dialogar de forma mais íntima com o público leitor! Entre os autores e artistas que me servem como fonte de inspiração, posso citar Clarice Lispector, Augusto dos Anjos, Renato Russo e Belchior.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luxor Kron: Nesse tocante, posso mencionar uma estrofe de um dos meus poemas autorais prediletos *“Liberdade Cativa”*:

*“Por hora, recito esse livro infinito afora,
Refúgio sagrado onde a foice não ceifa...
Senão, me permito ser de dentro para fora
Páginas onde o ‘eterno presente’ não tarda...”*

Conexão Literatura: Por que poesias, e não contos, crônicas ou romances?

Luxor Kron: Em minha opinião, a linguagem poética nos permite um nível de abstração e alcance únicos! Como admiro muito aqueles escritores que conseguem condensar pensamentos grandiosos em breves linhas e reticentes entrelinhas, busco, humildemente, trazer aos leitores a vastidão de minhas concepções em singelos versos. As poesias, por serem curtas aos olhos, podem se consumir imensas para nossa mente e para nossa alma.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luxor Kron: Sugiro, aliás, transmito imensa gratidão aos leitores que, interessados em conhecer melhor meu trabalho, possam acessar e seguir o perfil Jardins de Luxor, onde minha proposta artística pode ser contemplada sob uma perspectiva mais ampla. O livro “Aurora Tardia: onde o tempo não tem espaço” estará, nos próximos meses, sendo comercializado pelo site da Editora Hexa (www.hexaeditora.com.br) e, também, pelo Perfil ‘@jardinsdeluxor’ no Instagram.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Luxor Kron: Indico que participem das antologias e coletâneas promovidas pelas editoras e revistas especializadas em literatura. O lançamento de um livro autoral solo, seja de poesias, contos ou romance, pode parecer inviável em um primeiro momento, tanto por conta dos custos envolvidos quanto em função do volume de material próprio necessário para compor uma obra literária completa. Entretanto, nas coletâneas e antologias, participam desde autores iniciantes até aqueles que já contam com alguma experiência, ou mesmo alguns outros escritores consagrados, eventualmente. Portanto, trata-se de uma ótima oportunidade de dar visibilidade para nossas produções artísticas autorais em nível nacional com grande alcance, pois algumas dessas obras são lançadas tanto física quanto virtualmente, com ampla divulgação nas redes sociais. Ainda assim, a principal dica aos escritores iniciantes seria: acreditem em seus sonhos, pois há bem mais pessoas do que imaginam interessadas em ler suas histórias e ávidas em desfrutar de suas composições poéticas!

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luxor Kron: Pretendo começar a escrever um livro de romance em 2024, porém a ideia ainda é embrionária e precisa ser amadurecida. Será necessário bastante estudo para aprimorar as técnicas de escrita.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Caçador de Pipas

Um ator: Morgan Freeman

Um filme: Um Sonho de Liberdade

Um hobby: Triathlon.

Um dia especial: O nascimento de meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luxor Kron: Minha breve jornada poética me ensinou que a todo momento é hora de seguir em frente e de dar o próximo passo, movidos pelo genuíno desejo de criar, sob o impulso do real espírito humano, que anseia por manifestar forças autênticas a partir da imaginação e dos sentimentos... Pois, quando a mente alcança o coração, temos arte, temos poesia, temos o reencontro com nossa verdadeira essência! Façamos de nossas vidas um belo e inesquecível jardim!

ENTREVISTA COM SILVANA MARCUSSI



Silvana Marcussi

Amante da natureza e da vida. A autora, Bióloga e Biotecnóloga, doutora em Bioquímica e PhD em Farmacologia e Toxicologia, atuou como pesquisadora durante 20 anos. Docente na Universidade Federal de Lavras, onde ministra aulas para os cursos de Nutrição, Educação Física, Biologia e Engenharia de Alimentos, desde 2009. Como eterna aprendiz, busca constante atualização científica em temas que contemplam a Qualidade de Vida, tais como medicina do estilo de vida/integrativa/preventiva, alimentos funcionais, ortomolecular, sono, exercícios para o corpo e o cérebro, meditação, neurociência, microbioma intestinal e ciclo circadiano.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Silvana Marcussi: As obras surgiram nas diversas fases de minha vida.

Um livro científico sobre escorpiões (**Escorpiões: biologia, envenenamento e mecanismos de ação de suas toxinas**), inspirado pelas pesquisas científicas que eu desenvolvi durante o mestrado e doutorado.

Uma obra infanto-juvenil (**Animais e plantas: reconhecendo e evitando os perigos**), focada nos trabalhos toxicológicos que eu desenvolvia no laboratório, que resultou da ideia de transmitir, ao público mais jovem, informações sobre as plantas e animais de nosso cotidiano que podem causar danos à saúde humana.

Ao atuar na pós-graduação, orientando pesquisas com peçonhas de animais, senti um desejo filantrópico de divulgar os protocolos experimentais, padronizados ao longo de anos pelo meu grupo de pesquisa, dando acessibilidade científica a outros pesquisadores, e dessa intenção surgiu o livro “**Toxinologia: fundamentos e métodos**”.

Quando me tornei mãe, percebi a urgente necessidade de orientação ou mentoria apresentada pelos alunos de graduação, e imaginei que os conselhos que eu daria para minha filha, para que vivesse com qualidade, também poderiam ser úteis para os alunos, então, escrevi o livro “**Conselhos de uma mãe bioquímica**”.

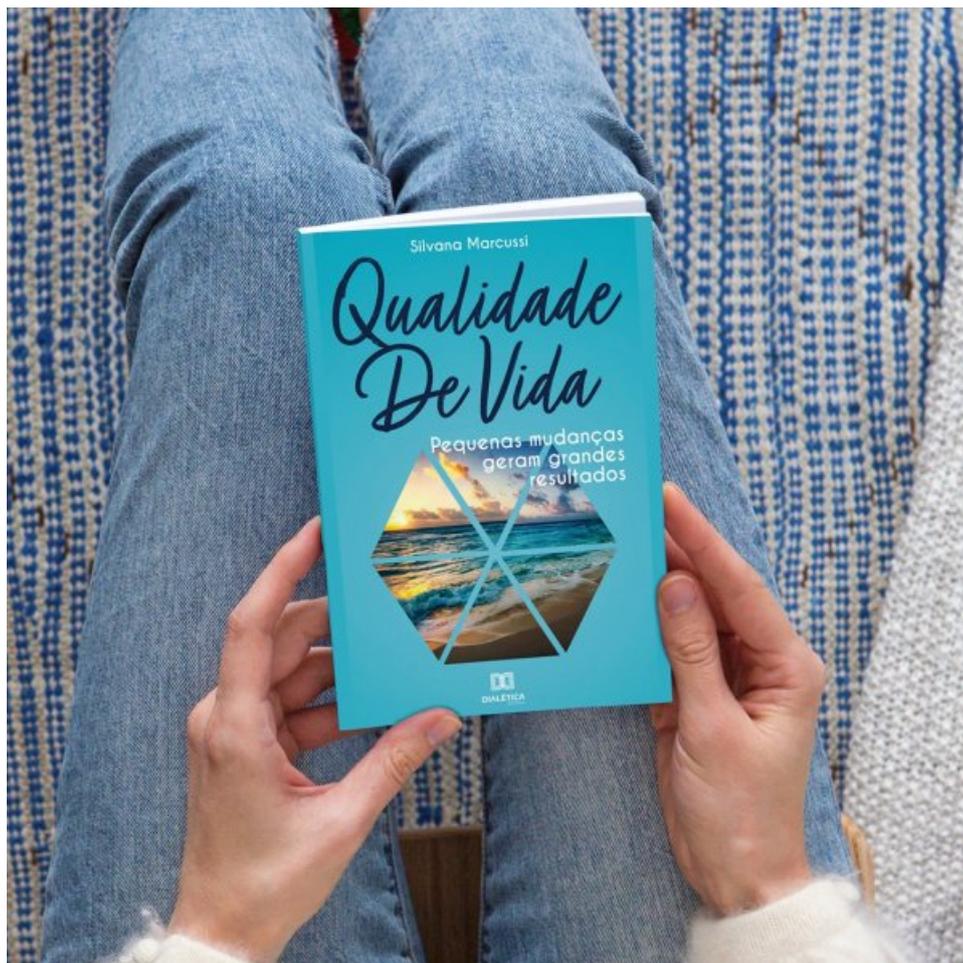
Com o vivenciar do crescimento de minha filha, desenvolvi paixão pelos livros infantis, e pelas atividades lúdicas tais como desenhar e colorir, e esse envolvimento nas atividades diárias dela me levou a mais uma obra, desta vez, infantil, com escrita e ilustrações próprias “**O ouriço espetinho e o bom senso**”.

Contudo, o livro publicado em 2021, “**Qualidade de vida: pequenas mudanças geram grandes resultados**”, não resultou de uma coletânea de momentos felizes e motivadores, mas sim, de um grande infortúnio. Vivenciei minha quase morte, em uma situação de apêndice supurado, não diagnosticado e menos ainda tratado de forma adequada – dada sua devida importância. A situação resultou em cirurgia de emergência, semanas acamada, meses em recuperação, e anos trabalhando na busca por mais conhecimentos e construção de novos hábitos. Então, quando enfim, me senti segura dos alicerces que construí em anos de desenvolvimento pessoal, aplicando os conhecimentos teóricos em minha vida prática (2010 à 2020), resolvi começar a compartilhar esses conhecimentos com meus alunos, nas aulas na Universidade, e com qualquer pessoa interessada em viver mais e melhor, por meio do livro.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Qualidade de vida - Pequenas mudanças geram grandes resultados". Poderia comentar?

Silvana Marcussi: A formação que escolhi por amor, remete ao respeito à vida, respeito à todas as formas de vida e ao ambiente que mantém essas vidas saudáveis e em equilíbrio. Assim, minha maior alegria sempre foi aprender sobre como nosso corpo funciona e como o meio em nosso redor influencia nossos hábitos, comportamentos e,

portanto, nossa saúde. Embora os níveis moleculares e celulares me pareçam encantadores e estimulantes, eu percebi, lecionando vários anos na graduação, que os conhecimentos não eram motivadores e tão pouco acessíveis para a maioria dos jovens estudantes, ou mesmo para seus amigos e familiares, cujas profissões se distanciavam bastante das disciplinas básicas (bioquímica, citologia, fisiologia, microbiologia, imunologia, etc.). Nesse sentido, resolvi simplificar a linguagem e resumir a ampla bagagem de conhecimentos que acumulei em décadas de estudo e trabalho, visando facilitar o acesso à um público variado e, possivelmente, proporcionar uma maior adesão, quanto à aplicação dos conhecimentos nas vidas das pessoas. A inserção de pequenos



hábitos na rotina diária é uma prática fácil e de grande importância para a construção de um estilo de vida saudável, com qualidade nos aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais. Dividir estes conhecimentos com o maior número de pessoas, é gratificante para mim, e transformador não apenas para as pessoas que aplicarem os hábitos do livro em sua rotina, mas, também para as diversas comunidades em que

elas estão inseridas. Pessoas que vivem com qualidade, transformam o ambiente ao seu redor e com isso contribuem para que outras pessoas também desfrutem dos benefícios.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Silvana Marcussi: Para cada obra que escrevi, o momento que eu estava vivenciando era a inspiração e a necessidade de mudar algo para melhor, de evoluir, sempre foi minha motivação.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Silvana Marcussi: Cada página do livro apresenta um conselho ou um pequeno hábito a ser adotado, contemplando, por exemplo, hábitos alimentares, de conscientização e preservação em relação ao ambiente, de autocuidado e espiritualidade.

Mas, uma página que muito me encanta pela simplicidade do conteúdo é um breve checklist:

- ✓ Tomar água
- ✓ Se exercitar
- ✓ Se alongar
- ✓ Comer frutas
- ✓ Ficar offline
- ✓ Praticar self-natureza
- ✓ Ouvir seu corpo
- ✓ Ler e/ou escrever
- ✓ Viver o momento
- ✓ Dizer não
- ✓ Rir e sorrir

SE CUIDE!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Silvana Marcussi: O livro físico pode ser obtido no site da Editora Dialética. Já na forma de Kindle ele pode ser obtido na Amazon e outros sites, realizando uma busca no google com o título do livro.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Silvana Marcussi: Escolha um tema que seja do seu interesse, que você ame muito, que lhe dê prazer e motivação conhecer mais sobre o ele. Estude, aprofunde-se, conheça as obras semelhantes, de autores que já publicaram dentro do tema. Lembre-se que escrever um livro é gratificante para o autor, mas os livros devem, sobretudo, cumprir seu papel, o de contribuir com a vida dos leitores, seja promovendo alegria, transmitindo conhecimentos ou simplesmente originando relaxamento e lazer.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Silvana Marcussi: Sim... Estou finalizando a escrita e me encontro absolutamente apaixonada pela minha autobiografia. Pretendo oferecer aos leitores uma riqueza de detalhes, discorridos em histórias pessoais cheias de emoções, aprendizados e imensa gratidão pela vida.

Perguntas rápidas:

Um livro:) “Você é o placebo. O poder de curar a si mesmo.”

Um ator ou atriz: Morgan Porterfield Freeman Jr.

Um filme: In Time – O preço do amanhã

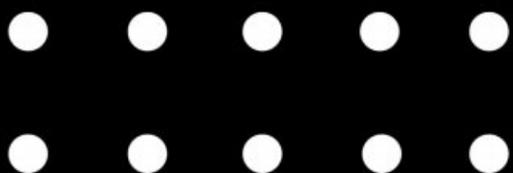
Um hobby: Ler e escrever

Um dia especial: Todos os dias são especiais, sou eu quem escolho desfrutá-los.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

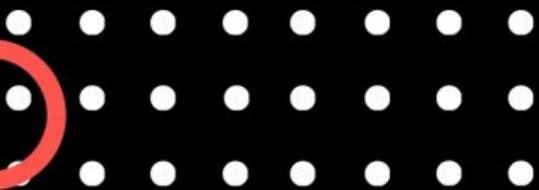
Silvana Marcussi: Gratidão.





CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

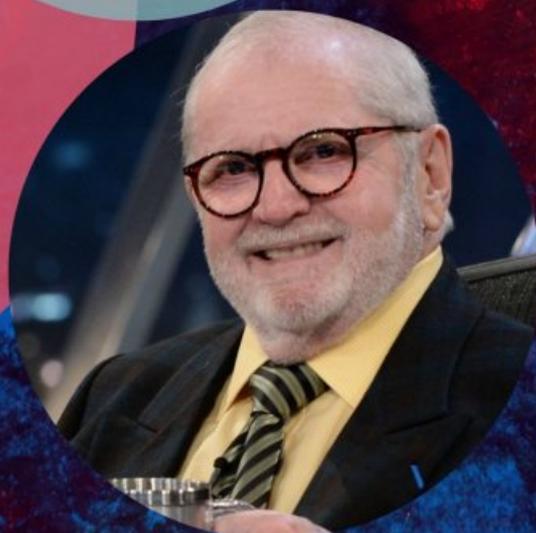
Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





MILLÔR FERNANDES

Eu nunca tive um papel importante nas artes deste país, nem na literatura nem na política. Mas na minha biografia, pelo menos, continuo sendo o personagem principal.



JÔ SOARES

O paraquedas é o único meio de transporte que, ao enguiçar, chega-se mais rápido.



RACHEL DE QUEIROZ

Por que os doutores, tão ricos em remédios para o corpo ofendido, não arranjam algum remédio para um ferido coração?

TIRE O SEU CONTO
OU POEMA DA GAVETA



ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR BERT JR.



OUTROS

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Canseira. Fugitivo sem ser procurado, rês desgarrada de bando fantasma. Desatino. Caminhar estúpido entre rotas sem destino. Feito corpo preso a funções feitas para teimar em seguir. A vista, cansada, já não admira a ida e a vinda de cada mirada.

Sai daí — diz o outro. Vem dar num rumo sem trilha — convida.

E dali passo a um chão diferente, não menos estranho. Cálido, talvez em excesso para pés que se arrastam e sonham parar. Porém esse é um sonho dos que a gente não lembra acordado. Sobra o perder-se. Das pisadas no solo constato, ao menos, o plano do terreno, que faz brotar a vaga noção de uma improvável vantagem. E talvez fosse, num contexto qualquer que tivesse sentido.

Sigo em frente, ou para trás, sei lá. Resmungo. O outro — calado, enquanto tudo não melhora.

Uma vegetação rasteira volta e meia se enrosca nos artelhos e adjacências das extremidades inferiores. Livrar-se dos embaraços aumenta a fadiga, mas compensa ao quebrar a monotonia da marcha. A partir de não sei quando, vou sentindo rarear a fiação vegetal. Agora já nada mais quase impede o arrastar-se dos pés. O terreno se torna menos compacto, recoberto com uma capa corrediça e granulosa. Dobro uma esquina invisível e me encontro com a ventania. Tomado de golpe pareço, no incapaz de avançar, quem se debateria em armadilha de areia. Alguém dentro de uma ampulheta.

Sente esse cheiro, a umidade no ar — aparta o outro. Ele lá, eu cá.

Mareada, a areia já não escorre no vento. Olho em torno e é o mesmo desconsolo, só que novo de elementos. Penso: os grãos desse tempo é o que forma desertos. Os pés prosseguem, envoltos agora numa crosta áspera e farelenta. O mar se avizinha. Ressoa. Esparge gotículas. Maneja suas armas de sedução. Resisto. Sou do chão. Desconfio do que não se vê. A bruma de hoje, quem sabe o que esconde...

Prossigo já não, sim os pés. Porque o lambar das ondas é carícia que os anima. Ademais a brisa, transmudada de lado, vem dar impulso ao tronco. Assim as pernas ficam livres para apenas fazer andar a si mesmas. Do céu cinzento não quero presságios. Apesar disso, olho para a espuma e nela vejo o aéreo semblante, copiado nas bolhas que se rompem feito imenso dominó de peças explosivas, cuja infinita cadeia de estouros emudece as letras de um longuíssimo bilhete anônimo.

Estás vendo aquele ponto escuro lá adiante? Aves voando em círculo? Anda ver o que é. Acredita — ouço dizer o outro.

Vou na direção em que eu já vinha. Arenga não puxo. Insisto no rumo. Junto a um cômodo de areia feita parda pela sombra do próprio dia está o ponto do qual me aproximo. Se tivesse apostado, perderia. Porque em lugar de inabitável, são boas as condições em que se encontra a choupana. Faz-se evidente que há vida no local. Os restos de peixe, o carvão no fogareiro, o pote de sal, fatores na equação geral da subsistência humana. E as redes estendidas. Uma dentro, outra fora.

Deito na de dentro. O dia está fresco, apetece sentir-me abrigado depois de tanto tempo sem teto. Na penumbra da sala, pronto adormeço. O sonho me traz de volta um dia parecido aos recém-vividos. Uma claridade indefinida, que se insinua detrás de espessa barreira de nuvens. A aridez. Seu desconforto. Ao mesmo tempo, o não entregar-se de todo a outro contexto. A profundidade com seu repuxo, alçapão armado com isca de ondas. Remexo. Na rede me enredo. E a ânsia. Esse engasgo que vem e que vai. Um quase afogar-se sem água.

De olhos fechados, sinto pairar sobre o rosto uma tonalidade alaranjada e logo um calor formigando nas pálpebras. Abro apenas uma fresta numa delas, o suficiente para caber a silhueta plantada na soleira da única porta. O dia mudou, pensei. Ainda deitado, vou expandindo a vista. Busco entender. Um clarão solar invade o recinto. Cores novas, ou que havia esquecido, irradiam-me a visão. O dia mudava, sim, de uma forma inusitada. Um halo adorna o bulbo no topo da silhueta, de onde emergem fios incandescentes que fazem acender o dia. Acho que é isso. E também, quem sabe, a veste de malha, na parte superior do corpo, reagindo com delicadeza ao hálito marítimo do vento. Coisas que vêm à mente.

Sai daí. Levanta! — diria o outro.

É ela quem se move. Primeiro uma perna, logo outra, em passos curtos, decididos. Só então ergo-me um pouco. Lança-me a luz do olhar e já não sei se deito ou salto da rede. Volta-me as costas, em direção ao fogareirinho. Vejo suas pernas longas e rijas, curtidas do sol, em seu encaixe onduloso com o restante do corpo. Estou aqui, penso de mim mesmo. De repente, um par de metros desafia o andar de quem já caminhou tanto. Como faço, quero perguntar ao outro. Assombro-me ao saber o que ele diria — vai!

Olho em volta, enquanto ela permanece de costas. O outro não está.

— Moras aqui há quanto tempo? — ouço-me dizer, sem planejar.

— Não sei. Não conto os dias. E as horas tomam contam delas próprias, têm o claro e o escuro para se guiar — responde ela, numa voz levemente rouca.

— Como te chamas? — indago.

— Não lembro. Queres me chamar como? — responde a voz no corpo que gira em minha direção.

— Não sei — digo surpreso. Deixa eu pensar...

— Pense o tanto que quiser. Eu vivo aqui. Segunda rede já tenho — oferece a moça.

Doideira. Convite de uma desconhecida a um estranho. Feito sem saber o próprio nome, sem sequer querer saber o meu. E o outro, que não volta...

Degluto o peixe que ela serve ao final da tarde. Mais salada de algas ligeiramente passadas no calor da brasa, com farinha. E água de coco, acrescida de gotas de maresia, para aplacar a sede e revigorar o ânimo.

Ao escurecer, sentamos do lado de fora, a pele renovada pelo efeito da brisa e de uma lua perto de ser redonda. Então ela pergunta de onde venho, para onde vou, por que me detive, qual o meu nome.

Apresento respostas mirradas, mas sinceras. Explico o possível: aquilo que para mim mesmo é pouco. Reconheço em seu rosto, rajado de claridade e sombra, os sinais da inquietação. Percebe no meu pouco um reflexo de si mesma? Talvez esteja no aguardo de um complemento à sua própria história. Não sei. Não espero saber.

Inclino a cabeça, sentado na areia com os braços retesados para trás, e percorro a imensidão, em busca de um sinal. Nenhuma estrela cadente cruza o espaço. Penso: o que diria o outro — arrisca, respondo.

Então começo a contar sobre um tal Cereu.

Cereu tinha nascido com a sina de estranhar tudo. Desde pequeno, era o desassossego de pensar diferente. A sensação de estar vivo, cercado de defuntos. E ao mesmo tempo de ser visto como um defunto. De ver o desapontamento dos outros porque suas medidas não correspondem às do caixão confeccionado para ele com tanto zelo. Na escola, o estranhamento dói com força redobrada. Assiste às aulas como zumbi. Não consegue fazer amigos. Seus trabalhos de grupo são solitários. Um dia, acorda e vê o outro, olhando sério para ele. Disfarça e persiste — diz o outro. Cereu resolve ouvi-lo. Termina o colégio e arranja um trabalho. No trabalho, se dedica. Arranja namorada. No namoro, se dedica. No trabalho, querem que as coisas não façam sentido. Ele reluta, é despedido. No namoro, o que é emoção tem que virar compromisso. Ele reluta, é despachado. Cereu quer parar de estranhar. É assim mesmo, a resposta do mundo é ser estranho — diz o outro. Normalidade é coisa dada. Quer viver noutro mundo? Inventa — exclama. Cereu toma coragem. Deixa tudo para trás e vai reinventar a vida noutro lugar.

— Carece se imaginar — diz a ouvinte, nova expressão na face.

— Sim. E dar-se conta — acrescento.

— Dar-se conta... — repete. — Meu nome é Estela.

Tudo acontece sem plano nenhum. Apenas porque os elementos que importam estão todos reunidos: terra, céu e mar. E ainda, talvez porque estejamos alinhados a uma constelação auspiciosa, pairando diretamente acima. Por isso, simplesmente nos aninhamos sobre a areia e passamos a viajar um no outro, sem pressa.

De manhã cedo, nos vemos acordando aos poucos, um ao outro, seu sorriso um adorno feito para realçar a luz, toda luz.

E agora, o que diria o outro? Vive — sei que diria.

Com uma animação bem-vinda, no corpo e na voz, conto a Estela sobre o outro. Todos os conselhos que dele ouvira. E sobre como, de repente, passara a saber o que o outro iria me dizer.

— Desde ontem, quando nos conhecemos, não o vejo — comento, não sem traír inquietude.

Dela escapa um riso curto, de quem se deixa insinuar algo que os demais não suspeitam.

— Que foi? — indago. Sabes onde está o outro?

E ela, com naturalidade, apontando ao longe, na direção de um dos pontos cardeais:

— Fugiu com a outra.

N.A.: O conto faz parte do livro *Do incisivo ao canino* (ed. Versiprosa, 2022).



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um segundo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. Em 2023, publicou *Vi&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas, e *Sem pé com cabeça*, uma antologia de crônicas humorísticas. Vem colaborando com as edições mensais da revista eletrônica Conexão Literatura. Em 2024, tenciona lançar seu primeiro romance.

Instagram: @_bertjunior. - Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR IRACI J. MARIN



NA PARADA DO ÔNIBUS*

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Vi-a sentada num banco da parada do ônibus, ao lado do avô, velho, encurvado, com expressão triste no semblante. Ele cantava num microfone e tinha um aparelho, que segurava sobre as pernas, com a música pré-gravada. Eram canções de amor esquecido, de namoro terminado sem explicação, de melancolia da vida. Cantava de olhos fechados, ou para se concentrar e não errar a letra da canção, ou para sentir a emoção da própria voz. Em certo momento, a letra de uma expressava: “eu sei que sou feio, mas me amas mesmo assim”. Percebi que ele entreabriu os olhos. Seria para observar a reação dos ouvintes próximos? Ou era algo ensaiado para acrescentar efeito visual à canção?

A menina (acredito que tinha dez anos, no máximo) permanecia sentada ao lado do avô, quieta; segurava um chapéu velho de pano para as contribuições voluntárias. Olhava para tudo e nada. Não percebi qualquer alteração em sua face nos momentos em que permaneci à espera do meu ônibus e ouvia sem prazer as canções do seu avô. No fundo, acho que ela se imaginava na rua de sua casa, com outras meninas e meninos, jogando, correndo, suando. Ali, na parada do ônibus, sob a marquise desbotada, ela não suava. A brisa fresca de outono acalentava a quentura que vinha do asfalto e do motor dos ônibus. Ela se mantinha indiferente. Não parecia apavorada com o movimento de pessoas, com o trânsito ou com o barulho. Mas sua quietude chamou a minha atenção. Seria muda? Surda-muda? Tirei a dúvida quando me aproximei dela e, não tendo moedas, larguei uma nota de cinco reais no chapéu que ela segurava; movimentou a cabeça e pronunciou alguma palavra, decerto agradeceu a oferta. Perguntei seu nome, disse “Júlia”, sem levantar os olhos pequenos.

Quando voltar para casa, vai estar escuro. Então terá a certeza da perda de um dia da sua infância. Talvez não tenha consciência de sua situação. Não lhe é dado escolher. Sua vida era como era. Não sei se pensava em felicidade, acho que não, nesta idade não se pensa nisto. Mas olhei para ela e percebi que podia ser pelo menos um pouco feliz, talvez com pontos escuros, talvez com alguma responsabilidade, como a daquele dia, que quebravam o seu dia. Mas um pouco feliz, sim.

Neste momento, percebi um acúmulo de gente ao meu redor. Era meu ônibus que chegava. Muita gente ia embarcar, mas desisti. Era tempo de pandemia e eu tomava os cuidados que as autoridades indicavam. Permaneci na parada.

Olhei para a menina, parecia sorrir. É que alguém colocou umas moedas no chapéu e talvez tenha falado algo que ela gostou de ouvir. Um elogio, quem sabe. Não seria nada demais elogiá-la, aquele rosto redondo, de expressão serena. Talvez o elogio era por ela acompanhar o avô e estar ajudando-o.

Nisto, ele parou de cantar. Bem, cantara o tempo todo, podia estar cansado, com a voz rouca, sem água para aliviar o esforço vocal. Eu podia fazer isto – comprar uma garrafinha de água e lhe oferecer. Mas tal não me ocorreu naquela hora, eu interessado na dupla – avô e neta – a ganhar um pouco de seu sustento com velhas canções.

Parou de cantar e percebi que falava algo baixinho.

Depois disso, o ambiente ficou de novo cheio do som de seu instrumento e ele retomou a cantoria com canções religiosas, que falavam de salvação e vida nova. A menina permanecia quieta. Sentia-se talvez protegida. Fiquei pensando que expectativa teria o avô ao cantar com tanta tristeza aquelas palavras de esperança. Fiquei imaginando

a situação que estava à minha frente: tinha provavelmente uma vida de necessidades, com o gosto amargo da carência, e, no entanto, mostrava-se confiante numa certa riqueza que um dia ia chegar...

As canções expressavam ao mesmo tempo consolo e aflição.

Comecei a voar e meus pensamentos se misturavam aos sons que vinham de todo lado, inclusive das canções daquele homem enfraquecido e rouco. Eu estava meio ausente, um pouco confuso, fechei os olhos e vi a menina sorrindo. Sorria para mim? Era um desejo meu, que se desfez quando abri os olhos. Sua avó chegava. Em seguida, os três se movimentaram, a menina entregou para a avó o chapéu com as ofertas, ficou ao lado deles, mãos caídas ao longo do corpo, esperando. Estaria ela pensando em ser criança quando chegasse a casa?

Logo o ônibus deles chegou e embarcaram.

* Publicado na Antologia “Contos e encontros” – Ed. Cândido, 2023.



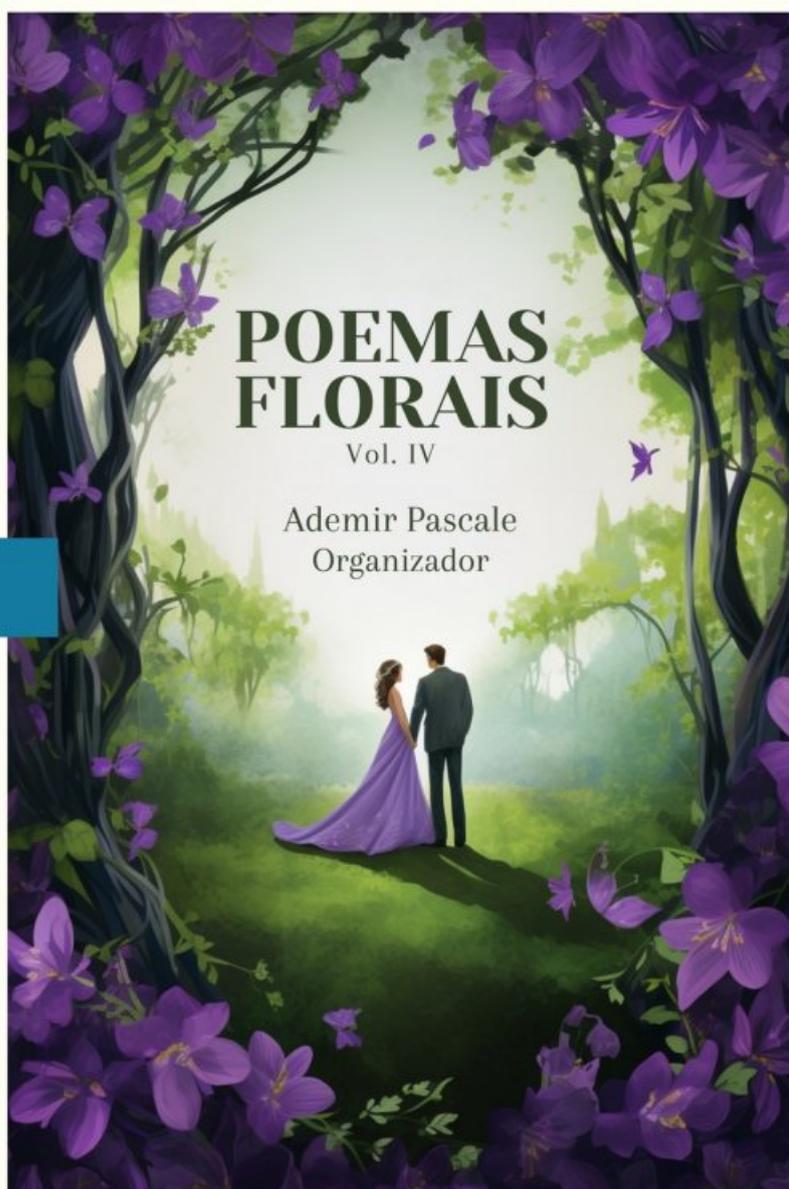
IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS FLORAIS

VOL. IV

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

CONTO
POR IDICAMPOS



A FEBRE DO OURO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Gol! Gol! Gool! Assim a Copa de 1970, o tricampeonato de futebol, trazia alegria à adolescência da garotada na entrada de Areia Branca... Os meninos queriam ser jogadores de futebol, as meninas lutavam por direitos iguais no mercado de trabalho.

As mulheres referendavam o feminismo, estavam atentas ao machismo estrutural. A luta contra a opressão da ditadura militar unia os gêneros na busca por uma sociedade democrática, onde o cidadão pudesse eleger o presidente da república.

Naquele cantinho do mundo aprenderam a sorrir e chorar. Deram asas à imaginação... Buscaram sobreviver, dignamente, por vários caminhos, porém para Cícero surgiu a oportunidade de ser garimpeiro urbano.

O garimpo urbano aparecia como solução informal de trabalho. Resumia em bater de porta em porta, trocando bichos de pelúcia por ouro. Valia aliança quebrada, brinco torcido, cordão rebentado, etc. Aceitava-se qualquer pedacinho do metal precioso.

Cícero acumulou dinheiro, mobilizou o amigo Arinei, compraram as passagens de avião, viajaram a Rondônia, no meio da Floresta Amazônica; terra sem lei, um local cujas as armas ditavam os rumos da sociedade.

No balanço dos acontecimentos alugaram uma casa, na capital de Rondônia, onde sondaram os descaminhos do ouro... Bastante simpáticos, levaram na conversa o pessoal do comércio do metal, acabaram construindo sociedade na área da mais valia dourada...

A estabilização no circuito surgiu a partir do acordo firmado com Astrogildo Pepita: renomado empresário do setor que introduziu os amigos do rio no nicho da joia financeira. Os três montaram um ponto de ouro, em frente à rodoviária de Porto Velho.

Os malandros de Areia Branca ganharam a confiança de todo mundo, pois agiam direitinho, cumpriam o trato no negócio. O investimento corria as mil maravilhas, abarrotaram os bolsos de dinheiro, viviam de luxúria...

O sócio, Astrogildo Pepita, cria da região, no início agia com cautela diante dos sócios, no entanto, os anos transcorreram... passou a confiar; o quê custou-lhe a vida.

O danado do olho grande entrou em cena, os cariocas começaram a trapacear, resolveram por eliminar Astrogildo, sentaram o dedo no sujeito... Os assassinos concretizaram o crime enterrando o corpo às margens do rio Amazonas.

Retornaram à cidade como se não tivesse rolado nada... Os conhecidos de Astrogildo perguntaram o paradeiro do ourives... Os meliantes, maliciosamente, alegaram uma viagem para tratar de doença grave na família.

O sabido dos chegados dizia ser a vítima pipa voada, solto no mundo, desatado dos nós... Ninguém mensurava notícia de vínculo familiar, mas engoliram o papo dos sacripantas.

Os malfeitores lotaram a conta bancária, o ponto de ouro cresceu de vento em polpa; tinha propaganda na televisão, prospecto na calçada, visita no lar e pirulito nas costas da garotada: **COMPRO OURO!**

Os espertos roubavam os garimpeiros na balança, ofereciam prostituição, crédito, hospedagem em Porto velho, tudo a peso de ouro... Os trabalhadores eram explorados, literalmente, contudo se submetiam ao tratamento desumano.

Acumularam muita grana, viraram isca fácil da ganância, partiram para a extração do ouro. Ali firmaram a carreira de bandido, reagiam à bala perante qualquer tentativa de impedir o garimpo ilegal nas reservas indígenas.

Envolvidos no câmbio negro do ouro, sofrendo a resistência dos índios, elaboraram uma estratégia. A atitude consistia em poluir o rio com mercúrio — consequência da tecnologia empregada na retirada do ouro — assim matariam os peixes, destruiriam a agricultura de subsistência, exterminariam os nativos de fome.

O plano ia em frente, possuíam costas quentes, corrompiam os políticos, faziam loop em Brasília; recebiam as vantagens da presunção de boa fé, quanto à origem do ouro comercializado, prerrogativa de facilitação do câmbio negro.

Confiando na impunidade passaram a boiada, destruíram o meio ambiente, arrancaram as árvores, contrabandearam madeira de lei; devastaram a Floresta Amazônica!

O povo da floresta entrou pelo cano, quase foram dizimados, indo a óbito centenas : uns por inanição, outros de tiro. As aldeias viraram depósitos de maltrapilhos...

O cacique da etnia, ciente da força bélica dos pilantras, juntou a tribo, surpreendeu os algozes, respondeu à invasão com o grande conhecimento, a maestria da magia Xamã... Introduziu o ritual, deitou de braços abertos no solo, tipo abraçasse a terra, suplicou o sopro do ar, reverenciou os seres da água, conclamou o fogo a trazer a luz!

Escureceu o céu da manhã, logo tomado por um clarão o qual ofuscou a visão dos presentes... Os povos originários da floresta ajoelharam em súplica aos poderes da mãe natureza. Os animais apareceram, vindos dos meandros da mata, a floresta parecia ciente da presença de Tupã!

Os botos cor de rosa brindaram o momento com a sua simpatia peculiar, os crocodilos, de papo pro ar, concentravam-se diante da liderança indígena. Os pirarucus saltaram em sinal de força, a onça rugiu, os macacos conversaram entre si; as manifestações só cessaram com o grito de Tupã: — Ra! Ra! Raaaaa...

Os malfeitores estupefatos com os fatos: com o tremor do solo, o assovio do vento, a revolta das águas, a temperatura do fogo, tudo no entorno ganhava vida, reagia à destruição da floresta.

Os invasores feito baratas tontas, perderam o plume, piraram na batatinha; ingressaram na fuga pelo rio, sendo surpreendidos por um tsunami jamais visto naquelas bandas... As ondas encobriram o horizonte, varreram as balsas, as barcaças, toda a logística do crime ambiental.

Os criminosos embrearam na mata fugindo da revolta do rio, porém as onças fizeram a festa, mastigaram a carne fresca dos maledicentes; não sobrou nada pra contar a história dos desgraçados.

Após o fenômeno, os botos sugaram o mercúrio, entregaram o líquido aos macacos, que transportaram ao buraco cavado pelos tatus: orifício, sem fundo, destinado à contenção dos detritos. A imponderação resultou na limpeza do meio ambiente...

O cacique levantou — passado a manifestação do Deus — ergueu os braços em devoção, depois encostou as mãos em sinal de prece; solicitou a presença dos descendentes da aldeia, passou o bastão, mergulhou no rio — desapareceu — deixou a

lição de poder aos mais jovens, e como exemplo entregou a própria alma em oferenda ao Deus Tupã...

As cobras, as piranhas, os jacarés, fizeram um cordão de isolamento, fecharam as trilhas, inviabilizaram a presença dos homens da cidade na mata. Os vírus unidos às bactérias infestaram cada palmo daquele chão, tornaram o habitat impróprio aos indesejáveis.

Dos idiotas do Rio de Janeiro, até hoje, nem se tem notícia, engrossaram a lista dos desaparecidos... A população trata o caso como lenda, exercício de cultural oral, de boca em boca, de geração em geração; porque quem duvida pode ser condenado ao mistério, pisa na mata molhada e some.

O ponto de ouro foi a leilão, terminou nas mãos de um deputado federal, continuam as negociatas; entretanto, resumiu-se ao varejo, adquirindo os restos da classe média de Rondônia...

Tupã recolheu a energia, tirou férias no Triângulo das Bermudas, na América Latina; atento a qualquer revira volta da febre do ouro na Amazônia...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame -
Mônica Prado

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO
POR LUCIANA SIMON DE PAULA
LEITE



O SILÊNCIO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Marina dobrou a camiseta, que se encontrava jogada sobre a cadeira da escrivaninha. Os pares de tênis espalhados pelo quarto e a cama desarrumada compunham o quadro de desorganização que ela precisava superar. Já tinha ouvido muitas vezes as pessoas comentando, em especial profissionais da área da saúde mental, que o estado psíquico subjetivo é refletido por atos exteriores. Como a procrastinação, o excesso de sono, a falta de autocuidado, o adiar sair de casa, cumprir compromissos, fazer o café, pagar as contas vencidas. E se lembrar das vencidas.

Possuía quarenta anos, era formada em jornalismo e estava desempregada há um ano. Seu último trabalho numa revista virtual de entretenimento custou-lhe a saúde, sendo diagnosticada com síndrome de burnout. Competitividade, falta de horários para repouso, alimentação, exercícios físicos. Via amigos e família raramente, nos curtos espaços de tempo que lhe sobravam. Tempo esse que passava por ela, escorria entre seus dedos, não se dava sequer conta de que estava vivendo. Talvez porque estivesse tão somente presente no mundo como autômata.

Sua vida emocional era nula. O último namorado deixou-lhe dívidas e a pecha de traída publicamente pois divulgou em sua rede social fotografia todo sorridente ao lado de uma modelo magérrima. E alta. Bem sabia, mulheres não são valorizadas como deveriam em nosso país justamente pela força da cultura patriarcal. Mas aquilo foi triste. Humilhante. Ela achava que seus atributos intelectuais, seu lado carinhoso e generoso, pois sempre foi muito boa companheira, fossem raros. Importantes, como não poderiam ser? Sua essência. Mas descobriu, constatando mais uma vez o que outrora já vivera repetidamente, que não era bem assim que o universo masculino pensava. Se é que pensava. Foi trocada como uma camiseta velha, talvez parecida com aquela amarfanhada jogada sobre a cadeira que havia acabado de dobrar.

Mas Marina se recusava veementemente em se enxergar como a tal camiseta velha e desbotada. Que por sinal ela adorava, era confortável e fresca. Precisava reagir. Começando pela organização essencial do quarto. Abriu a janela ampla, que dava para um jardim modesto e bem cuidado, onde existia uma amoreira. A casa era fruto de herança de sua avó a qual, por estar desocupada, foi oferecida por seu pai para que residisse temporariamente sem qualquer custo, além das despesas pela moradia que pagava com suas economias. Sua avó Laurita sempre foi apaixonada pela amoreira. Em memória da querida senhora, não deixou de remunerar o jardineiro para que viesse a cada quinze dias cuidar das plantas. E se arrastava para molhá-las como orientado, por puro dever moral. Era o mínimo por estar habitando a casa da avó. Era seu dever cuidar da amoreira para que ela não secasse, não fosse fulminada pelo calor insuportável e as chuvas avassaladoras do verão desequilibrado. Aquecimento global em pauta. É o fim dos tempos. Não podia pensar de modo diferente.

Marina possuía um único irmão, Clóvis, o qual vivia em união estável e tinha filhos, um casal. Sua mãe Verônica havia falecido de mal súbito, há mais ou menos quinze anos. Que saudade dela! Era doloroso lembrar. Pior ainda, saber que não tinha mais seu colo por perto para repousar a cabeça e receber um cafuné, como ela fazia tão bem. Era tão gostoso isso, ser tratada como menina quando se sentia machucada ainda que,

cronologicamente, fosse adulta. Mas quem pertenceria, não é mesmo, ao mundo dos senhores adultos e maduros que jamais sentem nada? Talvez os psicopatas. Ou os gélidos e gélidas, vai saber.

Olhou-se no espelho do corredor. Estava mais velha, os cabelos em desalinho, olheiras. Sua cor estava mais para amarelo. Precisava reagir urgentemente. O ano começava. E como lera e ouvira na terapia, primeiro você. Olhe para si mesma. Ame-se. Aquela imagem convictamente não correspondia a alguém que sequer tivesse algum apreço por sua pessoa.

Foi até a cozinha. Iria fazer um café para acordar. Chega de dormir. Havia hibernado por tantas horas e por tantos meses a fio. Arrastava-se para realizar as tarefas mínimas. Foi ao médico, ingeriu a medicação prescrita, não deixou de fazer terapia. Mas aquele abismo dentro de si, uma dor pungente e acima de tudo, um cansaço incomensurável continuavam presentes. Recordando-lhe que a vida não valia muito a pena. Mas será que estava certa? Ou seu cérebro estava alijado de serotonina? Foi aconselhada, faça exercícios porque seu organismo irá produzir a substância do bem-estar. A questão, só de pensar em se mover já sentia exaustão.

Já não abria seus e-mails há tempos. Talvez uns vinte dias. Mas hoje, decidida a sair da prostração, a reagir, resolveu olhar a caixa postal no computador. Provavelmente não veria nada além de spam e propagandas de produtos que não tinha, simplesmente, qualquer capacidade financeira de adquirir. Mas era ao menos algo para se fazer.

Chamou-lhe a atenção uma correspondência virtual em especial. Apresentava a alusão, como remetente, de um jornal conhecido. Pensou, oferta para assinatura, mas que chatice. Por via das dúvidas, vou olhar.

Foi então que de modo absolutamente surpreendente, leu em letras cuja proporção não era diminuta, que “o currículo da senhora foi selecionado para vaga de emprego em nossa unidade local. Favor comparecer no dia 30 para início das funções”. Aquilo não podia ser real. Será que ainda estava sonhando?

Marina levantou-se, afastando-se do computador. Estava chocada com a notícia. Por tanto tempo mandou currículo para integrar a redação daquele jornal, sendo ignorada por completo. Já havia perdido a esperança. Não lhe importava o setor, as pautas que iria cobrir. O que queria e precisava era trabalhar. Concentrar-se em algo produtivo. Sair de casa, conversar um pouco com seres vivos. Ainda que seu trabalho dependesse de produção individual, com jornada mista, permanecendo em home office pela maior parte do tempo do expediente semanal. Sim, sabia que era a tal escravidão de horas a fio e sem limites para preparar as matérias. Contudo, como iria entrar na empresa, também não desconhecia que a cobrança seria menor e as tarefas, mais singelas. Iria desempenhá-las com competência e seriedade. De toda sorte, não desejava mais repetir o quadro de compulsão pelo trabalho e atendimento ilimitado das exigências dos superiores, com sua desumanização e adoecimento, conforme já tinha experimentado.

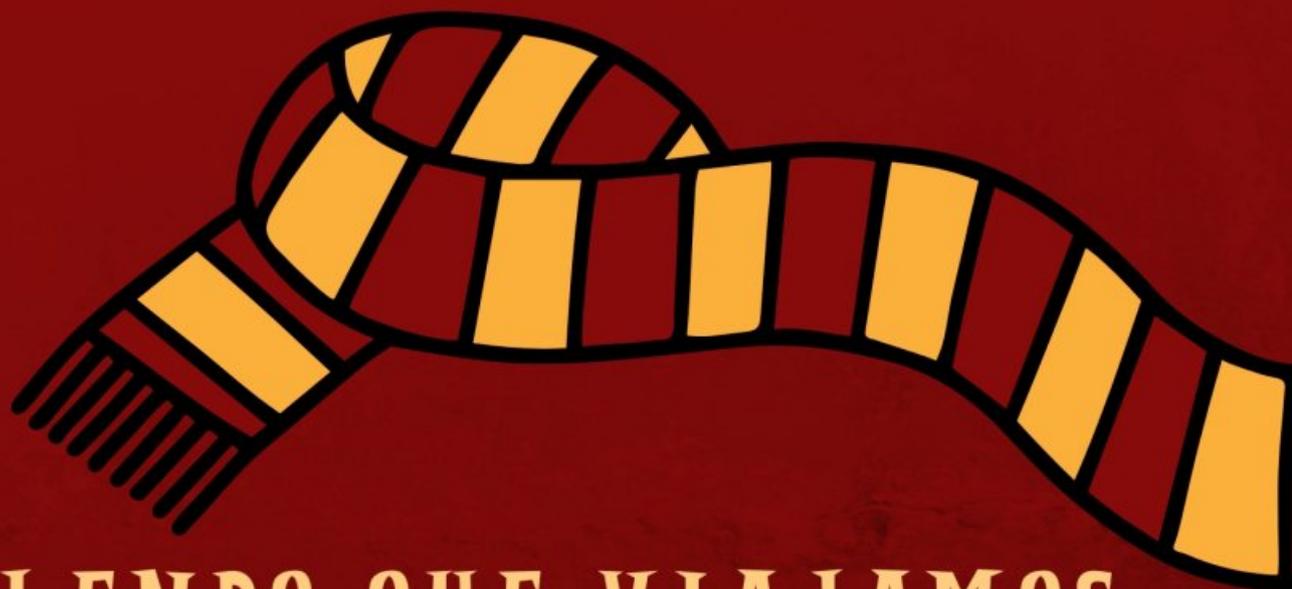
Olhou para a folha do calendário, exposto na estante. Dia 15. Por sorte, não perdera o tal do dia 30. Era preciso não aniquilar a esperança. Talvez fosse isso que deveria extrair do acontecimento.

Marina então, tranquilizada pela boa notícia que a meses esperava, sentou-se no sofá. Pegou a xícara de café, que estava ainda morno e pouco adoçado. Sorveu o líquido levemente denso e saboroso. Ficou estagnada por alguns instantes apenas escutando tudo ao redor. Sua respiração. O som de pássaros lá fora. Um carro acabou de breicar na lombada, sem intensidade. Não devia estar correndo. Por fim, ausência de sons, não soube precisar a duração, mas é certo, existiu.

Então, concluiu: talvez eu apenas precise não me abandonar. Não ter medo do silêncio. Ele me acompanha. E conforta. Talvez eu tão somente não deva desistir de dias melhores. Porque dependem, muito, de mim mesma.



Luciana Simon de Paula Leite exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



VERMELHO TINTO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

São Paulo. Av. Paulista. Num luxuoso apartamento de cobertura.
O grito rasgou a noite calma feito uma navalha na pele.
Seria um assalto? Assombração? Fantasma?

Aterrorizante e aterrorizado.

Enlouquecedor e enlouquecido.

Toda angústia e horror do mundo emanaram daquele grito. Veio das profundezas da alma, num rastro de desespero, e deixou o corpo trêmulo completamente vazio.

O que teria ocorrido?

O grito continuou a ecoar pelo apartamento muito tempo depois de ter sido emitido. Fixou-se nas paredes, nas vidraças, no mobiliário, nos tímpanos...

... E foi delicioso de ouvir.

Sheila, sentada à mesa na sala de jantar, prosseguiu impassível a degustar uma taça de vinho tinto. Sua boca, pintada numa tonalidade idêntica à bebida, esboçou um sorriso. Deslizou vagarosamente a língua molhada entre os lábios, saboreando. Suspirou.

— Depois de tudo, valeu a pena chegar a este momento...

Em seguida, escutou sons engasgados a medida em que seu cônjuge na cozinha despejava todo o conteúdo do estômago para fora.

O sorriso abriu-se mais, revelando os dentes perolados.

Logo em seguida, surgiu o marido, Danilo Guedes de Alcântara Botelho, executivo do setor automobilístico. Cambaleava feito ébrio a murmurar incoerências. Apresentava uma palidez doentia. Respingos de vômito alaranjado ornamentavam sua camisa em algodão azul. Envelhecera anos naqueles poucos instantes em que deixara a sala de jantar.

Sheila depositou a taça sobre a mesa e, fisionomia inocente, indagou:

— Tudo bem, querido?

Ainda dominado pela ânsia, Danilo apontou-lhe um indicador trêmulo:

— O que foi que você fez?

A esposa, por sua vez, rebateu-lhe a pergunta:

— O que foi que *você* fez?

Ele tentou caminhar até onde ela estava, deixando transparecer uma fúria demente nos olhos lacrimejantes.

A mulher se levantou e, em pé, aguardou como quem observava um bebê em seus primeiros passos.

Todavia, sentindo uma dor crescer e queimar a partir de seu estômago e espalhar-se pelo corpo todo, o homem de meia idade foi acometido por convulsões, ajoelhou-se e, por fim, desabou aos pés da esposa.

Morto.

Sheila Vargas Botelho contava atualmente quarenta e oito anos. Era uma mulher de educação refinada, oriunda de uma família tradicional do interior paulista a qual valorizava o sobrenome. Por isso, fizera questão de manter o Vargas, embora, sem relação alguma com o antigo presidente. Fora uma adolescente mimada que gostava de assistir filmes como: *Edward Mãos de Tesoura*, *Esqueceram de Mim*, *Forrest Gump*, *Tomates*

Verdes Fritos e Uma Linda Mulher. Casara-se bastante jovem com Danilo, quando este acabara de se formar e, por influência do sogro, conseguira vaga em uma multinacional. Isso obrigara o casal a partir do campo para a cidade grande, algo com o qual ela jamais se acostumara.

Para ela, desde o princípio, Danilo fora o seu "príncipe encantado". Parecia uma coisa tola de se dizer e pensar, mas era assim que se sentira desde que o vira pela primeira vez e nos anos que se seguiram, quando ele a escolhera como namorada e esposa. Algumas mulheres flertavam pela vida feito beija-flores, sem encontrar parada. Sheila não. Casara-se com seu primeiro namorado e estivera com ele nas décadas seguintes, nos bons e maus momentos, como se vivesse dentro de um sonho adolescente que se concretizara, seu particular conto de fada com direito ao "felizes para sempre".

Com tempo e esforço, Danilo alçara o posto de diretor do setor financeiro da multinacional. E, como convinha a alguém de seu *status*, cinco anos atrás, ele e Sheila mudaram-se para a cobertura de um edifício no alto da Av. Paulista. De lá, tinham a visão de toda São Paulo como se a metrópole lhes pertencesse.

Sheila ainda era uma bela mulher, porém, os anos como dona de casa deram-lhe uns quilos a mais e um certo descuido em relação a própria aparência. Atribuía isso não somente as suas raízes campestres como ao simples fato de ser feliz.

O despertar chegou subitamente numa tarde, enquanto e empregada colocava a roupa para lavar.

Uma peça chamou a atenção de Sheila e ela a apanhou, antes que fosse para a máquina.

Era uma das cuecas de Danilo. Nela, havia uma mancha avermelhada.

Ficou em choque como se tivesse recebido um tapa no rosto sem ter ninguém ao redor. Uma lividez cadavérica tomou conta de seu rosto.

— Ba... ba... batom! — gaguejou.

Todo o seu mundo ruiu feito um castelo de cartas. Sentiu-se tragada por um redemoinho escuro, ruidoso e profundo. Dirigiu-se ao quarto em passos de sonâmbula e lá passou o restante do dia a fitar aquela peça, a mancha e o vazio do teto.

Batom.

Vermelho tinto.

Boca pequena e carnuda.

Um lado perverso de sua mente cuidou de montar a cena sobre como aquilo poderia ter ocorrido.

Então, as lágrimas brotaram e outra pessoa que não imaginava existir dentro de si emergiu.

— Maldito!

Para compensar a perda de um amor incomensurável, por vezes fazia-se necessário substituí-lo por uma ira desmedida.

Sheila trilhou esse caminho. Não fez escândalo. Nada deixou transparecer. Continuou a tratar Danilo com o zelo e carinho de sempre, todavia, diante do espelho, ela e seu reflexo planejaram.

Um dia, sob um pretexto qualquer, apareceu inesperadamente no escritório do marido. Lá, ela apanhou uma sugestiva troca de olhares entre Danilo e uma estagiária. Esta devia ter pouco mais de vinte anos. Era linda, corpo perfeito e rosto de anjo. A boca pequenina de lábios generosos era realçada por um batom berrante de um vermelho tinto.

Danilo sobressaltou-se.

— Que-querida, que surpresa! O que faz por aqui?

— Passandinho... Não me vai apresentar à mocinha?

— Claro, claro. Está é Camila. Camila está é...

A estagiária adiou-se.

— Sra. Botelho, muito prazer.

Sheila tomou a mão da outra na sua. Era miúda, macia, quente e delicada como um filhote de pomba. Dela emanava um aroma suave, sem os exageros adocicados de certos perfumes. Os cabelos pretos e lisos desciam em "V" até a metade das costas. As unhas estavam perfeitas, esmalte combinando com os lábios. Aqueles lábios...

— Adorei a cor de seu batom — falou casualmente. — Precisa me contar onde o conseguiu...

A partir da semana seguinte, Sheila decidiu frequentar uma academia de ginástica e, com mais assiduidade, o salão de beleza. Se não podia recuperar a juventude, ao menos queria de volta o vigor e a boa forma. E ambos vieram na mesma proporção em que suas roupas tornaram-se mais justas e curtas. Cuidava da casa com esmero e preparava as refeições favoritas de Danilo. Passou a fazer amor com maior frequência e entusiasmo, ousando aventurar-se em ações e posições que confrontavam os ensinamentos puritanos recebidos na juventude interiorana.

— Céus! O que está acontecendo, Sheila? O que tem tomado? — Falou certa madrugada o marido, após seu terceiro orgasmo. — Nem parece você!

— Renasci — respondeu laconicamente, enquanto limpava a boca nas costas da mão.

— Continue assim... Ufa!

— Continuarei.

Então, chegou a noite.

Era sexta-feira...

... Treze.

Danilo tivera uma reunião particularmente cansativa. Estava irritado e indisposto.

Camila faltara ao trabalho sem dar satisfações. Ela sabia que seu auxílio na reunião seria necessário.

Ademais, ele pretendia chegar mais tarde no apartamento, dando como desculpa o serviço, levar a estagiária num motel e mostrar-lhe alguns truques que, extraordinariamente, aprendera com a esposa. Contudo, a ausência da amante pusera

tudo a perder. Ela devia ter, pelo menos, enviado uma mensagem! Talvez estivesse se achando muito poderosa. Questionou-se se não seria hora de cortar-lhe as asas. Ao colocar os pés no apartamento, uma surpresa.

— Querido!

Sheila o aguardava mais sedutora do que nunca, vestindo uma camisola bem decotada cujo tecido insinuava tudo o que havia por baixo. Estava mais claro do que a luz do dia que, por baixo daquele tecido, ela estava nua. Os cabelos castanhos derramavam-se sobre seus ombros, emoldurando-lhe o rosto. Sua expressão era ausente, todavia, havia um brilho divertido no fundo dos olhos.

Danilo atentou-se ao relevo e textura daquele pescoço, o vale glacial do colo da mulher e, mais abaixo, os montes gêmeos dos seios. Onde foi parar a sua namorada orgulhosa, ingênua, de modos recatados e gestos comedidos? A culpa estaria nos hormônios que andava tomando? Entretanto, o que mais o surpreendeu foram os lábios dela. A esposa nunca fora adepta de maquiagens exageradas. Tampouco precisava disso, pois possuía um encanto natural que transcendia o tempo. Agora, lá estava Sheila com uma generosa camada de creme no rosto e, destacando-se feito uma mancha de sangue num lençol nupcial, o familiar vermelho daquele batom, idêntico ao de Camila.

— O que foi, querido, algo o assustou?

— Nada não. É que não esperava vê-la assim.

Teve de reconhecer: essa mistura do refinado e do ordinário mexeu com sua imaginação. Sheila estava provocante. Apesar do cansaço, Danilo não ficou imune aos efeitos que aquela visão provocava. Sem se dar conta, apalpou-a todinha com os olhos.

— Pobrezinho, que expressão exausta! — falou ela, sorrindo. — Tire já essas roupas e vá tomar um banho para relaxar, enquanto eu arrumo a janta. Fiz ensopado de carne. Mais tarde, continuamos nossos assuntos, afinal, é sexta-feira...

Dizendo isso, levou despudoradamente uma das mãos ao pênis do marido.

— Hum... Parece que alguém aí não está de todo cansado.

Sem resistir, Danilo soltou sua pasta no chão da sala, agarrou a esposa pelas nádegas e deu-lhe um beijo demorado, fazendo sua língua duelar com a dela.

O membro entre as pernas intumescceu de vez.

— Vou pro banho! — gemeu ele, desgrudando-se a contragosto.

Enquanto se despia, sentiu-se um sujeito de muita sorte. Afinal, a noitada que esperava ter com Camila não seria de todo perdida.

— Delicioso! — elogiou Danilo, enfiando outro naco de carne na boca. — Há tempo você não cozinhava.

— Também senti falta de exercitar meus dotes culinários.

— Não vai comer? Só está com essa saladinha e as frutas...

Ela balançou a cabeça.

— Não. Você sabe que estou de dieta. Preciso me cuidar. Relaxei durante muito tempo. Isso foi um erro. Não é só questão de vaidade, querido, mas de saúde. — Por

baixo da mesa, levou seu pé direito até o vão entre as pernas do marido. — Se é que me entende...

— Desse jeito, terei uma indigestão.

— Oh! Não queremos isso, não é mesmo? — Sheila bebeu um gole de vinho e, procurando soar casual, indagou:

— Por que será que no Jardim do Éden havia uma serpente?

O executivo fitou-a, intrigado, porém, a visão dos mamilos da esposa sobressaindo-se no tecido tomaram-lhe toda a atenção. Sem desviar os olhos deles, respondeu:

— Nunca fui coroinha, mas creio que estava lá para tentar Adão e Eva...

— Sim, sim... Mas com autorização de quem?

— Sei lá. Qual a razão disso?

— Apenas divagando. — E deu-lhe uma piscadela maliciosa.

Danilo abocanhou o último pedaço de carne, boca lambuzada de molho. Observou os lábios de Sheila, enquanto esta mordiscava uma folha de agrião. Engoliu em seco. Duas fomes dentro de si suplicavam para ser saciadas. Cuidaria de dar fim numa delas primeiro.

— Continuo faminto!

A mulher levantou a cabeça de sua salada.

— Quer que eu pegue mais comida?

Ele admirou novamente o decote da camisola, cujo conteúdo Sheila exibia com falsa inocência, mantendo-se debruçada sobre a mesa.

Danilo tornou a engolir em seco.

— Não precisa, amor. Eu mesmo vou até a cozinha.

— Está bem. A carne está no panelão; o arroz, na panela menor.

Enquanto caminhava até a cozinha, o executivo voltou a pensar sobre como era afortunado. Nunca cogitara de trair a esposa. Entretanto, a natureza falara mais forte. E Camila... Bem, Camila mostrara-se disposta a tudo para ser efetivada na empresa. Era um brinquedinho bonito e agradável e ele faria bom uso tanto quanto — estava perfeitamente ciente disso — ela o estava usando.

Na cozinha, o cheiro do ensopado fez sua boca salivar. Foi até o panelão e tirou a tampa.

— CRUZES!

Ali, cercada pelo molho como uma ilha hedionda, Danilo viu a cabeça da estagiária. Parte de seu rosto estava descarnado. Os cabelos pretos emaranhados no extrato de tomate e batatas cozidas. Pedacos de orégano faziam-se de sardas. Os olhos leitosos e inchados fitavam-no de um outro mundo. Os lábios miúdos, entreabertos, ainda exibiam restos de batom.

Vermelho tinto.

O berro do executivo transbordou de forma tão violenta quanto o conteúdo de suas entranhas que jorrou em seguida.

A friagem da noite penetrava no apartamento através das cortinas.

Sheila Vargas Botelho retornou para a sua cadeira, terminou de comer a salada e bebericar o vinho. Manteve seus olhos fixos no corpo do marido, mas não o via. Mastigou metade de uma pera e uma fatia de melão. Depois, limpou a boca no guardanapo, o qual ficou manchado de batom. Sentia-se numa espécie de transe, o espírito muito longe dali. Tudo ao seu redor era estranho. Não fazia parte dela, de seu mundo, de seus sonhos pueris. Terminou de jantar. Apanhou a bolsa, retirou o batom que pertencera a Camila e retocou os lábios.

Não fora difícil descobrir o endereço da estagiária no *smartphone* de Danilo. Tampouco convencê-la a deixar entrar sob a desculpa de levar-lhe alguns cosméticos franceses. Ameaçara a jovem com uma faca e amarrara-lhe as mãos por meio de uma corda de náilon. Obrigara Camila a proporcionar-lhe idêntico prazer que ela vinha oferecendo a Danilo. Entre lágrimas e protestos, a boca pequena encontrara os pequenos lábios. Sheila jamais imaginara que tamanho prazer fosse possível. Seu desejo fora tamanho, tão molhado e duradouro que acabara por sufocar a jovem antes de atingir o clímax em uma dezena de espasmos nada discretos.

O restante ocorrera como se outra pessoa agisse em seu lugar. Não reconhecera suas mãos ao manejar a lâmina. Não fora ela quem retornara ao próprio apartamento, trazendo o embrulho macabro. Tampouco preparara a janta apetitosa. Fora o outro alguém que ignorava viver dentro de si e saíra do poço de seu rancor. Sua personagem tomada pela luxúria e anseio por vingança.

Sheila levou seu prato e do marido até a pia, voltou para a sala, olhou o cadáver. A camisa azul ficara amassada, reparou. Recordou-se de um velho filme que ainda figurava entre os seus favoritos. Murmurou:

— "*O segredo está no molho.*"

Nada que uma pitada de veneno não tivesse posto um ponto final na trágica comédia.

Sem o amor incomensurável.

Livre do ódio desmedido.

O que poderia restar?

Vil exasperação?

Só o vazio.

Deixou cair a camisola a seus pés. Sim, era uma bela mulher. A seguir, completamente despida, andou até a sacada da cobertura. Arrepiou-se toda diante da brisa gelada.

Milhares e milhares de luzes cintilavam mais abaixo. Era como se todas as estrelas tivessem despencado do céu. Ou estaria o céu lá embaixo e, ali no alto onde estava fosse, em realidade, o inferno?

Sim, podia ser isso. Tinha que ser isso.

Subiu no parapeito, sentindo o frio do concreto.

A metrópole não lhe pertencia. Fora ela que a consumira.

Quarenta andares abaixo, a Av. Paulista ressonava sem nunca dormir.

De repente, sem motivo algum, recordou-se da estrofe de um poema que lera dias antes de seu mundo virar de pernas para o ar. Balbuciou:

— *Tão grande é a noite dentro de nossos sonhos... Tão grande é o sonho dentro de nossas noites...*

Finalmente, Sheila pulou para o vazio, desejosa de alcançar o "céu" e retornar para os campos e colinas de sua infância.

NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi originalmente publicado na antologia "Batom Vermelho" (Dark Books, 2021), organizada por Gisele Wommer.

ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de duzentas e noventa antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

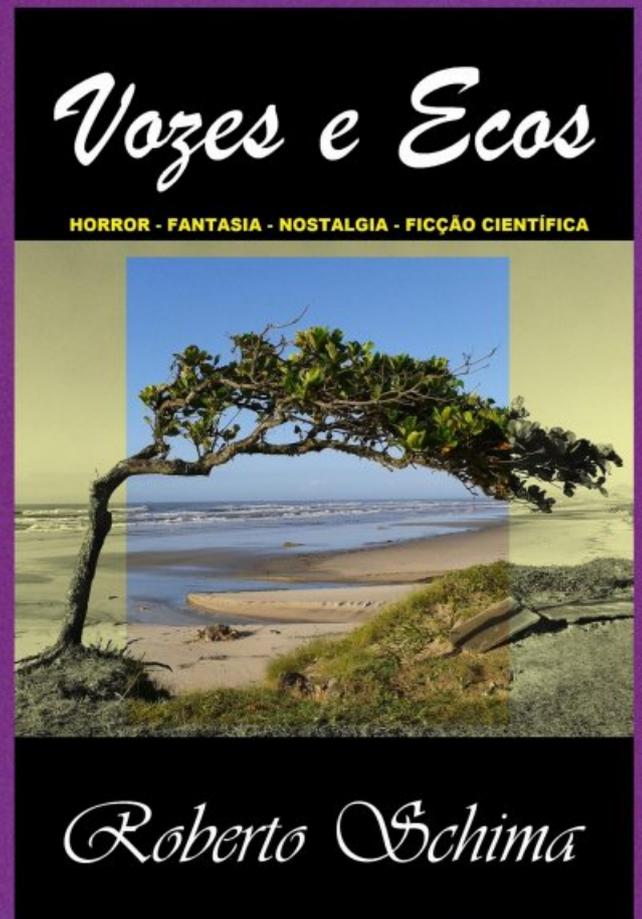
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, androides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCYRTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encyrtador.com.br/cdtr5)



CONTO
POR SELMA LUANNY



PASSOS PARA O COSMOS

PARTE IV

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

As interações diárias dos humanos com a robótica já envolviam uma linguagem inteligente em que ambos tiravam bastante proveito do relacionamento, com troca de opiniões e aprendizados mútuos, mesmo sendo já a robótica parte da estrutura física da colônia.

Excetuando a parte sentimental e filosófica profunda, os robôs já tinham uma invejável e dinâmica inteligência. E o raiar de uma consciência individual e coletiva já era evidente.

E os humanos chegavam a ter sentimentos por eles, como sempre fora próprio dos humanos desenvolver sentimentos por objetos, plantas e/ou outras espécies animais.

E a limitação espacial da vida na colônia abria possibilidades para maiores e mais profundas interações entre todos os seus habitantes.

Férias fora da colônia estavam fora de questão, pelo menos para o futuro à vista, o que aumentava os contatos frequentes e até necessários entre todos - humanos e robôs/inteligência artificial. Mas a colônia expandia no subterrâneo e contornava obstáculos geográficos com túneis e veículos de alta velocidade sobre bases magnéticas.

Dado à limitação da vida no subsolo, eventuais discórdias que pudessem levar a distúrbios maiores eram tidas muito a sério e logo analisadas e sanadas.

Desde que a humanidade reconheceu os seus pontos fracos, os quais durante longo tempo, a impediram de se aprimorar, incluindo guerras e tendências à violência - muitas vezes gratuita -, tem trabalhado incansavelmente para se redimir e eliminar estas inclinações das suas comunidades e países. Não se podia aceitar distúrbios – econômicos, raciais, religiosos, de gênero ou quaisquer outros - que pudessem colocar em risco o futuro da humanidade e possivelmente, da Terra e da colônia Marciana.

III

Quanto aos falecimentos, a morte de qualquer morador da colônia era tratada de acordo com os seus desejos, após a cremação do corpo. Não havia condições possíveis para se desenvolver um trabalho relacionado a enterros ou destinos dos corpos, integralmente - a não ser para estudos científicos devidamente autorizados em vida pelos mesmos, e no interesse da evolução humana.

A área externa não deveria ser contaminada por corpos em putrefação para não possibilitar a ocorrência de uma proliferação de germes de origem terrestre em larga escala, no solo marciano.

Era já normalizada para todos e todos sabiam e aceitavam o destino dos corpos após a morte.

A parte construída era necessária e só suficiente para o bom andamento da vida na colônia.

Portanto, era assunto encerrado.

Há de salientar que vez por outra houve algum indivíduo que chegou a desafiar o *status quo* do funcionamento e normas da colônia.

Mas, sempre procedeu-se a reuniões periódicas agendadas e a pedido ou emergenciais para resolver problemas e priorizar qualquer fator importante para manter o ambiente dentro da colônia num nível desejável e adequado de pacificidade e solidariedade.

Especialmente no século 26, entre os nascidos na colônia, houve pessoas muito inteligentes e até algumas consideradas gênios em diversas áreas do desenvolvimento humano, inclusive em engenharia e astrofísica.

Um desses indivíduos superdotados era uma mulher (A.E.S. as iniciais do seu nome). Viveu bem por 130 anos e ampliou a visão da humanidade sobre o Cosmos e o futuro do sistema solar e especialmente da Terra. O seu ideal – mais que um sonho - era que num futuro não muito remoto, fosse possível melhorar as condições terrestres o suficiente e mais rapidamente possível, para começar a equilibrar a sua biosfera e permitir um retorno gradual a uma normalidade quiçá semelhante à do século 19.

Dentre os projetos de sua autoria, houve um que pôde ser implementado duas décadas após a sua revelação para o Conselho da Humanidade. Era uma cadeia de grandes e complexas naves para se localizarem na atmosfera terrestre com a finalidade de agirem como "difusores" de tempestades violentas ou de grande volume de água e redistribuírem melhor os elementos, muitas vezes vitais, como a própria água, para regiões áridas. Este projeto, quando entrou em funcionamento, permitiu que essas regiões recebessem mais água e por consequência, podia impedir tempestades ou chuvas diluviais num só ponto. A ação difusora não só agia em áreas com maior volume de água, mas produzia um equilíbrio, reduzindo a ação destruidora das tempestades atmosféricas (como tornados e furacões), tornando-as menos violentas.

Apesar de estável, o Sol continuava a se intensificar em calor e radiação e isso poderia desestabilizar completamente a possibilidade da vida na Terra mesmo após uma futura nova era glacial.

Mas com o avanço da ciência e graças à robótica que se auto melhorava rapidamente, a humanidade da colônia aventava a possibilidade de retorno parcial à Terra dentro de 50.000 anos ou até muito antes, o que, dado ao empenho efetuado, já não era considerado impossível.

Era preciso manter a gravidade da colônia semelhante à da Terra e a população física e mentalmente saudável.

Com a vida suportada pela Ciência, os indivíduos nascidos em Marte, eram desde muito cedo, conscientizados e educados para a necessidade do avanço contínuo da mesma, pois eram a Ciência e a Tecnologia produzidas pelos empreendedores do passado e presente, as responsáveis pela sua existência e bem-estar.

Cap 3 – Avanços Pela Recuperação Da Terra

I

E chegou o ano 2.800.

A colônia Marciana já tinha 400 anos de povoamento com muito sucesso.

Afinal, cumpria as suas funções e preservava a humanidade para passos mais avançados quando chegasse a necessidade, a vontade e a capacidade de seguir.

De Marte, já eram lançadas sondas e missões para o resto do sistema solar.

E de Marte, saíam missões regulares para melhorar as condições da Terra.

Nos oceanos, foram instalados motores gigantescos que no sentido das correntes oceânicas, ajudava na movimentação contínua das águas para permitir a estabilização da sua oxigenação e temperatura. Este procedimento não só investia na diminuição da mortandade e extinção dos seres aquáticos como do restante do planeta Terra, pela interligação de todos os agentes atuantes no clima.

Um dos maiores desafios e empreendimentos Marcianos, graças à engenhosidade e projetos idealizados por A. E. S., que se dedicara à engenharia cósmica e o projetara havia já um século, foi um que fora posto a funcionar para solucionar num prazo o mais curto possível, o maior problema que atingia a Terra – a enorme e crescente radiação solar com consequente alta temperatura, distúrbios climáticos e extinções dos seres vivos, agravados ainda pelo alto nível de dióxido de carbono e metano na atmosfera.

(Nota de rodapé: quarta parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista)



Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, **Sellma Luanny** são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>

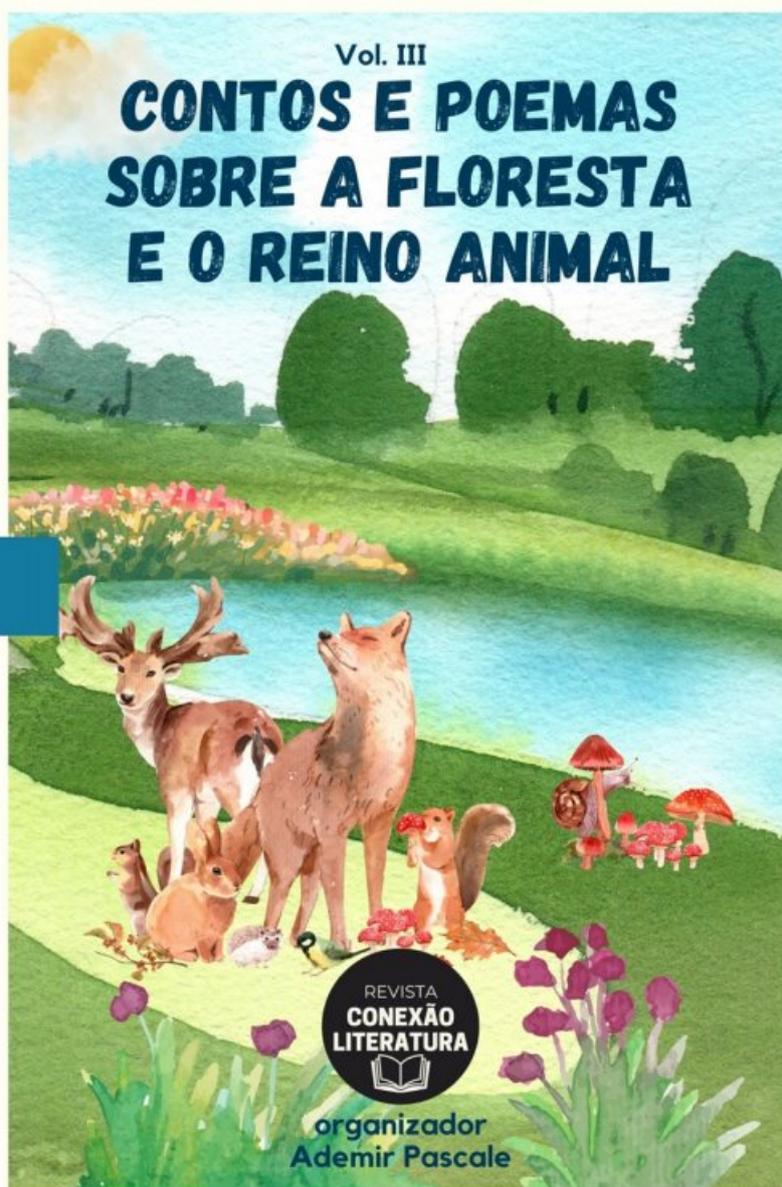


PARTICIPE DA ANTOLOGIA

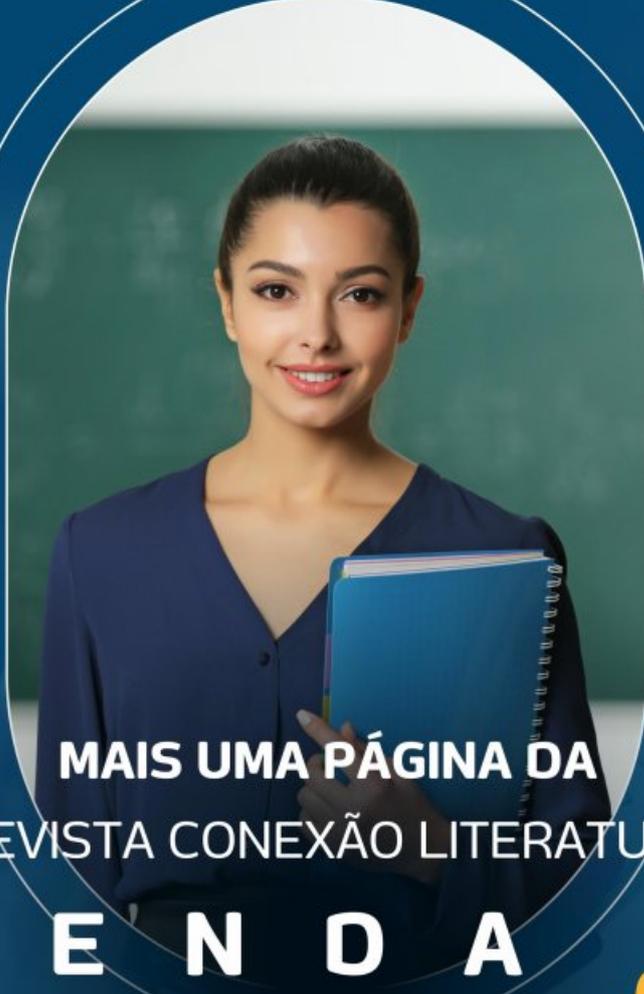
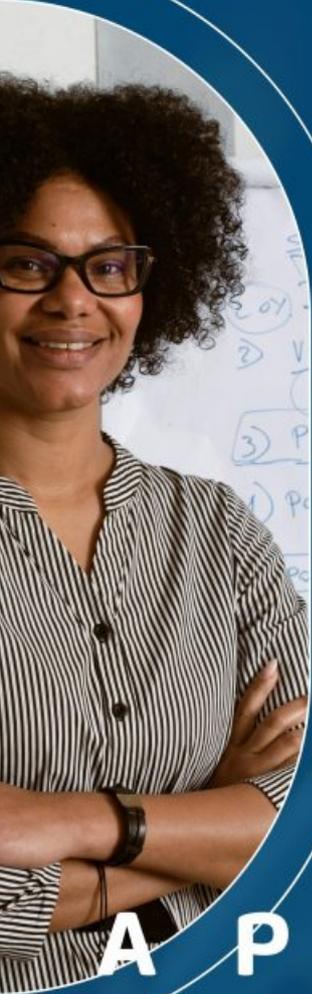
CONTOS E POEMAS SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL

VOL. III

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA

ACESSE

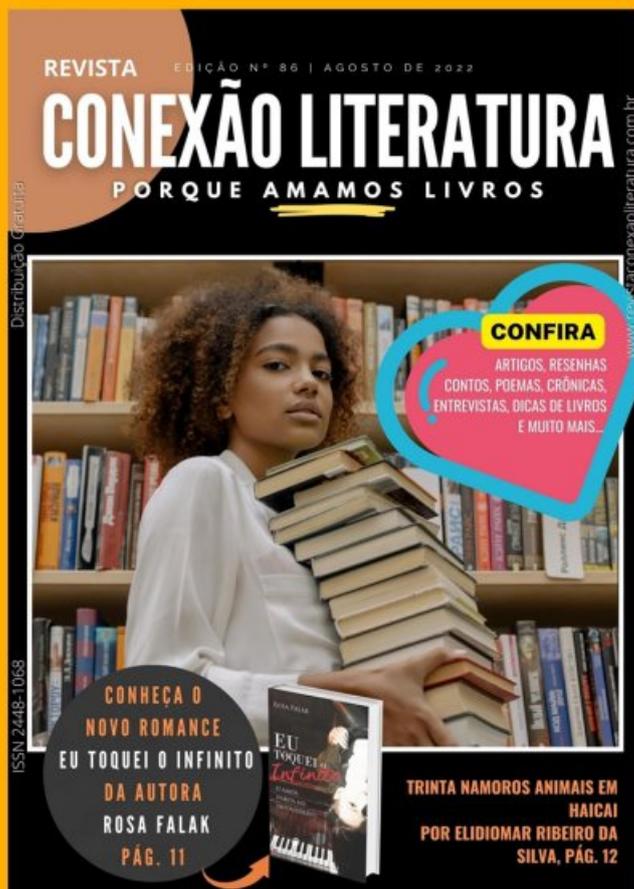
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

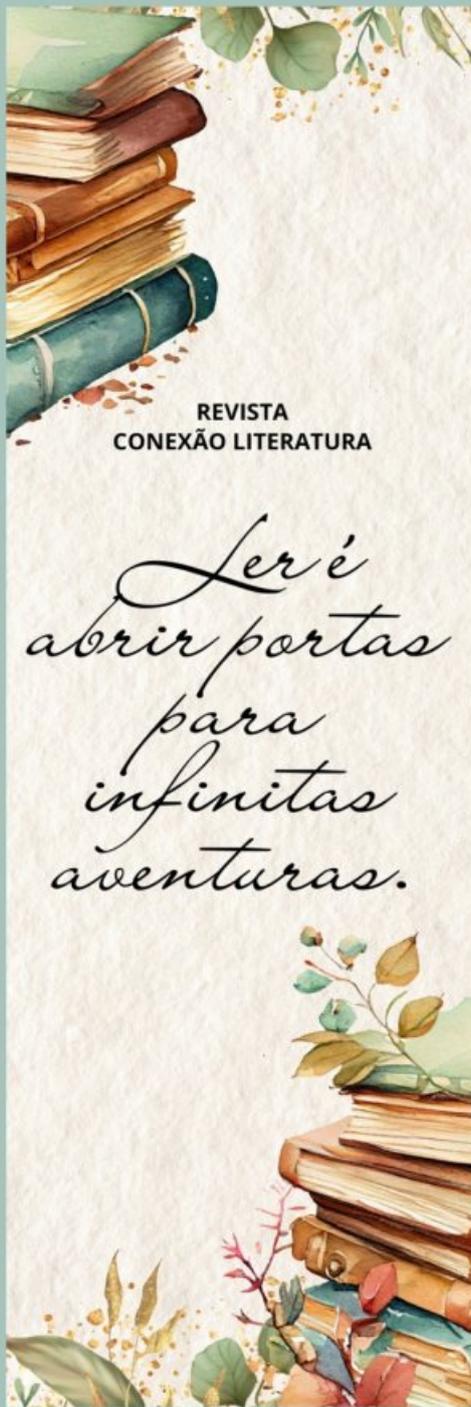
INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se

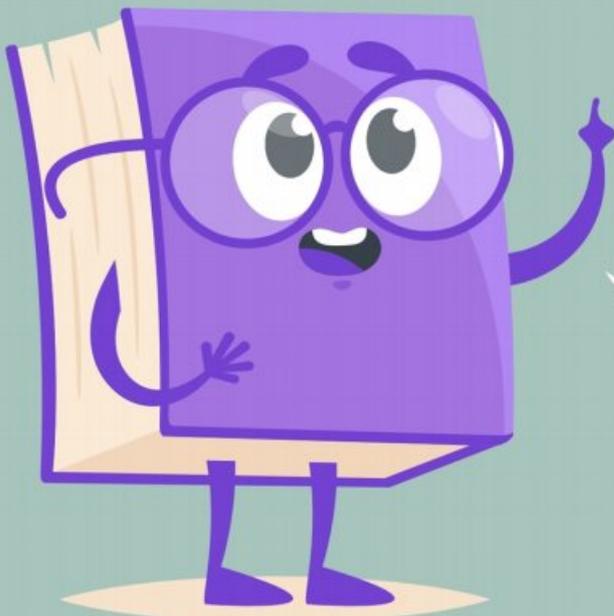


acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para
imprimir
e recortar!



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO



**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+759 MIL +115 MIL + 4 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) -

Portugal= € 500

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.03.2024

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd